

1120

DM  
GAVA/S1



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Edição 2003 | 2005

# Sobre o Conflito Estético na Adolescência Através do Rorschach

Seminário de Dissertação | Profª Doutora Maria Emília Marques

Discente | Susana Gavanha



17786

ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Comissão de Exames

Registo: 17786

Data: 30/10/08

Tel: 21 691 17 69 e [ispa@ispa.pt](mailto:ispa@ispa.pt)

## **Agradecimentos**

À Professora Dra. Maria Emília Marques pela sua preciosa orientação e, sobretudo, por me incentivar a *pensar*.

À minha família, por tudo. À Francisca e à Alice, pela inspiração.

Aos meus amigos, claro.

## Resumo

Este trabalho debruça-se sobre o Conflito Estético na Adolescência, através da análise do processo resposta Rorschach. Guiados pelos conceitos de Klein, Bion e Meltzer, entre outros, procuramos aceder ao processo de pensar subjacente à procura do Belo e da Verdade de dois sujeitos de diferentes géneros, em duas idades distintas (aos treze e aos dezasseis anos), o que viabiliza a análise do processo transformacional em curso, da puberdade à adolescência.

Para tal, seguimos as referências habituais de análise do processo resposta Rorschach e o seu alargamento teórico, sob influência do paradigma do Conflito Estético. O balanceamento entre estes dois registos decorre da necessidade de introduzir alterações e criar novos elementos de análise no instrumento, por forma a ele poder aceder mais profundamente aos processos em causa e permitir um melhor acesso ao objecto de estudo – o Conflito Estético do sujeito psicológico adolescente – sem no entanto descurar o processo adolescente tal como ele já foi abordado noutros estudos.

Assim, com este trabalho, através da atribuição de novas e renovadas qualidades de análise ao Rorschach, visa aceder-se à articulação entre o Conflito Estético – o pensamento do Belo, do desconhecido e da Verdade – e os modelos teóricos que explicitam o processo transformacional adolescente.

6.1. Protocolos I – Ana .....	164
6.2. Protocolos II – André.....	182
7. Discussão dos Protocolos	
7.1. Protocolos I – Ana.....	198
7.2. Protocolos II – André .....	216
CAPÍTULO III - Conclusões.....	231
Referências Bibliográficas.....	239
Protocolos.....	245

## Introdução

Ao longo do tempo, na Psicologia Clínica, foram-se muitas vezes erguendo saberes e práticas que evoluíram colateralmente, sem que houvesse sempre uma preocupação por integrar uns e outras num conjunto sólido e coerente. A introdução do paradigma Psicanalítico nesta disciplina veio aumentar a proliferação de modelos teóricos e metodológicos que, por muitas vezes se estabelecerem paralelamente, sem as necessárias articulações, tornaram, para alguns, esta disciplina frágil e criticável. A par, destaca-se a problemática relativa ao objectivo e subjectivo, quantitativo e qualitativo, o que acreditamos dever-se em parte ao exposto acima, por falta de corpos teórico-metodológicos suficientemente coerentes e integrados, onde se aprofunde como a metodologia é sempre subsidiária do modelo teórico escolhido e nunca o sentido inverso. Para tal, parece-nos antes do mais relevante estabelecer a definição de verdade e sujeito psicológico, de modo a poder estabelecer claramente objecto, objectivos e meios de conhecimento.

Tendo em conta que a metodologia projectiva se encontra em estreita relação com a teoria psicanalítica, defendemos que a necessidade de alargar a compreensão e o conhecimento do sujeito psicológico deve pautar-se pela atenção a esta metodologia, fundada e consolidada no modelo teórico-prático coerente da Escola Francesa e, depois, por extensões teóricas, por novos parâmetros de análise que propiciem o alargamento do próprio método em função do alargamento da noção de sujeito psicológico.

Neste âmbito, o presente trabalho pretende propor uma renovada visão sobre o modelo teórico do Conflito Estético postulado por Donald Meltzer, baseando-nos nele para aceder ao conhecimento do sujeito psicológico adolescente através da metodologia do Rorschach. Uma das nossas maiores preocupações é assegurar a coerência do trabalho, procurando proceder do ponto de vista metodológico de modo a preservar e respeitar os princípios de congruência com a teoria que nos serve de alicerce. Sem descuidar este dado, encontramos igualmente constrangidos por outro lado, uma vez que para cumprir o nosso objectivo somos obrigados a introduzir novos eixos de análise no próprio método. É então aqui, no balanceamento entre o respeito pelo estabelecido e a necessidade de o recriar, entre conhecido e o desconhecido, suportando o vazio e o negativo, que procuraremos *pensar*.

Em síntese, o nosso corpo teórico é o do *Conflito Estético*, que equaciona a capacidade de conhecer o desconhecido e se deslumbrar com o novo e o belo, o nosso sujeito o *adolescente* e o *processo transformacional* que nele se opera através das novas ligações, relações, transformações e atribuição de significados e o nosso método o *Rorschach* revisitado, através do qual pensamos ser possível aceder a um sujeito psicológico igualmente dotado de novas características.

Para tal, seguiremos os seguintes passos:

No primeiro capítulo realizaremos uma revisão das perspectivas teóricas que servem de base à conceptualização do presente estudo. Na primeira parte deste capítulo, debruçamo-nos sobre o

processo do conhecimento, simbolização e desenvolvimento, sobretudo as perspectivas de Klein e Segal, e aprofundaremos igualmente os trabalhos desenvolvidos por Bion sobre a capacidade negativa e o pensamento.

No segundo momento abordaremos a noção de Conflito Estético de Donald Meltzer e o seu papel no desenvolvimento, seguido da problemática adolescente, onde aprofundaremos os autores que dela fornecem uma visão transformacional, desde Bion (com a noção de Cesura) a Bollas, passando por Meltzer, Braconnier e Marques.

No terceiro momento procuraremos integrar e articular as teorias expostas sobre o conflito estético e a adolescência, sob influência dos trabalhos de Bion, Meltzer, Houzel e Salgueiro.

Já no segundo capítulo, elaboraremos a formulação do problema através de um capítulo que pretendemos integrador, onde se relançam as bases do nosso trabalho. De seguida, apresentamos a metodologia que visa o seu estudo, isto é, a análise do processo resposta Rorschach e os procedimentos que operacionalizámos, concluindo com a apresentação da grelha de resultados, dos protocolos e da sua análise e discussão.

No terceiro capítulo, faremos então as conclusões do trabalho, e tentaremos perspectivá-lo de modo mais integrado, adoptando uma visão desejadamente global e crítica em relação à sua relevância epistemológica.



“(...) quanto a mim, se sou eu quem procura, o que procuro ao certo, o que encontro, perco, volto a encontrar, rejeito, volto a procurar, volto a encontrar, volto a rejeitar, não nunca rejeitei nada, nunca rejeitei nada do que encontrei, nunca encontrei nada de tudo o que perdi (...)”

Samuel Beckett, *O Inominável*

## 1. Sobre o Símbolo e o Desenvolvimento

O impulso para o conhecimento foi alvo de estudo por Freud, que designou a epistemofilia como componente da libido; a sua teoria libidinal postulava que a energia mental derivava de fontes sexuais, geradas pelo estímulo das zonas erógenas (boca, anus, órgãos genitais), e que se ligava ao objecto através de investimentos que são reflexo da atenção e do interesse. Segundo Freud (1905/1989), a primeira grande questão que as crianças se colocam surge quando a sua vida sexual atinge o primeiro pico, por volta dos três ou cinco anos, e refere-se não à distinção entre sexos mas sim ao enigma da proveniência dos bebés. Assim, a precocidade da pulsão para o conhecimento está desde cedo relacionada com a sexualidade infantil e com o domínio sublimado que se pretende obter sobre uma situação cuja origem se desconhece – despoletando a necessidade de se conhecer, pesquisar e subsequentemente criar teorias explicativas.

Klein (cit. por Hinselwood, 1992) desde cedo demonstrou a estreita associação entre o desejo de conhecer e o sadismo, ao estudar os problemas de aprendizagem e a sua relação com as inibições epistemofílicas causadas por impulsos sádicos destrutivos. Se esta foi a sua primeira abordagem a esta questão, o seu trabalho nesta área expandiu-se e tornou-se um dos pontos chave das suas abordagens psicanalíticas, uma vez que relacionará o impulso para o conhecimento com a capacidade de simbolização e o desenvolvimento do ego. Como veremos, a autora relaciona primeiro a epistemofilia com a posição depressiva e o complexo de Édipo e depois sublinha a ansiedade a ele inerente enquanto necessária ao desenvolvimento do ego;

finalmente, apresenta as noções de posições esquizo-paranóide e depressiva, articulando a elaboração de ansiedades depressivas e reparação do objecto.

Em primeiro lugar sublinha-se como o impulso epistemofílico é fortemente influenciado pela situação edipiana (sendo postulada a existência do Édipo precoce, que se inicia na primeira infância, se prolonga durante anos e atinge o seu auge aos quatro - altura em que Freud localiza o Édipo clássico). Segundo Klein, *“numa idade muito precoce as crianças ficam cientes da realidade através das privações que esta lhes impõe. (...) O fundamental, critério de toda a capacidade posterior de adaptação à realidade, é o grau em que são capazes de tolerar as privações que resultam da situação edípica”* (Klein, 1926, p. 128/129, cit. por Britton, 1985). O sentimento de ignorância face aos mistérios da sexualidade adulta pode gerar sentimentos de profundo ódio e inveja que podem inibir o conhecimento. Aqui Klein lança os primórdios do que mais tarde conceptualizará claramente: *“Os estágios iniciais do complexo de Édipo e da posição depressiva estão claramente ligados e desenvolvem-se simultaneamente”* (Klein, 1952, p. 110, cit. por Britton, 1985).

Klein (1930/1996) defende a existência de uma relação muito precoce entre o sadismo e o desejo de conhecer, dirigindo-se ambos os impulsos contra o corpo da mãe e os seus conteúdos fantasiados. Sublinha-se que para que a formação dos símbolos e a fantasia ocorram em abundância, é essencial que o ego possua a capacidade adequada de tolerar a ansiedade; tal não se verifica nas psicoses, onde *“a defesa prematura e excessiva do ego contra o sadismo dificulta o estabelecimento da relação com a realidade e o desenvolvimento da vida de fantasia.*

*A apropriação e a investigação sádica do corpo da mãe e do mundo externo (...) são interrompidas, o que causa a suspensão total ou parcial da relação simbólica com as coisas e objectos que representam o conteúdo do corpo materno e, conseqüentemente, da relação do indivíduo com o seu ambiente e realidade” (Klein, 1930/1996, p. 264).*

Em “*Notes sur quelques mécanismes schizoïdes*”, Klein (1946) postula a existência, nos primeiros meses de vida, de uma posição que denomina de Esquizo-Paranóide, caracterizada por ansiedades de natureza primitiva que ameaçam o ego e mobilizam defesas arcaicas. Reiterando que as relações objectais têm lugar desde o nascimento, através de mecanismos de introjecção e projecção do objecto e que o primeiro objecto é o seio materno, é postulado que nesta posição se dá uma clivagem entre seio bom/gratificante e seio mau/frustrante – o que leva à separação entre amor e ódio. Fulcral nesta teoria é a inevitabilidade de clivagem do próprio Ego quando se dá a clivagem do objecto interno e externo, sendo por isso que “*os fantasmas e os sentimentos em relação ao estado do objecto interno influenciam fundamentalmente a estrutura do Eu*” (op. cit. p. 280). Apesar de serem fantasmáticos, estes processos e angústias têm um efeito preponderante nos sentimentos, relações objectais e mais tarde nos processos de pensamento, que se encontram cortados uns dos outros (Klein, 1946).

Esta posição caracteriza-se também por mecanismos de idealização, que se encontram estreitamente ligados aos de clivagem, uma vez que apenas o seio idealizado pode proteger o sujeito da sua contra-parte – o seio perseguidor. A clivagem, que separa por completo objecto bom e mau, apenas é possível devido a intensos sentimentos de onnipotência que proliferam na

Posição Esquizo-Paranóide e que possibilitam a negação da existência de um seio mau, de uma situação dolorosa e de toda a realidade psíquica correspondente – o que inconscientemente corresponde ao seu aniquilamento pela pulsão destrutiva. No entanto, sublinha Klein, *“não é somente uma situação e um objecto que são negados e aniquilados, é uma relação objectal que sofre esse destino; e por consequência uma parte do Eu, aquela de onde emanam os sentimentos em relação ao objecto, é também ela negada e aniquilada”* (op. cit. p. 280).

Esta autora propõe denominar por identificação projectiva o mecanismo presente nesta relação de objecto agressiva, onde o ódio sentido é dirigido contra o seio materno, que se visa ferir e controlar, sendo percebido então como perseguidor. A pulsão destrutiva, fundada na pulsão de morte, está presente nas fantasias de ataque sádico-oral dirigida contra o primeiro objecto, o que leva a medos de perseguição/retaliação. Para além das partes más, o bebé projecta também as suas partes boas, o que é essencial na constituição de relações de objecto seguras e integradoras. No entanto, se esta projecção for em excesso, as suas partes boas serão sentidas como irremediavelmente perdidas, o que leva ao empobrecimento do Eu (Klein, 1946). Alternam, então, estados persecutórios e de idealização.

Assim, na Posição Esquizo-Paranóide, a clivagem e identificação projectiva excessivas levam ao sentimento de catástrofe interna, de desintegração e de empobrecimento do Eu; pelo contrário, se esta posição não for caracterizada por medos de perseguição demasiado intensos, a sua elaboração leva o bebé, por volta dos seis meses, a atingir a Posição Depressiva.

Na Posição Depressiva dão-se importantes mudanças nas relações com os objectos, dada a introjecção do objecto como um todo, fruto da síntese entre as suas características amadas e odiadas. Devido à diminuição dos mecanismos de clivagem, surge a percepção que o seio bom/amado e o seio mau/odiado (anteriormente vítima de ataques destrutivos) são apenas duas partes do mesmo todo, o que leva ao receio da perda e à culpabilidade. Juntamente com os sentimentos depressivos surge o desejo de reparar o objecto (externo e interno) total agredido, o que aumenta a capacidade de elaboração e de integração do Eu (Klein, 1946).

Melanie Klein (1935) sugere que contra as ansiedades depressivas surgem sobretudo dois tipos de defesas: as defesas paranóides e as maníacas. Quanto às primeiras, elas são fruto de uma re-aproximação à posição anterior, onde o ódio projectado no objecto o torna potencial perseguidor. Quanto à defesa maníaca, tipicamente onipotente, ela baseia-se na negação da importância dos objectos bons e dos perigos eventuais provenientes dos objectos maus e na depreciação e triunfo sobre eles. Simultaneamente, devido, por um lado, ao terror que os objectos de que se depende suscitam e, por outro, numa tentativa de efectivar a sua reparação, surgem mecanismos de controlo. A defesa maníaca visa assim minimizar a importância da eventual perda dos objectos amados em causa na Posição Depressiva.

A capacidade de manter o registo das relações objectais na ansiedade depressiva depende da possibilidade de organizar a passagem dos aspectos maníacos aos reparadores, uma vez que, tal como sublinha Klein, a tríade maníaca não é em si mesma patológica; ela pode constituir-se, ou como luta contra a ansiedade depressiva ao ensaiar mecanismos que, negando a

dependência do objecto, aproximam o sujeito da posição paranóide, ou pode assinalar o caminho para a posição depressiva, que depois não é elaborável por ser demasiado dolorosa. Não esqueçamos que através do triunfo se é melhor do que o objecto *de que se depende*, que são as *suas* qualidades que são desprezadas e que, através do controlo, é com esse objecto que se mantém o contacto (Dias, 2003).

Se existir uma boa elaboração da posição depressiva *“as angústias perdem a sua força, os objectos tornam-se menos idealizados e menos aterrorizadores, e o Eu tende a unificar-se. Tudo isto está ligado à percepção crescente da realidade e à adaptação a ela”* (Dias, 2003, p. 290), constituindo-se como ponto fulcral no primeiro desenvolvimento da criança.

No entanto, se Klein relacionava a capacidade de simbolizar à elaboração de ansiedades, foi com Segal (1991) que ficou evidente como apenas a elaboração da posição depressiva possibilitava a capacidade de simbolizar e de reparar simbolicamente o objecto. Em *“Notas sobre a formação de símbolos”* é aprofundado sobretudo o modo como o símbolo se forma e como ele pode reflectir o estado de desenvolvimento do ego e a qualidade das suas relações objectais. A formação de símbolos é aqui analisada como tentativa de elaboração do ego das ansiedades mobilizadas pela Posição Esquizo-Paranáide e Depressiva e como ela sofre influência das defesas mobilizadas em cada uma dessas posições.

Assim, o início do processo de formação de símbolos dá-se através dos mecanismos de identificação projectiva característicos da Posição Esquizo-Paranáide. Consequentemente dá-se

o esbater dos limites diferenciadores entre ego e objecto e entre simbolizado e símbolo: *“uma vez que parte do ego é confundida com o objecto, o símbolo – que é uma função e uma criação do ego – torna-se, por sua vez, confundido com o objecto simbolizado”* (Segal, 1991, p. 172). Estas primeiras “simbolizações” não são sentidas como substitutas dos objectos do mundo interno ou externo, mas sim como sendo os objectos originais, pelo que Segal propõe que se denominem “equações simbólicas”.

Com o desenvolvimento do ego e as mudanças nas suas relações objectais, também o processo de simbolização evolui, sendo apenas com a Posição Depressiva que existe a possibilidade de elaboração de verdadeiros símbolos. O que propicia esta formação é a preocupação pelo objecto, outrora clivado e agora percebido como total, o que estimula a sua re-criação no mundo interno. Quando da elaboração da separação do objecto, da ambivalência, da culpa e da perda é possível *representar* o objecto, reconhecendo e respeitando a sua existência própria. Segal acrescenta que se as ansiedades depressivas forem demasiado intensas, podem ser utilizadas defesas mais arcaicas, revertendo-se os símbolos em equações simbólicas.

Em síntese, enquanto a equação simbólica *“é usada para negar a ausência do objecto ideal ou controlar um objecto persecutório”* (op. cit. p. 175), o símbolo *“não é usado para negar a perda, mas para superá-la”* (op. cit. p. 175).

“Menos. Menos visto. Menos vidente. Menos visto e vidente quando com palavras do que sem elas. Quando de algum modo do que quando de modo nenhum. Olhar fixo obscurecido pelas palavras. As sombras obscurecidas. O vazio obscurecido. A obscuridão obscurecida. Tudo ali como quando palavras nenhuma. Como quando de modo nenhum em diante. Só que tudo obscurecido. Até outra vez um espaço vazio. Outra vez palavras nenhuma. Outra vez de modo nenhum. Depois tudo inobscurecido. Que as palavras tinham obscurecido.”

Samuel Beckett, *Pioravante marche*

## 2. Do Conhecimento ao Pensamento

O contributo de Bion para a psicanálise é vasto e profundo. Verdadeira revolução nesta área, a sua psicanálise é psicanálise do pensamento, sendo a análise deste e das condições que o propiciam, o objecto do seu estudo.

Aqui defende-se que sujeito deve aprender a pensar; para tal é necessário que exista um continente disponível para pensar os seus conteúdos e devolvê-los, constituindo-se deste modo no interior do bebé um objecto pensante. Bion denominou de *beta* os elementos que constituem as sensações primitivas insuportáveis que são projectados para dentro da mãe por serem inutilizáveis pelo bebé e que têm de ser desintoxicados e devolvidos por esta, através da sua função alfa. Por serem submetidos a este processo tornam-se processáveis pela mente, possibilitam a sua utilização em experiências subjectivas e adquirem um significado emocional, constituindo-se deste modo os primórdios da função alfa do bebé, enquanto capacidade da mente de pensar sobre si mesma. Esta capacidade de transformar emoções em pensamentos encontra o seu protótipo na atitude mental materna denominada de capacidade de *rêverie*, quando, face aos sinais transmitidos pelo bebé, a mãe os elabora e devolve desintoxicados (Symington, 1999).

Na base deste conceito de capacidade de *rêverie* materna de Bion, está uma forma de comunicação baseada no pensamento intuitivo (que inclui a capacidade de escuta e sensibilidade ao outro) e que constitui a forma da *identificação projectiva normal*. Esta forma de

identificação projectiva é diferente da patológica descrita primeiramente por Klein, que se baseia na projecção patológica intrusiva. Observa-se assim a passagem de uma lógica em que se realçam os aspectos evacuativos e controladores da identificação projectiva, para uma em que se valoriza o carácter comunicativo deste mecanismo, onde se perspectiva a identificação projectiva ao serviço do pensamento ou anti-pensamento (Dias, 1998).

Dos muitos autores que estudaram e aprofundaram o conceito de identificação projectiva, destacamos Grostein. Este mecanismo mental – que pode ter propósitos exploratórios ou defensivos - traduz a fantasia inconsciente de o Eu se translocar, total ou parcialmente, para o interior do objecto. Quando a identificação é utilizada, o Eu pode (Grostein, 1981):

- voltar a um estado de indiferenciação e unicidade fusional com o objecto nutriente, anulando a distinção Eu/objecto e dentro/fora (identificação projectiva autística);
- Invadir um objecto visando o seu controlo ou ser controlado por ele, eliminando sentimentos de desamparo (identificação projectiva simbiótica);
- Evacuar/negar aspectos de si próprio visando reconhecer objectos análogos como familiares e identificar-se com eles;
- Explorar o ambiente em busca de objectos que se liguem com os próprios;
- Comunicar com outros objectos, externos e internos, ao serviço das relações de objecto.

Recordamos que todas as identificações projectivas são essencialmente intrapsíquicas, uma vez que são dirigidas para dentro de um objecto interno (Eu-objeto), mas que a identificação

projectiva intra-psíquica poderá ser indestrincável da interpessoal se a fronteira entre Eu e objecto não estiver plenamente delineada (Dias, 1988).

É exactamente a partir de um processo de abstracção da noção de identificação projectiva de Klein que Bion elabora outro dos *elementos* da sua psicanálise: a noção continente-conteúdo. Como sabemos, esse mecanismo da identificação projectiva descreve que são projectados elementos maus dentro do bom seio onde permanecem e que, quando são reintrojectados, são sentidos como modificados, o que leva a que possam ser tolerados. Em “Aprender com a experiência” (1963, p.57), Bion diz que “[da teoria de Klein] tirarei, para me servir como modelo, a ideia de um continente no qual o objecto é projectado, objecto que designarei pelo termo *conteúdo*”. Este constructo vai ser alvo de profunda reflexão por parte de Bion e vai tornar-se um elemento chave da sua teoria da constituição da personalidade e do processo de pensar.

Mais tarde, Bion substituirá os conceitos continente-conteúdo por dois símbolos (♂♀), por acreditar que os primeiros estão carregados de suposições; o arquétipo deste par é o seio materno-bebé, uma situação dinâmica onde “há um ♂ em busca de ♀ e uma interacção entre os dois” (Symington, 1999, p. 73). A partir da união de uma pré-concepção e de uma realização (daí os símbolos sexuais ♂♀), cria-se uma nova concepção, um novo desenvolvimento do pensamento, sendo para tal necessário um ambiente emocional adequado, de modo que se dê a evolução do pensamento no sentido de uma maior abstracção, sublinhando o modelo ♂♀ a dialéctica subjacente (op. cit.).

Se o continente não conseguir conter ou elaborar os conteúdos projectados, estes são devolvidos sem qualquer tipo de desintoxicação o que aumentará o grau de angústia, porque os elementos beta não foram submetidos a qualquer tipo de transformação pela função alfa. Dá-se a psicotização da experiência, isto é, a impossibilidade de simbolizar devido ao carácter concreto dos conteúdos.

Em 1924, num artigo denominado "Neurose e Psicose", Freud refere que *"nas primeiras, o ego, em virtude do seu compromisso com a realidade, suprime uma parte do Id (a vida da pulsão), enquanto nas psicoses o mesmo ego, a serviço do Id, retira-se de uma parte da realidade"* (cit. por Bion, 1957, p. 71). É a partir da alteração desta teoria que Bion vai postular a existência, em paralelo, de uma parte psicótica e de uma parte não-psicótica da personalidade. De facto, ao contrário de Freud, ele defende que na psicose o ego não se encontra retirado da realidade, mas sim que o seu contacto *"é mascarado pelo domínio (...) de uma fantasia onipotente cujo propósito é o de destruir não só a realidade mas a percepção dela"* (Bion, 1957, p. 72); esta fantasia baseia-se em mecanismos de identificação projectiva utilizados contra o aparelho mental que são característicos da Posição Esquizo-Paranóide, na qual fantasias de ataque sádico contra o seio levam à clivagem, fragmentação e expulsão, não só da personalidade do sujeito, mas também do seu aparelho perceptivo. Estas partículas assumem o carácter concreto de coisas, independentes e descontroladas e são denominadas por objectos bizarros.

A propósito desta noção, Bion recorda a equação simbólica de Segal, defendendo que também aqui as palavras/"símbolos" são coisas. No entanto, enquanto Segal articula a verdadeira

simbolização com a Posição Depressiva (apesar de admitir que o processo de formação de símbolos se enraíza na Posição Esquizo-Paranóide), Bion recua e aprofunda a importância da Posição Esquizo-Paranóide neste processo, referindo que o pensamento que já deveria estar em desenvolvimento está pelo contrário a ser destruído quando *“a excessiva identificação projectiva (...) impede a introjecção e assimilação regular de impressões sensoriais, negando assim à personalidade uma base firme sobre a qual o pensamento pré-verbal possa prosseguir”* (Bion, 1957, p. 83).

Trazendo para primeiro plano a importância da parte psicótica da personalidade e da posição esquizo-paranóide no desenvolvimento do sujeito, Bion rescreve as bases Kleinianas da Psicanálise. De facto, outro dos seus contributos fulcrais é a alternância entre as Posições Esquizo-Paranóide e Depressiva, ao invés da passagem unidireccional Ps→D postulada por Klein que se daria (em condições normais) por volta do sexto mês de vida. Este autor *“ficou ciente da relevância desta alternância para o processo de pensar, nomeadamente que pensar consistia numa passagem de um estado informe, onde imagens e ideias estão dispersas e caóticas (o estado mental Ps), para um estado no qual a coerência se torna manifesta e surge uma nova compreensão (o estado D). Isto significa que toda e qualquer compreensão tem lugar através deste movimento (Ps↔D), a partir de ideias dispersas e incoerentes, para uma nova síntese”* (Symington, 1999, p.117).

Para que esta oscilação se efective, é necessário que a identificação projectiva normal não assuma um carácter excessivo (o que poderia em última instância dar lugar a objectos bizarros) e que a parte psicótica e não psicótica da personalidade não se separem por intermédio de uma divergência crescente ou intransponível.

A ruptura no desenvolvimento surge quando, a par de mecanismos (baseados na identificação projectiva normal) de curiosidade em relação a objectos externos ou a diferentes aspectos da própria personalidade, mecanismos que são propulsores de crescimento e transformação, não existe um seio-continente capaz de receber os conteúdos projectados; a identificação projectiva torna-se então excessiva e patológica. Sob a égide da parte psicótica da personalidade, produz-se o ataque fantasiado ao seio-continente inoperante, ataque este que é protótipo de ataque ao vínculo enquanto possibilidade de simbolização e pensamento (Bion, 1959). Com a destruição dos elos que ligam o conteúdo ao continente, as emoções tornam-se intoleráveis, uma vez que apenas no seio de uma relação continente-conteúdo elas poderiam adquirir significado e propulsionar o desenvolvimento.

Neste estado mental a emoção é odiada porque é avassaladora, e com ela é odiada toda a realidade que a estimula. *“Esses ataques à função de ligação da emoção levam a uma proeminência excessiva, na parte psicótica da personalidade, de elos de ligação que parecem ser lógicos, quase matemáticos, mas nunca emocionalmente razoáveis. Consequentemente, os elos de ligação que sobrevivem são perversos, cruéis e estéreis”* (Bion, 1959, p. 108), sem integração do afecto na experiência: são vínculos anti-emoção.

Deste modo, e face à tradicional concepção Kleiniana que opõe Amor e Ódio, Bion defende a teoria dos vínculos das emoções e das anti-emoções. Para este autor, qualquer experiência emocional só pode ser concebida dentro da relação entre duas pessoas e pode ser reduzida aos vínculos Amor (L), Ódio (H) e conhecimento (K) e os respectivos negativos, variando assim num intervalo entre menos e mais ( $]L-;L+[$ ,  $]H-;H+[$ ,  $]K-;K+[$ ).

O vínculo K, presente *“quando se dá um processo de conhecimento do outro, num sentido emocional”* (op. cit. p. 48), envolve dor, frustração e solidão. A qualidade destes vínculos depende das características da identificação projectiva em que se baseia a relação continente conteúdo que lhe é subjacente; assim, se cada relação de objecto pode ter uma estrutura mais neurótica ou mais psicótica, parece importante pormenorizar as qualidades da identificação projectiva que lhe subjaze: nos mecanismos histéricos e obsessivos, a identificação projectiva serve para *“gerir a distância face ao objecto que contém o objecto interno edipiano, amado ou odiado, diminuindo (histeria) ou aumentando a distância (obsessão) conforme predominam aspectos libidinais ou agressivos”* (Dias, 1988, p. 66). Ao invés, na psicose a identificação projectiva é desintegradora e anti-empática, alienante de uma parte do Eu em relação ao Eu. Rosenfeld enfatiza, por seu turno, que nas relações de objecto narcísicas a identificação narcísica está ao serviço do não reconhecimento do sentimento de existir separado, da dependência, uma vez que através de sentimentos de onnipotência narcísica se rejeita qualquer agressividade ou inveja causadas pela frustração (Steiner, 1997).

O estabelecimento do vínculo surge assim na dependência dos processos de identificação projectiva que sustentam a relação continente-conteúdo, levando ao desenvolvimento emocional mútuo ou à destruição e esvaziamento do significado. O ódio ao conhecimento, à verdadeira experiência emocional da aprendizagem, resulta então do ataque ao vínculo que deriva da parte psicótica da personalidade e que impede o pensamento e o acesso ao significado da experiência (Symington, 1999), e expressa-se como –K. Os vínculos L e H, sendo sempre pontes sobre o vazio, “pontes sobre as quais o sujeito se relança em direcção ao outro” (Dias, 1999, p. 68), são também lugares “onde se constitui ou não a liberdade indagatória. Em Bion, o sinal menos (-) representa a negatividade e o sinal mais (+) representa a exploração do negativo” (Dias, 1999, p. 79).

Para compreendermos as noções de negativo e de negatividade, aprofundemos o modelo da Grade, onde Bion (1962) adianta as noções de pré-concepção (análoga ao conceito de pensamentos vazios de Kant), concepção e conceito. Partindo do modelo que o bebé possui uma disposição inata da expectativa de um seio – pré-concepção –, podemos dizer que em contacto com o próprio seio – realização – produz-se uma concepção. Por outro lado, Bion reserva o termo pensamento “à união de uma pré-concepção com uma frustração” (op. cit. p. 186). A frustração enquanto realização negativa, enquanto não-seio ou seio ausente, vai deixar espaço à necessidade de pensamento. A distinção feita por Bion entre conhecimento e pensamento revela-se aqui na sua maior plenitude. Lembremos: “de um lado, pré-concepção, realização, encontro, concepção, conceito, conhecimento. De outro pré-concepção, realização negativa do não-seio, frustração, pensamento. A frustração é uma paragem no processo de

*conhecimento e uma viragem para o processo de pensamento. (...) Não se trata, portanto, de ausência de realização, mas de uma realização negativa.” (Rezende, 1995, p. 45).*

Se para Klein o símbolo é da ordem do reconhecimento, não existindo verdadeira perda de contacto com o real no processo de simbolização, uma vez que o que era imaginário passa a simbólico num processo de integração progressiva, para Bion o símbolo é da ordem do desconhecimento, do negativo, do caminho a percorrer em busca da Verdade Última, O (Rezende, 1994). A derradeira negação é aquela que nos é afirmada por O porque, tal como diz Heidegger, *“a verdade vira-nos as costas”*, ela não se mostra, mas faz-nos pensar (In Rezende, 1995). Desta diferença entre conhecimento e pensamento depende a noção de símbolo em Bion e a sua distinção face a Klein.

O problema da separação em Klein é iludida, não há lugar para o não objecto porque, mesmo na Posição Esquizo-Paranóide, persiste a manutenção da relação com o objecto através de projecções e introjecções. Segundo Dias (1999), Bion vai mais além e retoma a noção de desamparo original de Freud, ao defender que o *“mau objecto presente [de Klein] é apenas a incapacidade de pensar a ausência do objecto [de Bion]”* (p. 27). Recordemos que em Freud, a questão do simbolismo aparece como teoria do conhecimento e coloca-se enquanto articulação do modo como um facto reprimido – ausente – pode permanecer na consciência. Bion regressa então a Freud para alicerçar a sua teoria do símbolo e do conhecimento: *“não há possibilidade de criar um símbolo sem conceber a presença do ausente. Nesta perspectiva a simbolização é, de facto, um processo de conhecimento: o símbolo não serve para conhecer o que já é*

*conhecido, mas para criar condições de cognoscibilidade” (Dias, 2003, p. 49), de pensamento. Para Amaral Dias (1999), o sujeito deve conseguir “organizar uma comunicação simbólica com o objecto que é admitido como radicalmente perdido, para se poder pensar a relação com ele. Ou seja, a relação não é do lugar da presença do objecto, é (...) do lugar radical da perda do objecto” (p. 37).*

A capacidade negativa constitui-se como etapa última do crescimento. Em “Aprender com a experiência”, Bion cita Kant: “conceito sem intuição é vazio; intuição sem conceito é cega”. A experiência que faz aprender é aquela que pode ser nomeada. Enquanto na escola Kleiniana há tendência para privilegiar a intuição, para Bion há *conhecimento* quando há intuição (experiência) e nome (conceito). “Ao contrário, pensar é procurar nomes para o inominável. O é inominável embora o que está em relação a O possa ser nomeado” (Rezende, 1995, p. 50).

Bion explicita: “*não está O na esfera do saber ou do aprender, salvo de maneira eventual; é-se” tornado O, dele no entanto não se “sabe”. Insondável e informe, embora penetre na área do vínculo K ao evolver para o ponto em que se sabe a seu respeito, por conhecimento advindo da experiência, e enunciando em termos que se derivam da experiência sensível; seu existir é por conjectura fenomenológica” (Bion, 1991, p. 36).*

Segundo Grotstein (2003), K emerge do acesso à Posição Depressiva, enquanto O aparece na entrada para a Posição Transcendente; deste modo conclui que “*tudo o que “aprendemos” na posição depressiva (isto é, todas as nossas transformações em K (...)) não foram mais do que*

*andaimas de aproximações ou falsificações necessárias até que pudéssemos estar prontos para O*” (op. cit. p. 28). K é assim postulado como objecto transicional epistemológico e ontológico face a O, que permanece inefável e inescrutável.

A passagem de K para O faz-se através de uma espiral ascendente, que significa, para Bion, a expansão do universo mental (Rezende, 1995, p. 19). Em Bion o pensamento estende-se do micro ao macro cosmos porque, tal como Pascal lembra *“o infinitamente grande e o infinitamente pequeno acabam por encontrar-se”*(In op. cit.). No entanto, e como admite Stephen Hawking, até as teorias da física têm os seus limites; além dos limites da física termina o âmbito de K e começa a relação com o incognoscível. *“Esta é a cesura de Bion e o seu corte epistemológico. Conheço o nominável, penso o inominável”* (op. cit., p. 48).

Alguns poderiam apelidar Bion de céptico, mas uma análise cuidada esclarece que ele não desconfia da capacidade de aceder ao conhecimento. *“O que Bion faz é reconhecer, com toda a lealdade, os limites de nossa mente quando confrontada com a Realidade Última”* (Rezende, 1995, p. 17). É este o desafio que ele nos coloca: negar o que se afirmou, por se reconhecer que há maior crescimento fora dos meus limites, porque *“o verdadeiro conhecimento só se completa na negação”* (op. cit., p. 23) ou, com Maurice Blanchot, *“la réponse est le malheur de la question”* (In op. cit).

Esta é a mudança de vértice de Bion; ele vai além de Kant para se voltar para um modelo místico, no sentido epistemológico e não religioso. A experiência do indizível é antes da ordem

afectiva que intelectual. “*Não posso nomear o inominável. Então como fazer a experiência? Afectivamente*” (Rezende, 1994, p. 89).

Ao recusar o positivismo e o modelo médico, que se fica pela realidade sensível, este autor obriga-nos a ir mais além, buscando a realidade psíquica, vivendo na insatisfação de O. A saúde mental seria a própria capacidade de tolerância ao sentido do infinito, daí a importância do negativo, do não seio, da frustração, uma vez que “*a incapacidade de tolerar espaço vazio limita a quantidade de espaço disponível*” (Bion, 1969, In Bion, 2000, p. 313). Hegelianamente, caibo dentro do espaço que afirmo.

Esta situação carece da capacidade de tolerar a incerteza enquanto se aguarda a chegada do facto seleccionado, facto que emerge internamente a partir do vasto repertório de experiências subjectivas com os objectos, como uma ressonância íntima que organiza e constitui a coerência pessoal, a ordem oculta de O (Grotstein, 2003).

O processo de tornar-se O implica a disrupção do sistema, constituindo-se a subida na espiral em direcção a O como um conjunto de sucessivas mudanças catastróficas, de mudanças de vértice no sistema. A violência é inerente à transformação, desorganização e dor de uma mudança de sentido (tal como lembra Amaral Dias (1998) nos estádios gregos as curvas de mudança denominavam-se *strophe*, sendo que *cata-strophe* significa mudança de sentido). Apesar de a mudança de perspectiva implicar a mutação de um estado mental para outro, ela

contém uma invariância, isto é, elementos que provêm da ideia anterior e que, sendo reconhecidos, facilitam a aprendizagem e o crescimento.

Da capacidade de tolerar a dor da mudança, depende a qualidade da relação continente-conteúdo alicerçado em mecanismos de identificação projectiva; é necessário um continente com sentido de tolerância à dúvida (um continente que tolera, recebe e transforma os conteúdos sem se danificar) e um conteúdo com tolerância ao sentido de infinito e aptidão ao crescimento (Dias, 2000). É desta relação que depende a ocorrência de uma mudança catastrófica ou de uma catástrofe no pensamento.

A mudança catastrófica significa então a mudança de vértice de um mundo simbólico para outro. Ela dá-se aquando da descoberta que o universo pode ser outro, que a transformação é possível. Esta nova ideia é uma *experiência emocional* da maravilhosa beleza e organização do mundo e explicita-se através do recurso ao conflito intrínseco dos vínculos mentais positivos e negativos. Consequentemente, a dor e o prazer encontram-se ligados no momento da mudança catastrófica, momento que podemos apresentar como exemplo primeiro do ponto de viragem/oscilação entre Ps↔D. É a utilização da função alfa e da capacidade continente que permitirá a simbolização e elaboração dos dados da experiência emocional através da abstracção crescente do pensamento, verdadeira expansão mental em direcção a O.

Amaral Dias teoriza sobre dois aspectos que nos parecem fulcrais para uma conceptualização alargada e mais profícua das noções Bionianas: em primeiro lugar, as características patológicas da oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  e em segundo a revisão e modificação da tabela original de Bion.

De facto, são analisados alguns distúrbios que podem ocorrer no seio da oscilação  $Ps \leftrightarrow D$ , nomeadamente quando a integração que seria atingida em D não pode ocorrer porque a dor mental é demasiado insuportável – existe uma catástrofe em vez de uma mudança catastrófica. Esta situação materializa-se no distúrbio paranóide em que  $Ps \leftrightarrow Ps$ , justificando-se mutuamente. *“Há um abater de D como unidade de significação por uma causalidade circular que estrutura então um “pensamento”, pensado em anti-pensamento”* (Dias, C. A., 1993, p.30). O que se verifica nesta situação não é uma mudança catastrófica que viabiliza a passagem de um estado mental a outro e propicia o crescimento, mas sim uma catástrofe provocada pela dor mental, verdadeiramente intolerável, que provoca  $Ps \leftrightarrow Ps$  (Dias, 1998).

Para além desta causalidade circular, Amaral Dias descreve a causalidade linear tipificada na psicossomática ou *“somatopsicótico, aonde, é sabido, a narrativa do sofrimento está prévia e “irreversivelmente” justificada”* e que pode ser esquematizada como  $Ps \rightarrow D$  (Dias, C. A., 1993). Enquanto inibidora do universo em expansão, a causalidade é moralista porque se opõe à própria natureza do pensamento: ao invés de causal, a mente deve ser associativa, verdadeira espiral ascendente.

O segundo ponto é apresentado em “Tabela para uma nebulosa”, onde Amaral Dias (1997) propõe uma revisão e modificação à tabela original de Wilfred Bion, introduzindo uma nova coluna 6 que se refere àquilo que o próprio Bion (“Elementos de Psicanálise”) chamou de capacidade de decisão. As categorias 2( $\psi$ ) e 7(acção) corresponderiam às categorias –K, isto é, falsos pensamentos, pensamentos mentirosos e decrescimento mental. O autor refere que o aparecimento destes –K se liga a dificuldades em lidar com a dor mental: *“A tolerância à verdade e ao conhecimento versus a intolerância à verdade e ao conhecimento fazem com que as acções se sucedam onde deveria haver pensamentos ou que, perante a intolerância à verdade, pensamentos falsos surjam como obstáculos à continuação da procura dos pensamentos verdadeiros, ou seja, à procura da verdade”* (Dias, C. A., 1997, p. 17). Estes são os lugares em que nos excluimos de pensar o outro e de nos pensarmos na sua presença.

As categorias 3, 4 e 5, notação, atenção e indagação/investigação são categorias K por se destinarem à criação de conhecimento. Enquanto a notação implica a existência de traço mnésico, na atenção e investigação dedicadas a uma experiência *“ocorrem fenómenos que (...) utilizam não só o pensamento como a possibilidade de pensar o pensamento”* (Dias, C. A., 1997, p.17), o que indica a presença da função psicanalítica da personalidade. Aqui encontramos também a possibilidade verdadeiras mudanças catastróficas e de tolerância à dor psíquica devido à capacidade de integrar novas experiências em  $Ps \leftrightarrow D$ , no seio de uma relação continente–conteúdo. Para Amaral Dias, só perante a indagação (5) se pode dar  $K \rightarrow O$ , a transformação em O, sendo O a Realidade Última.

"(...) Só não é belo o que se não deseja  
ou que ao nosso desejo mal responde.  
E suja ou é sujado que não seja  
feito do ardor que se nega ou esconde.

Que gestos há mais belos que os do sexo?  
Que corpo belo é menos belo em movimento?  
E que mover-se um corpo no de um outro o amplexo  
não é dos corpos o mais puro intento?

Olhos se fecham não para não ver  
mas para o corpo ver o que eles não,  
e no silêncio se ouça o só ranger  
da carne que é da carne a só razão."

Jorge de Sena, *A Arte de Amar*

### 3. O Conflito Estético: A Indagação do Belo

Partindo das contribuições de Klein e Bion, Meltzer ergue a noção de conflito estético enquanto conflito de desenvolvimento. O momento do primeiro conflito estético é o do nascimento, quando o sujeito se depara com o objecto materno que se apresenta com grande interesse e complexidade sensorial, lindo pela sua face e pelos seus olhos, mas simultaneamente desconhecido no seu interior. Face ao objecto de quem se tem necessidade extrema surge em simultâneo a noção do desamparo absoluto, surge a indagação sobre a beleza interna, sua e dos objectos Outros, e a capacidade de dela se aproximar num movimento que implica a intimidade com os seus objectos internos.

É a partir deste paradoxo, desta dicotomia belo-misterioso, visível-invisível, presente-ausente, conhecido-a descobrir que se ergue o conflito estético, protótipo de todos os momentos futuros em que ao sujeito será exigida a capacidade de entrar pelo mundo do Outro ou pelos outros mundos que o habitam – esses lugares estranhos, inquietantes e simultaneamente atraentes e desejáveis. A apreensão da beleza consiste, em termos da epigénese do instinto epitemofílico, na penetração do labirinto que é a personalidade inefável do objecto que apenas apresenta a sua bela superfície. Se o conhecimento da humanidade do objecto implica a exploração do seu interior, a fixação à sua atraente superfície impede a apreciação da beleza interior e cinge-se a uma consideração meramente pornográfica.

A descoberta desse interior misterioso, com qualidades não observáveis que contrastam com a beleza do exterior que é oferecida ao olhar, constitui-se assim como motor do impulso epistemofílico, pulsão que visa o conhecimento daquilo que se pressente existir e que se antecipa também belo – o Outro e a verdade do Outro interno e externo. O conflito estético inaugura deste modo, por via do desejo de conhecer, de buscar a verdade do Outro, a criatividade e a imaginação, o desenvolvimento do sujeito secundário ao desenvolvimento do processo de pensar.

Face a este conflito, o bebé depende da capacidade de *rêverie* materna, alicerçada em mecanismos de identificação projectiva normal, para elaborar a sua resolução. De facto, é através da introjecção da função alfa e de um continente que pensa os próprios conteúdos, que se desenvolve o aparelho próprio para pensar os pensamentos surgidos à medida da exposição ao objecto desejado e enigmático. Para Grotstein (2003) *“a função dos objectos [continente], quando internalizados, é tornarem-se “portadores do O”, isto é, mediadores do terror sem nome”*. Através de uma relação continente-conteúdo, o sujeito exorciza a sua experiência prematura de terror sem nome e, por intermédio de sucessivas reexternalizações, criança e objecto, continente e conteúdo, assumem a sua verdadeira essência. Isto acontece quando *“o indivíduo se torna maduro o suficiente para retomar a sua subjectividade projectada de volta do objecto e, desta forma, é capaz de internalizar não o objecto em si, mas o legado da experiência com o objecto, libertando o objecto e expandindo o horizonte da sua própria subjectividade”* (p. 216).

No espaço relacional primário bebé-mãe, conhecido-desconhecido, Eu e outro oferecem-se como objectos estéticos mútuos, numa reciprocidade que, apesar de se basear no desconhecimento e na procura do novo, é uma reciprocidade estética na intimidade.

O momento do confronto com o objecto desconhecido – a conhecer, aproxima-se da mudança catastrófica de Bion, enquanto *"nova ideia que se abate na mente como uma catástrofe, pois, para ser assimilada, detona o fluxo de toda a estrutura cognitiva"* (Meltzer, 1995, p. 41). Face ao abismo que se pressente existir no interior do objecto, surgem ideias novas que contêm em si uma força disruptiva e violenta. Se o que despoleta esta mudança catastrófica é o desconhecido, é a capacidade de tolerância a ele que se encontra no cerne da resolução do conflito estético; o desenvolvimento conseguido pressupõe que na paixão das relações íntimas o sujeito consiga tolerar a incerteza, o não-saber, isto é, tenha capacidade negativa (Meltzer, 1995).

A importância do negativo materializa-se assim enquanto relação negativa com o objecto estético, na capacidade de manter e procurar a relação com esse interior do objecto desconhecido. Essa busca clarifica em simultâneo a diferenciação dentro-fora e o modo de conhecer o mistério que o outro constitui, por intermédio da atribuição de sentido e significado através de processos de simbolização.

Fulcral para este processo de simbolização é a capacidade de tolerar a dor, sendo no processo inerente à posição depressiva que se dá o desenvolvimento da *"criatividade pessoal: sexual, intelectual e estética"* (Meltzer, 1973, cit. por Hinselwood, 1992, p. 339). Sabemos que foi Klein

quem introduziu, com a classificação de dor mental subdividida em angústia depressiva e persecutória, a importância de um certo nível de ansiedade, de modo que haja respectivamente tendências progressivas/integradoras e regressivas/dispersivas no desenvolvimento. Meltzer inverte, no entanto, o clássico modelo Kleiniano  $Ps \rightarrow D$ . Segundo ele, o primeiro impacto do objecto despoletado no conflito estético tem um cariz depressivo devido às suas características internas inacessíveis e enigmáticas. A Posição Esquizo-Paranoíde surgiria secundariamente a este enlevo depressivo, consubstanciando-se como defesa contra a extraordinária beleza do objecto, por intermédio da redução de objectos inteiros a parciais. O objecto do conflito estético é assim objecto presente, objecto que se deseja conhecer e re-descobrir através da sua perda na posição depressiva onde, através da formação de símbolos, a aproximação é bem sucedida.

Para além de se inverter a ordem das posições Kleinianas, sublinha-se a importância da oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  (dispersão e integração, separação e união, inquietude e quietude) veiculada por Bion, para explicar o desenvolvimento do processo de pensar a experiência estética emocional. Face ao conflito estético despoleta-se uma luta incessante entre a busca do reencontro com o objecto estético e a experiência de o perder para novamente o procurar, veiculada na oscilação entre as duas posições. É o próprio movimento contínuo de busca que se pode sistematizar em  $-K$  (característico em  $Ps$ ) ou em  $K$  (característico em  $D$ ) que se apresenta como imprescindível ao desenvolvimento, uma vez que é essa oscilação que desfaz o nó da intolerável quietude. Estes movimentos de busca apenas são possíveis baseados na capacidade negativa de Bion, que habilita o sujeito a tolerar a incerteza, o não saber, possibilita a tolerância à frustração e ao desconhecimento e estimula a capacidade de conhecimento

(através do estabelecimento dos vínculos K). Observamos então a oscilação entre Ps e D, entre o estabelecimento de  $-K$  e K, entre o conformismo da crença da posse da verdade e o movimento da sua busca.

O interior do objecto estético parece aproximar-se da noção de O de Bion, na medida em que o seu interior, tal como O, só pode ser acessível através de K, no processo de pensamento. A procura do interior desconhecido, tal como pensar, é ir de K a O, aproximando-se de O sem nunca o alcançar a sua plenitude, no interior de  $\text{♀♂}$  e na função  $\text{Ps} \leftrightarrow \text{D}$ . Lembremos que “a apreensão do belo contém, na sua natureza, a apreensão da sua possibilidade e da sua destruição” (Meltzer, 1995, p. 25) porque existe uma luta constante entre as sensibilidades estéticas que fomentam a formação simbólica (progressivas) e as forças anti-estéticas  $-K$  (regressivas). Para o explorar, para procurar conhecer o interior do objecto estético que apenas nos oferece a face, é necessária uma verdadeira oscilação  $\text{Ps} \leftrightarrow \text{D}$  e tolerância ao sentido de vazio para explorar o negativo, sob pena de que os vínculos tenham apenas valência negativa.

Meltzer introduz a noção de psicopatologia da identificação projectiva, que designa precisamente a proliferação desses vínculos com valência negativa. A conceptualização desta psicopatologia surge depois de Klein (que descreve a identificação projectiva enquanto relação de contingência entre sujeito e objecto) e de Bion (que acrescenta a sua importância na comunicação normal, no crescimento e conhecimento, sendo o continente receptáculo de identificações normais); aqui, a proliferação de vínculos  $-K$  origina não um continente mas um *claustrum*, onde  $-K$  expressa a penetração intrusiva do objecto e a apropriação das suas qualidades (Marques, 1999). O

mecanismo de identificação projectiva maciça descrito por Meltzer (que se operacionaliza em -K), está associado à intolerância à separação do objecto, ao controlo onipotente, à inveja, aos ciúmes possessivos e à angústia persecutória que caracteriza a desconfiança do objecto (Dias, 1988).

Assim, se encararmos -K como tentativa de evitamento da dor das verdades insuportáveis ou da dor do desconhecido (Amaral Dias, 1995), compreendemos como, *“muitas vezes, mentir é pôr vida no vazio”* (Bollas, cit. por Rezende, 1995) porque -K é intolerância à angústia do caminho a percorrer em direcção a O. Numa linguagem Bioniana poderíamos dizer que *“no sentido de ataque ao vínculo, a arrogância é um ataque à verdade por parte daquele que quer conquistá-la a qualquer preço”* (Rezende, 1994, p. 194), daquele que quer *possuir* o objecto estético e não conhecê-lo.

O processo de pensamento desenvolve-se através de simbolizações, porque o símbolo é polissemia (Rezende, 1998) e a polissemia constitui-se na expansão do universo mental  $K \rightarrow O$ . O moralismo psicótico, fruto da identificação projectiva patológica e da proliferação dos vínculos -K, da mentira, espelha a univocidade do símbolo. Se o caminho em direcção a O implica amor à verdade, a verdade não pode ser procurada com a arrogância da identificação projectiva patológica, porque ela provoca dogmatismo e limita, entrava o desenvolvimento e o crescimento. (Bion diria que *“tudo o que preenche uma parte, limita o espaço do todo”* e Klein que o objecto parcial impede o acesso ao objecto total (In Rezende, 1998)). Qualquer moralismo é psicótico

porque é baseado num pressuposto de omnisciência onnipotente, sem possibilidade de distinguir, no nível da realidade, a verdade da falsidade (Rezende, 1995), a posse do conhecimento, a intrusão do convite. A psicopatologia do conflito estético deriva da predominância de  $-K$  em relação a  $K$ , da arrogância em relação à dor da incerteza – incerteza que constitui o cerne deste conflito.

*Possuir* o objecto estético mais não é do que procurar conhecê-lo através da mentira, através da arrogância ( $-K$ ), sem a expansão do universo mental  $K \rightarrow O$  que apenas a tolerância à frustração permite. É o desejo não de *possuir* o objecto (de o controlar ou por ele ser gratificado) mas sim o desejo de o *conhecer*, o que confere ao objecto a sua liberdade própria. Quando a capacidade negativa se integra, o Belo e a Verdade encontram-se (Meltzer, 1995).

Neste sentido, Meltzer distingue claramente que o desconhecido que é o interior do objecto pode ser vivido ou como algo belo e misterioso ou como algo feio e secreto. É novamente da capacidade negativa que depende esta postura, o que leva ou à exploração do mistério (conhecer) ou à resolução do enigma (possuir). No primeiro caso predominam os vínculos  $K$ , forças estéticas e simbólicas e no segundo  $-K$ , forças anti-estéticas, detectivescas e cínicas.

A capacidade de tolerar a incerteza do processo de conhecimento, de aproximação a  $O$  por intermédio do pensamento e simbolismo/polissemia, é essencial à resolução do conflito estético. A manutenção na Posição Esquizo-Paranoíde resulta da paralisação devido ao ofuscamento pela beleza do objecto e é entrave ao desenvolvimento do sujeito porque bloqueia o

conhecimento devido à proliferação de mecanismos de clivagem. Esta manutenção é fuga ao inquietante desconhecido que abriria caminho à verdade e à beleza da paixão íntima. Permanecendo em  $Ps \leftrightarrow Ps$ , o sujeito não avança nem recua, permanece imobilizado pela beleza desse objecto que, tal como Medusa, sidera quando nos atrevemos a olhar. É também dessa capacidade de atrevimento e da capacidade de entrega audaciosa ao fascínio cativante que é o Outro, da possibilidade de, na dor da incerteza, conseguir pensar o desconhecido, que depende a resolução do conflito estético e o desenvolvimento. Deste modo, também o desenvolvimento da coragem ontológica se apresenta como tarefa a realizar e ela consiste em aceitar a própria vida para viver e reivindicar uma posição única no mundo. A capacidade de “*tornar-se, criar, explorar, fazer, desafiar, resgatar, iniciar, pensar*” relaciona-se com as propensões epistemofílicas (Klein) e criativas (Winnicott) que são “*trabalhadas numa série de lutas dialécticas entre o exercício de actividades vigorosas, entusiásticas, exploratórias, auto-expressivas e assertivas e a oposição àquelas actividades por medo de retaliação persecutória e culpa primitiva*” (Grotstein, 2003, p. 273).

O conflito estético é assim paradigma de todos os momentos em que o sujeito é convidado a procurar o caminho em direcção à Verdade, verdade essa que é sobretudo a verdade própria, o *tornar-se O*. A cada passo, o sujeito depara-se com esse conflito imposto pelo seu próprio interior, pela estranheza do desconhecido dos seus próprios objectos internos, aquele espaço ao qual ele tem acesso privilegiado, apesar dos trilhos que a ele levam serem infinitos, com curvas apertadas que não deixam antever o objectivo final. A chave dos seus conteúdos (estéticos) está na sua capacidade de ser continente (estético) e de pensar os seus próprios deslumbramentos,

inquietações, atracções e estranhezas. Mais do que qualquer outro, é o mistério do(s) seu(s) conflito(s) estético(s), daquilo que no seu interior o (co)move, fruto de relações com objectos externos ou internos, que ele deve almejar conhecer com vista a um desenvolvimento enriquecedor.

“ (...)

- Quem és *tu*? – perguntou.

Não era um princípio de conversa muito animador. Alice retorquiu, com bastante timidez:

- Eu... eu..., neste momento nem sei, minha senhora... sei pelo menos quem eu *era* quando me levantei esta manhã, mas acho que devo ter sido transformada várias vezes desde então.

- Que queres dizer com isso? - inquiriu a lagarta, rispidamente. – Explica-te!

- Receio bem que não possa explicar-me melhor, minha Senhora – disse Alice. – É que não me sinto eu própria, bem vê.

- Não vejo nada – disse a lagarta.

- Desculpe mas não posso esclarecer melhor as coisas – replicou Alice muito educadamente – porque, para começar. Não consigo perceber o que se passa comigo. É que ter tantos tamanhos diferentes num só dia é muito confuso.

- Não é nada.

- Bem, se calhar ainda não se apercebeu disso – disse Alice – mas quando se transformar numa crisálida, que é o que lhe vai acontecer, bem sabe, e depois disso numa borboleta, julgo que há-de sentir-se um bocado esquisita. Não acha?

- De modo nenhum.

- Bem, se calhar os seus sentimentos são diferentes. – disse Alice – *Eu* cá havia de sentir-me muito esquisita.

- Tu! – exclamou a lagarta desdenhosamente – quem és *tu*? “

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*

## 4. A respeito da adolescência

### 4.1 Adolescência, Cesura e Processo Transformacional

Inúmeros autores debruçaram-se sobre a caracterização da adolescência. Freud (1905/1989) defendia, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, que ela se caracteriza essencialmente por uma reactualização da sexualidade infantil, pelo primado da genitalidade e pela escolha de novos objectos de amor. Segundo Fleming (1992), este foi um dos primeiros autores a encarar esta fase da vida como um segundo processo de separação/individuação. Para Freud, a tarefa a realizar seria o desligar das imagos paternas, o que se processaria através de um duplo registo. No registo externo, o processo de separação/individuação reflectir-se-ia através do conflito de gerações. Este registo seria modulado pelo registo interno, através do qual as circunstâncias históricas (nomeadamente o ressurgimento da problemática edipiana do indivíduo) se actualizariam, o que implicaria a defesa das imagos parentais através de um repúdio inconsciente. A separação interna dos objectos primários proporcionaria então o investimento em novos objectos de amor heterossexuais (Freud, 1917 cit. por Fleming, 1992).

Bion (1989) trabalha a sua noção de Cesura a partir da afirmação de Freud em “Inibição, Sintoma e Angústia” de que *“existe muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do acto do nascimento nos permite acreditar”*. Esta continuidade é rapidamente afectada pelo esquecimento mas pode ser actualizada, na medida em que muitas vezes o sujeito expressa um medo do futuro alicerçado num passado poderoso que poderia supor-se impossível de recordar. De facto, muitas ideias que ainda não

são pensamentos são lançadas num futuro que ainda não aconteceu ou num passado esquecido. É sob esta perspectiva de lembrança do passado e do futuro que se joga no presente, de ruptura em transformação na continuidade, de emoções e sensações sem nome que adquirem significação, que abordaremos a adolescência.

Rezende(1995) recorda a importância das emoções e sensações na psicanálise de Bion e relaciona a sua presença em excesso quer na situação fetal quer na situação psicótica, onde o pensamento ainda não prepara a acção. O pensamento primordial do feto é um pensamento de emoções e sensações que se vai desenvolvendo até atingir a simbolização. Rezende (1994) propõe que nos debrucemos sobre o universo pré-natal porque assim poderemos recuar ao genético, ao pré-genético e chegar ao big-bang enquanto início do caminho em direcção a O. Se a física nos diz que tudo começou com o big-bang, então, com o nascimento enquanto corte-cósmico da vida psíquica, o autor propõe o inconsciente como *"memória esquecida da própria criação"* (op. cit. p. 109).

Os limites da física postulados por Stephen Hawking são a base daquilo que Bion propõe na questão do pensamento fetal, aquele aquém da cesura do nascimento, apenas possível de construir através de conjecturas imaginativas. Na guerra entre a atracção pelo novo e o desejo de manter o familiar, a cesura assinala simultaneamente uma perda e um ganho, um ponto de partida (uma nova pré-concepção) que implica a mudança de vértice habilitando novas transformações. É necessária a reconciliação com a ideia continua de caos, tendo presente que esse é o preço a pagar para haver transformação e crescimento mental. O contrário seria dar-se

a “tarefa por concluída”; ora isso implicaria não mais percorrer o caminho em direção a O. E isso é um paradoxo, uma vez que não se atinge O, mas *é-se tornado O*.

Apesar de este texto se debruçar aparentemente sobretudo sobre a cesura do nascimento, ela é apresentada de uma forma mais abrangente como paradigma de situações de turbulência emocional, de caos psíquico que se sucedem ao longo da vida – e de entre todas destaca-se a adolescência; se qualquer cesura é sempre fonte de pensamento (Bion, 2000) a adolescência, enquanto uma cesura primordial, não poderia deixar de o ser. A possibilidade de lidar com a turbulência emocional desta fase depende da capacidade de se tornar efectiva a penetração binocular da cesura, de se olhar para ela dos dois lados (tal como o novo olhar que Picasso sugere ao pintar uma imagem numa tela de vidro). Bion (1989) questiona: *“poderá algum método de comunicação ser suficientemente “penetrante” para passar essa cesura do pensamento consciente pós-natal para o pré-natal no qual os pensamentos e ideias têm a sua contra-parte em “tempos” ou “níveis” da mente onde não são pensamentos ou ideias?”* (p. 45). Uma vez que não se pode voltar atrás, ao passado, é necessário um método de comunicação que possa penetrar a barreira, e esse método é a investigação da cesura.

A cesura é necessária porque *“é difícil penetrar naquilo que “todos sabemos” e sugerir que pode haver algo que ainda não emergiu da turbulência”* (Bion, 2000, p. 303). Face a este caos psíquico deve-se *“investigar, exercitar a curiosidade na turbulência observada (o problema) e a teoria que se acredita ser uma explicação satisfatória do problema. A curiosidade tem de estar ela própria sob escrutínio enquanto é exercida”* (Bion, 2000, p. 303).

A cesura é assim apresentada como paradigma dos momentos dramáticos, caracterizados por caos psíquico, em que em que o sujeito se confronta com o desconhecido e em que a oportunidade de mudança catastrófica é propulsora de crescimento, onde se aceita o desafio de mudar de vértice, de mudar o universo pessoal e de mudar de Universo. A adolescência é um destes momentos chave em que eventos no útero do tempo são olhados através da cesura, dos dois lados, e possibilitam o movimento de um estado mental para outro, através da possibilidade de descoberta de um significado que até aí não tinha sido conseguido em termos de discurso ou pensamento articulado (Bion, 1989).

Bion postula claramente como a cesura da adolescência se pode conceber como mudança de vértice e capacidade de olhar sob novas perspectivas passado e futuro na mudança catastrófica que se abate sobre o pensamento: *“na adolescência a turbulência ocorre quando a personalidade ainda é criança suficiente para se lembrar como ela é sentida, e já é suficientemente crescida para suspeitar como é ser adulto”* (Bion, 1990, p. 144); existem estados da mente que estão a morrer e outros que estão a nascer, que se confundem e interligam na adolescência, o que implica processos de clivagem e a sua reactivação no seio da turbulência emocional (Bion, 2000). A vida adulta é cesura porque é de-cisão, é entrega à liberdade de escolher e de cindir (Rezende, 1995). E Bion lança o desafio: *“investigue-se a cesura; (...) não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a loucura. Mas a cesura, o vínculo (...)”* (Bion, 1986, p. 56).

Para além do conceito de cesura, privilegamos a abordagem da adolescência por intermédio de outros formatos teóricos que nos parecem enriquecer a sua compreensão. Se até aqui nos focalizámos sobre a importância das relações continente conteúdo no seio de Ps↔D, abordaremos agora um outro conceito que visa explicitar os fenómenos relacionais internos e externos que estão em jogo na adolescência: a barreira de contacto.

Em *“Projecto para uma Psicologia Científica”*, de 1895, Freud adiantou a noção de barreira de contacto quando do estudo do aparelho psíquico, que dizia em parte respeito à função de para-excitação da mãe face às demandas pulsionais do seu bebé. Embora com uma conceptualização diferente, Bion retoma esta denominação para se referir ao conjunto de elementos alfa que, de modo análogo a uma membrana osmótica semi-permeável, permite em simultâneo o contacto e a separação entre consciente e inconsciente, mundo interno e externo, fantasia e realidade, passado e futuro e viabiliza o intercâmbio entre os dois, que comunicam e se inter-relacionam. Paralela ao acto de sonhar como guardião do sonho, a função alfa lida, distingue, liga e transforma os elementos da realidade interna e externa e permite *“estabelecer uma relação (...) com um acontecimento actual submetido às leis da natureza, sem que essa visão seja submergida pelas emoções (...). Reciprocamente, ela impede as emoções de origem endo-psíquica de serem invadidas pela visão realista”* (Bion, cit. por Marques, 1992, p. 280).

O oposto desta barreira de contacto é denominado por Bion por tela  $\beta$ , constituída por elementos  $\beta$  que proliferam e se aglomeram sem qualquer tipo de integração e vinculação entre si, provocando estados mentais confusionais no sujeito e no outro. É a formação desta tela que

prevalece nos estados psicóticos e no predomínio da Posição Esquizo-Paranoíde sobre a Depressiva, o que impede a formação de símbolos que são substituídos por aquilo que Segal (1957) designou por equações simbólicas. O “pensamento” aqui é proto-pensamento dilacerado, aglomerado, prensado, sem características de síntese, abstracção ou generalização.

Em síntese, a transição entre consciente e inconsciente dos pensamentos, sentimentos e fantasias pode seguir três vias: a primeira é quando a barreira de contacto *“funciona adequadamente e mantém um constante intercâmbio e fluxo associativo entre dois planos da mente, com um trânsito indiscriminado entre ambos”* (Zimmerman, 1995, p. 177). A segunda possibilidade é que essa barreira de elementos alfa seja *“tão rigidamente organizada, como é nas personalidades exageradamente obsessivas ou narcísicas, que o indivíduo não consegue contactar com o seu mundo interior”* (op. cit. p. 177). A terceira possibilidade é aquela que já denominámos por tela  $\beta$ , nas quais a ausência de uma barreira eficaz impede a discriminação entre *“consciente e inconsciente, mundo interior e exterior, fantasia e realidade, concreto e abstracto, e confunde-se o símbolo e o simbolizado”* (op. cit. p.177).

Na adolescência, as novas relação de objecto e objectivos, de continente conteúdo, a par da identificação projectiva e simbolização, exigem uma transformação que apenas a acção renovada e renovadora da barreira de contacto permite (Marques, 1999). Esta barreira é constantemente colocada à prova pela cesura adolescente e, da sua capacidade de actuar transformando(-se), depende o exercício da visão binocular que cria e re-cria novos objectos, novos vínculos e promove assim o pensamento.

Outra contribuição que nos parece importante abordar (sob a perspectiva do processo transformacional vigente na adolescência) é a da Bollas (1993). Este autor conceptualiza o momento estético enquanto paradigma da relação entre um sujeito e um objecto que evoca a sensação da familiaridade íntima e de encaixe, ao reproduzir uma memória existencial de afectos primordiais do Ser. A procura do objecto transformacional é *“uma busca infinita memorial para algo no futuro que se alicerça no passado”* (Bollas, 1993, p. 46). É na procura da metamorfose e na aspiração ao encaixe em harmonia simbiótica, que reside a busca do sujeito por este objecto que o transforme no quadro estético que conheceu nos seus primórdios relacionais. A relação precoce, anterior à palavra, predispõe, influencia e forma futuras experiências estéticas na subjectividade das relações de objecto, sendo todo o processo estético transformacional e não apenas um objecto que é internalizado, residindo aqui o paradigma da relação com um objecto que transforma o sujeito.

Assim, a estética do ser é transmitida pela mãe ao seu bebé na primeira relação de intimidade e ela constituir-se-á como paradigma subjectivo relacional mais como processo de identificação transformacional interna e externa do que como objecto em si (Bollas, 1989). Na primeira relação simbiótica primária é exactamente o seu carácter transformador que está em causa, sendo a qualidade do conhecimento do objecto existencial, ao invés de representacional, sempre sob o pano de fundo de uma experiência emocional intensa. Sendo a mãe percebida mais como processo de transformação ambiental e corporal do que como objecto, as relações objectais futuras serão procuradas em função do presságio de transformação que deixam antever. A

busca não é pela posse ou desejo do objecto mas pela função activa de modificação que este pode oferecer ao sujeito. É o desejo de promessa de transformação do próprio, de metamorfose do Ser, que é procurado no Outro. Os objectos são assim investidos de uma esperança de transformação análoga à experiência com o primeiro objecto, constituindo-se deste modo a demanda da experiência transformacional.

Sendo uma das funções do objecto a transformação das emoções em palavras, numa busca de significado, simbolização e pensamento que se aproximam da capacidade de *rêverie* e função alfa em Bion, se o objecto não cumprir a sua função transformacional na fase da aquisição das palavras, a palavra pode ser esvaziada do seu conteúdo simbólico – o que remete para a Posição Esquizo-Paranóide onde impera a confusão; o sujeito que possui este protótipo de objecto transformacional vivenciará o momento estético apenas quando se deparar com um objecto externo confusional que lhe reavive a familiaridade do objecto primário – objecto aniquilante para o sujeito que almeja a palavra para exprimir a emoção.

Bollas (1989) salienta a importância de ser o Outro o agente transformador uma vez que o próprio não possui capacidades de auto-metamorfose, podendo apenas consagrar-se (e isso constitui-se como fulcral nos relacionamentos adolescentes) como agente transformador do Outro. Em personalidades mais narcísicas ou esquizóides constata-se a ilusão do contrário: o sujeito, numa tentativa de aproximação maníaca do equilíbrio, acredita na sua capacidade de transformação e sacrifica a relação com o outro o que, tal como nas defesas maníacas, indica o reconhecimento interno de uma necessidade de reparação. A busca do objecto transformacional

é realizada aqui mais pela *forma e intensidade* da relação do que pelo *conteúdo* efectivamente potenciador do crescimento que ela pode proporcionar, uma vez que se procura a “*instauração de uma relação de objecto regressiva que é identificada à reparação fundamental do Eu*” (op. cit. p. 1189). A ressurreição da memória das qualidades do objecto de transformação precoce pode então, à luz das primeiras experiências, promover a indiferença, incapacidade ou mesmo ódio profundo à transformação e ao conhecimento.

Salientemos que os fenómenos em causa na adolescência parecem ajustar-se nesta importância que é dada ao objecto Outro (interno e externo), ao estranho e desconhecido, bem visível na procura de novas vivências internas, nas relações com os pares, com os ídolos, ou mesmo na importância atribuída à música. Estes “Outros” são potenciais objectos de transformação e o próprio adolescente oferece-se como objecto transformacional potencial do outro, buscando em conjunto, na turbulência emocional do momento estético vigente, o (re)conhecimento existencial. Na adolescência parece haver uma reactualização do momento estético na relação com o objecto transformacional e se também aqui a busca não é do desejo do objecto em si, mas das suas qualidades transformadoras pressentidas, também aqui emerge a euforia da sua descoberta e o desespero face à constatação da sua inexistência.

O objecto transformacional adolescente é assim objecto-processo subjectivo, estranho, impessoal, mas também e simultaneamente (re)conhecido existencialmente, procurado pelo acesso que abre à experiência transformadora estética no espaço de intensidade emocional que cruza.

São vários os autores que se debruçam sobre a adolescência mas gostaríamos de abordar aqui aqueles cuja perspectiva se baseia no modelo das transformações Bioniano, explicitando como é “*através do encontro, da comunicação, da relação e da ligação entre o sujeito e o objecto..., entre o objecto interno e o externo, mas também do encontro, comunicação, relação e ligação entre experiências anteriores e as actuais, que se criam, re-criando-se, novos objectos, isto é, objectos com novas características e qualidades*” (Marques, 1999, p. 281).

Um desses autores é Braconnier, que coloca a tónica da adolescência sobretudo nas mutações dos investimentos e novas formações que aqui se processam, encarando a adolescência como um verdadeiro *processo transformacional*. Segundo este autor, deveria processar-se a integração de conceitos antagónicos como bom-mau, interno-externo, infantil-adulto (Braconnier, 1985/1986 cit. por Marques, 1999). Braconnier (1985) refere que se quisermos encarar a adolescência como um processo de separação, o deveríamos fazer apenas na condição de o encarar sob a dupla perspectiva metafórica e metapsicológica: separação entre dois, mas também separação enquanto diferenciação dos conceitos masculino-feminino, ilusão-desilusão, presença-ausência, vida-morte.

Segundo este autor, não é correcto considerar-se a adolescência um trabalho de luto, na medida em que nesta fase da vida as perdas são múltiplas e simultâneas, a auto-estima baixa e o Eu empobrece, o que torna esta fase complexa, rica e multideterminada. O processo de separação que se associa à adolescência corresponderia antes a um *processo de transformação* das

formações mentais. Assim, assistiríamos ao embate de *“acções que continuam a desenvolver-se (medos infantis, fantasmas da bissexualidade, luto da relação carregada de amor e de ódio ao objecto primário) e acções que se formam (identificações a objectos sexuados fisicamente maduros, identificações carregadas de angústia e culpabilidade)”* (Braconnier, 1985, p. 17).

Braconnier define a adolescência como *“um tempo de mutação de investimentos onde o trabalho intra-psíquico está tão ligado às separações reais de um meio humano familiar como à negociação da clivagem que se estabelece entre o vínculo que permanece ligado ao objecto e os investimentos novos”* (op. cit., p. 17-18). É neste sentido que surge a necessária integração dos conceitos antagónicos já expostos. Por seu turno, Marques (1999) considera que *“o essencial dos processos que ocorrem nesse período de separação individuação face ao parental e ao infantil, (...) levam à aquisição da autonomia, à consolidação e à estabilização psíquica. Estas tarefas exigem um tempo que vai possibilitar a criação de novas estruturas, que irão conduzir a uma identidade e alteridade coerentes e bem delimitadas, que se constróem reciprocamente. Este processo adolescente ocorre por diferenciação e integração progressivas, organiza-se a partir das alterações e da maturação corporal, que faz emergir um Outro com qualidades diferentes, impõe o próprio e o externo com novas representações e investimentos, e saldar-se-á pela aquisição de uma escolha sexual definitiva, masculina ou feminina”* (op. cit. p. 270).

Podemos então dizer que o processo adolescente se constitui pela conjugação de dois momentos diversos, a puberdade e a adolescência propriamente dita, cuja caracterização

importa explicitar de modo a melhor compreendermos o que se joga em cada um destes momentos.

Na puberdade, o eixo central é o corpo e as transformações que nele se operam, transformações limitadas no tempo e que, abrindo lugar à genitalidade (r)equacionam *“as questões ligadas à identidade subjectiva, à delimitação, à separação e diferenciação”* (Marques, 1999, p. 286). Caracterizada por intensos mecanismos de identificação projectiva (Amaral Dias, 1988) que implicam a fragilização e perda de coesão do Eu e são induzidas pelas modificações corporais, a puberdade é caracterizada por intensos sentimentos de desarmonia, descontinuidade e desequilíbrio. Na adolescência propriamente dita, adquire-se uma maior familiaridade com o próprio corpo e agora é tempo de viver, experimentar e jogar com o Outro, do mesmo sexo e do sexo oposto, as novas potencialidades sentidas. O objecto–Outro extrafamiliar é então o objecto a conhecer, possibilitando a percepção e representação do *“sexo oposto numa lógica de complementaridade de sexos, de acesso e integração do homossexual e do heterossexual, sem o que a escolha sexual definitiva – masculina ou feminina – não pode ocorrer* (Marques, p. 286). O Outro é investido e investe, conhece-se e é-se reconhecido num jogo de reciprocidade e identificações projectivas cruzadas onde as identidades se constroem mutuamente e o objectivo final é estabilizar o sentimento de integridade, onde cada um possa finalmente procurar ser quem é (Meltzer, In Amaral Dias, 1995)

Meltzer (1973/1990) conceptualiza a adolescência sobretudo como período em que Eu e objectos se encontram sujeitos a processos de clivagem e integração. A presença tão marcante

exploração intrusiva da identidade do objecto e originam as ansiedades confusionais que são apanágio da adolescência.

Devido às novas qualidades dos processos de clivagem, à emergência de conflitos e fantasias pré-genitais e ao renovado significado da identificação projectiva enquanto mecanismo dinâmico, os adolescentes *“não conseguem distinguir com certeza o seu estado adolescente das suas ilusões infantis referentes à adultícia”* (op. cit. 53), reflectindo nas relações a fluidez dos seus limites internos. A identidade move-se, expande-se e contrai-se sempre a par dos processos de clivagem, desde a clivagem excessiva da latência, passando pela fluidez da adolescência, até à clivagem ordenada de uma organização estável que reflecte a personalidade adulta e gera um sentimento de identidade sem rigidez.

## 4.2 Adolescência e Conflito Estético: Entre o Belo e o Desconhecido

Em “*Le narcissisme et la violence chez les adolescents*”, Meltzer (1989) defende que, face à maturação sexual, o adolescente reedita o seu primeiro conflito estético, agora face ao objecto sexual. Aqui são aprofundadas as noções de tempo e de espaço de um modo que nos parece enriquecedor para compreendermos a adolescência.

De facto, a adolescência parece condensar de modo paradigmático o que Meltzer descreve como a confusão criada pelo embate entre dois tempos: o *tempo* da linearidade e da factualidade (o tempo físico) e o *tempo* oscilatório ou circular da significação emocional das relações íntimas. É no entanto sobretudo em relação ao *espaço* que Meltzer aprofunda o processo adolescente, uma vez que com a pergunta “*será este objecto assim tão belo interiormente?*” se pode conceptualizar todo o problema da violência na adolescência, violência subjacente à violação dos limites do privado/secreto, limites psíquicos inerentes à comunicação e relações humanas.

Para Meltzer (1989), a intolerância ao espaço de intimidade do objecto – conceptualizado como já vimos em –K (Bion) e através da noção de *claustrum* e identificação projectiva intrusiva (Meltzer) – revela a incapacidade de tolerar a incerteza e a dependência do objecto e provoca a confusão total entre o íntimo e o secreto que se encontra no centro da negação da realidade psíquica. O novo conflito estético é vivido como fonte de insuportável violência porque não-elaborável, restando ao adolescente procurar destruir as qualidades estéticas do objecto,

degradá-lo, “*para atenuar ou suprimir o conflito estético e a angústia que ele suscita. Esta degradação do objecto (...) implica sobretudo a prática de uma sexualidade muito infiltrada por pulsões parciais pré-genitais*” (Houzel, 1997, p. 37) – constituindo-se a passagem da Posição Depressiva à Esquizo-Paranóide.

Em síntese, a tónica é colocada na intolerância dos “*riscos de um reencontro amoroso*” (Meltzer, 1989, p. 36), na intolerância brutal face à intimidade de um conhecimento físico e psíquico, no fundo, a tudo aquilo que é inerente à Posição depressiva. Da violência subjacente surge a passagem para a Posição Esquizo-Paranóides e, posteriormente, face a novo(a)s ou renovado(a)s objectos/experiências, a oscilação entre Ps↔D e entre –K e K (inerente a qualquer processo de transformação – verdadeira cesura e mudança catastrófica – naquele tempo oscilatório e não linear que Meltzer sublinhou ser o das relações íntimas e que encontra na adolescência um dos seus exemplos mais prementes). Assim, a confusão é neste processo dupla: confusão do *espaço* íntimo-secreto, espaço eu-outro, interno-externo, mas também confusão do *tempo* passado-presente-futuro e tempo físico-emocional.

Também Houzel (1997) defende que o primeiro conflito estético mais não é do que o paradigma das experiências que ao longo da vida provocam uma rápida mudança somato-psíquica no sujeito, nas quais os sentidos do sujeito convergem para um objecto que maravilha e inquieta. A adolescência corresponde indubitavelmente a esta situação, na medida em que o redespertar da sexualidade e o apelo do outro são incontornáveis. Houzel (1991) sublinha que a separação e reencontro entre sujeito e objecto provocam o caos e turbulência, o que origina um gradiente de

forças psíquicas que apenas a comunicação psíquica pode amortizar. É este gradiente que separa e que assim permite, através da não indiferenciação primitiva, a inevitabilidade da necessidade de transposição do gradiente originário do campo de atracção entre o sujeito e o objecto sedutor. O carácter sedutor do objecto é, para além da beleza (mais explorada por Meltzer), de uma importância fulcral para Houzel, uma vez que é ela que atrai o sujeito para o objecto como para um precipício. As angústias despoletadas por esta atracção são nomeadas por angústias de precipitação, exactamente porque parecem equivaler à sensação de lançamento de um precipício em busca do objecto sedutor (Houzel, 1997).

Da entrega à sedução do objecto decorre uma dupla possibilidade: a de fragmentação por queda no precipício que separa ou a de construção de modos de aproximação mútua numa intimidade crescente. A paradoxalidade caracteriza a relação com este objecto sedutor, uma vez que é no seio de uma relação íntima com ele que se constrói uma identidade própria e é no risco do seu encontro que se acede à alteridade.

Ora, o reencontro pressupõe a criação de uma zona de estabilidade construída a partir dos dois lados do precipício. A construção de um envelope psíquico comum é realizada através de identificações introjectivas às qualidades psíquicas do objecto - interiorização da função alfa do objecto - o que permite evitar a precipitação destrutiva face à distância do outro, o que em termos Kleinianos equivaleria à reparação do objecto interno (Houzel, 1991). As pequenas inflexões que permitem a busca recíproca do encontro não são mais do que símbolos formados que vão constituindo a espiral ascendente de pensamento estável, elaborado e abstracto.

Assim, se o mundo externo impõe a separação entre sujeito e Outro, é através da reparação e formação de símbolos que, internamente, se ultrapassa a descontinuidade do abismo que os separa, o continente se constitui para pensar os pensamentos e os pensamentos se complexificam (Houzel, 1991). É então na possibilidade da construção de patamares identificatórios e simbólicos, que se dá o encontro entre sujeito e objecto, sujeito que é objecto também de si próprio. Deste modo, é na emergência da transposição do abismo e na possibilidade de ser objecto seduzido e sedutor que se pode ultrapassar o gradiente provocado pela cesura adolescente.

Na senda dos autores que encaram a adolescência como um segundo processo de individuação, Houzel (1997) caracteriza a natureza das angústias de precipitação no primeiro processo de individuação de *espaciais* (visam a alteridade, o reconhecimento do outro enquanto diferente e separado do próprio) e no segundo, i. é., na adolescência, de *temporais*. Aqui, o gradiente a ultrapassar é temporal: corpo, desejos, fantasmas, interesses e pensamentos transformam-se a uma velocidade extraordinária.

A este respeito Houzel (1991) retoma a noção de continente conteúdo e identificação projectiva de Bion em oposição ao *claustrum* e à identificação intrusiva de Donald Meltzer para lhes adicionar uma perspectiva premente na adolescência. Assim, para além de a primeira ser descrita como protótipo da comunicação normal, do crescimento e conhecimento, sendo o continente receptáculo de identificações normais e de a segunda expressar a penetração

intrusiva do objecto e a apropriação das suas qualidades (-K), Houzel aprofunda a noção de temporalidade subjacente a cada uma. Enquanto a relação continente conteúdo se inscreve na história, se modifica, transforma e cresce, a relação com um *claustrum* é paralisante e imutável. A repetição sucede-se sem capacidade de aceder à espiral de expansão mental (Bion), tornando-se a passagem do tempo uma luta contra a História. Torna-se claro que o gradiente temporal adolescente é apenas ultrapassável no seio de uma relação de intimidade (Meltzer), onde há um movimento de verdadeira aproximação entre sujeito e objecto baseado numa relação continente conteúdo e em mecanismos de identificação projectiva normal.

Por seu lado, Salgueiro (1990) enfatiza, baseando-se na relação de continente-conteúdo bioniana, a importância das primeiras introjecções (ao objecto materno, paterno e combinado) no “*bom aprovisionamento narcísico adolescente*” (p. 72). Na segunda organização do conflito estético, sublinha-se o potenciar dos elementos em jogo: a beleza do corpo (próprio e alheio) e o desejo de o conhecer internamente; a pele e a segunda pele que é o vestuário; a música que atrai e o desejo de conhecer quem a compõe... “*A relação do adolescente com o corpo, com o vestuário, com a música (...) implicam sempre uma relação com o outro, que se aprecia como objecto estético; por seu lado, o adolescente projecta/deseja ser o objecto estético do outro – organização complexa esta, a de definir o valor do seu objecto estético, e de se propor como objecto estético válido do outro*” (op. cit. p. 74).

Também aqui a adolescência é encarada como uma verdadeira mudança catastrófica, geradora de tensão e potencialmente propulsora; Salgueiro (1990) discorda das teses que parecem

encarar a adolescência como uma fase de nostalgia da infância idealizada, aproximando essa conceptualização da adolescência ao conceito de “Agonia Romântica” (Meltzer, 1995), próxima da quietude e do impasse da posição depressiva. Recordemos Meltzer & Williams (1995) quando defendem que *“a crença de que o enlevo da paixão floresce sobre a frustração sexual é, com toda a certeza, uma calúnia, uma invenção da pobreza de temperamento que não consegue discriminar o estar apaixonado da Agonia Romântica”* (op. cit, p. 62). Na Agonia Romântica, colocam-se *“os valores humanos em mente olhando para trás, para o objecto perdido em vez de olhar para a frente, para o desenvolvimento, e para a possibilidade de um objecto enriquecido cuja aquisição é possível justamente graças à sua perda”* (Meltzer & Williams, p. 49, 1995). Em termos bionianos a Agonia Romântica parece aproximar-se, por um lado, da incapacidade de ver através dos dois lados da cesura, em duas direcções opostas, passado e presente e, por outro, de uma dificuldade na verdadeira oscilação  $Ps \leftrightarrow D$ , de um movimento de perda e de conquista que alternam e abrem lugar ao desenvolvimento e verdade da paixão íntima.

Na Agonia Romântica parece também haver uma incapacidade de viver a reciprocidade estética, de aceitar as respostas estéticas que os outros têm em relação ao sujeito, de se oferecer e de aspirar a ser o objecto estético do outro (Meltzer, 1995), no seio de uma relação de intimidade onde há um movimento de verdadeira aproximação entre sujeito e objecto, onde um é continente e conteúdo do outro. A necessidade de posse e controlo, reflectida no predomínio do registo esquizo-paranóide e na identificação projectiva patológica – constituída como defesa contra a posição depressiva despoletada pelo desconhecido enigmático que é o interior do objecto – torna prevaletentes os vínculos  $-K$ , quando apenas a tolerância à dor da incerteza e do

desconhecido poderia conferir ao objecto liberdade própria e estimular o verdadeiro desejo de conhecer – através do estabelecimento de vínculos K, porque apenas assim se salva a relação de um impasse (Meltzer, 1995).

O verdadeiro desenvolvimento adolescente não se coaduna com impasses, a adolescência é movimento e oscilação, é processo e transformação, é mudança e maturação, é capacidade de entrega e de olhar e se deixar olhar nos olhos, pensar o seu desconhecido e o desconhecido alheio. A movência dos limites, a estranheza dos novos objectos internos e externos, o antigo e o novo, devem ser propulsores de curiosidade e conhecimento, de novas abstracções que fazem emergir, através da criatividade que visa a sua harmonização, novos símbolos e novos caminhos para a verdade individual, para *tornar-se O*.

O conflito estético surge como organizador da experiência transformacional adolescente ao integrar no seu seio a relação com o desconhecido enigmático, seja esse desconhecido o próprio corpo em transformação, a interrogação do futuro que espreita ou o Outro que seduz, atrai e amedronta. A capacidade de permanecer na incerteza na presença desse desconhecido ao longo dos processos transformacionais que conjugam ilusão e desilusão, estranho e familiar, que vão da clivagem à integração em  $Ps \leftrightarrow D$ , no seio da relação continente-conteúdo e por mecanismos de identificação projectiva, a capacidade de, dizíamos, tolerar a escuridão do caminho em direcção ao interior do objecto estético, do caminho em que se é *tornado O*, só pode ser efectivada através do pensamento.



## 1. Formulação do problema

O conflito estético enquanto conflito do desenvolvimento, joga na adolescência um papel preponderante. Sob a égide das conceptualizações apresentadas, visamos percorrer o caminho que nos leve à integração deste conflito, da adolescência e da busca de O.

A adolescência parece condensar e potenciar o conflito estético na medida em que em ambas as situações se coloca em causa o sujeito face ao desconhecido na presença do objecto, face à necessidade de buscar a Verdade sobre o mistério inquietante que é o interior desse objecto (interno e externo) atraente e maravilhoso, sempre na dialéctica necessidade – desamparo, pensamento – posse.

De facto, o processo adolescente reúne características de apelo à beleza, ao deslumbramento, à estranheza e ao fascínio pelo mistério do desconhecido. É convite ao Outro (e esse Outro pode ser objecto externo ou interno), ao Eu conhecido e desconhecido, ao novo objecto de paixão, que ganha nova visibilidade. No processo adolescente os objectos internos e externos agigantam-se ao impor sucessivas mudanças catastróficas consoante a fluidez dos investimentos decorrentes dos processos de clivagem – que se encontram exponenciados. A movência constante e renovada de sentidos exige a procura e criação de novos significados, símbolos e pensamentos, complexificando a estrutura dos vínculos inerentes. A cesura adolescente, paradigma de momentos dramáticos e violentos onde se aceita o desafio de mudar de vértice, deve assim ser investigada sob a perspectiva dos vínculos que dela emanam. Através

dela se olha no presente, passado e futuro, e através dela surgem continuamente novos estados mentais e novos pensamentos.

No conflito estético adolescente está em causa a capacidade de admirar o Outro enquanto objecto estético e de se consagrar enquanto objecto estético desse Outro, de buscar o desconhecido que é o próprio interior e o interior do Outro, numa reciprocidade íntima que promove a transformação, o crescimento e o desenvolvimento. O deslumbramento pode provocar sideração quando as capacidades de pensar o interior do objecto maravilhoso se encontram comprometidas. Então, o desenvolvimento é posto em causa, a imobilidade substitui a oscilação encontro – procura, o medo do novo substitui a ousadia da quimera, a inveja sobrepõe-se à admiração, a arrogância da posse substitui a procura da Verdade.

A capacidade de suportar a incerteza, o desconhecido, a capacidade negativa de tolerar a frustração do não-saber, joga-se no conflito estético – quando o objecto apenas oferece a face mas convida a pensar o seu significado interior, a atribuir novos sentidos e a construir conjecturas sobre a sua verdade individual – e na adolescência – verdadeira cesura que questiona o corpo e as relações internas e externas que se transformam, que permanecem as mesmas sem no entanto o serem já, o conhecido que se torna desconhecido, o passado que interroga o futuro.

No nosso trabalho propomos então o exame dos movimentos inerentes à capacidade de admirar o objecto estético que é a descoberta de um Eu e de um Outro renovados, à capacidade

de a eles se consagrar, num processo de transformação veiculado por intermédio de sucessivas cesuras e mudanças catastróficas, que fazem oscilar entre o medo do novo e o desejo de o conhecer, o deslumbramento siderante e a indagação do Belo. De seguida, propomos a análise específica dos vínculos presentes no conflito estético adolescente. Para tal é importante recordar que os vínculos conhecimento, amor e ódio oscilam num intervalo negativo e positivo, representando o primeiro a negatividade e o segundo a exploração do negativo numa aproximação a O – que aqui postulamos como o interior do objecto estético. A apreensão do belo consiste na oscilação em Posição Esquizo-Paranóide ↔ Posição Depressiva entre vínculos anti-estéticos, unívocos e regressivos (-K) e vínculos estéticos, simbólicos e progressivos (K). Deste modo, na primeira posição prolifera o desejo de possuir o objecto estético, negando-lhe a sua liberdade individual e na segunda impera a tolerância ao negativo e a busca do conhecimento desse objecto estético.

Se a verdadeira expansão do universo mental consiste em *tornar-se O*, e se O penetra na área do vínculo + K (apesar de a sua existência se basear em conjecturas porque dele não se *sabe*), compreendemos como apenas a presença, em primeiro lugar de vínculos com valência positiva e em segundo lugar de vínculos que espelhem a indagação (K→O), nos podem indicar o movimento de procura do interior do objecto estético, a busca da Verdade última, o genuíno processo de *tornar-se O*.

Parece importante sistematizar o tipo de indicadores que levam a atribuir a valência inerente aos vínculos estudados. Assim, o vínculo K é aquele que está presente quando se dá o processo de

conhecimento do objecto Outro, interno e externo, num sentido emocional, isto é, quando a emoção (trabalhada pela função alfa no seio de um continente tolerante à dúvida que recebe e transforma os conteúdos sem se danificar) e o conhecimento se ligam, influenciam e preparam a acção. Os vínculos K proliferam na posição depressiva (uma vez que é aí que se dá a verdadeira simbolização na derradeira ausência do objecto que se tem de construir criativamente através de processos de síntese e integração), em mecanismos de identificação projectiva normal (i. é., ao serviço da exploração e comunicação de/com outros objectos, ao serviço do pensamento) e na presença de uma barreira de contacto que permite a comunicação e intercâmbio modulado entre interior-exterior, eu-outro.

Por seu turno, a psicopatologia do pensamento, evidente na abundância de vínculos -K, destaca-se no distúrbio das noções acima referidas. Em primeiro lugar sublinhamos a impossibilidade de experimentar a oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  quando a dor mental inerente a D é demasiado insuportável. Nesta situação, ao invés da mudança catastrófica emerge uma verdadeira catástrofe e surge a causalidade circular  $Ps \leftrightarrow Ps$  que se justifica mutuamente. Para além desta patologia pode surgir a causalidade linear  $Ps \rightarrow D$ , onde o sofrimento está irreversivelmente justificado e paralisa. Em ambas as situações abundam os vínculos -K, porque ambas impedem a oscilação que viabilizaria o crescimento.

Se a Posição Esquizo-Paranoíde se caracteriza por mecanismos de identificação projectiva patológica e clivagem, também estes mecanismos nos podem indicar a presença de vínculos -K. A identificação projectiva patológica, ao serviço da evacuação, do controlo, da negação da

dependência e da diferença, ao abolir a distância e ao negar a ausência, operacionaliza-se como  $-K$  por visar a posse, a mentira e a intrusão no objecto. O continente transforma-se em *claustrum*, paralisante e imutável, impedindo a elaboração das emoções/angústias que se tornam avassaladoras e inundam o espaço psíquico: o símbolo transforma-se em equação simbólica, simbolizado e símbolo confundem-se, a arrogância da univocidade impera dada a esterilidade do dogmatismo. Os vínculos  $-K$  são também evidentes nos mecanismos de clivagem, através da fragmentação e expulsão dos maus objectos persecutórios e da sua contraparte, os objectos idealizados. Sob influência da parte psicótica da personalidade, reflecte-se a sensação de catástrofe interna, os objectos internos e consequentemente as relações objectais e os pensamentos, encontram-se desintegrados e cortados uns dos outros; tudo isto se operacionalizará em  $-K$ .

Em síntese, tendo sempre presente que *“a negatividade é a catástrofe do pensamento enquanto o negativo é a catastrofização da ignorância”* (Dias, 1999, p. 84), se tomarmos a busca do interior do objecto estético (o desconhecido que emana das transformações internas) como busca da Realidade Última, O, *“o não-seio desejado e não encontrado, que está ausente”* (Rezende, 1995, p. 44), compreendemos como esta busca apenas pode ser realizada em  $Ps \leftrightarrow D$  (pois só ela viabiliza a criação de novos significados) e como só na indagação se dá  $K \rightarrow O$ . Procuraremos então aprofundar, guiados pelos conceitos de Klein, Bion, Meltzer, Houzel e Amaral Dias, a qualidade dos vínculos acima descritos no conflito estético adolescente.

Para aprofundarmos, numa primeira análise, o processo de transformação subjacente à capacidade do sujeito de, por um lado, admirar o Belo e a Verdade que nele e no Outro existem e de, por outro, se oferecer ao Outro (interno e externo) como objecto estético e admirável e para estudarmos, num segundo momento, a qualidade dos vínculos na procura da verdade do interior do objecto estético adolescente, esse objecto deslumbrante e enigmático, belo e desconhecido, para estudar o processo de pensamento subjacente à sua busca, que se funda em processos de mecanismos de identificação projectiva, na relação continente-conteúdo em  $Ps \leftrightarrow D$  e se (re)elabora na adolescência forçado pelas transformações e novas vinculações que se estruturam nesta fase, utilizamos a teoria e método processo-resposta-Rorschach, cujas considerações teóricas se baseiam na Escola Francesa preconizada por Rausch de Traubenberg, Chabert, Emmanuelli e nos trabalhos de Marques que integram as teorias Kleinianas e pós-Kleinianas.

A escolha da teoria e método processo-resposta Rorschach realiza-se, como não poderia deixar de ser, na medida da concepção e do paradigma em que se insere o nosso trabalho, uma vez que o instrumento é sempre subsidiário dos modelos que incluem o potencial de permitir aceder ao conhecimento do objecto de estudo.

Assim, sabendo que o conflito estético é um conflito entre interior e exterior, entre aquilo que pode ser percebido e aquilo que apenas pode ser interpretado e pensado, acreditamos que as técnicas projectivas e o Rorschach por excelência, permitem-nos aceder à caracterização do conflito estético adolescente e à qualidade dos vínculos subjacentes ao seu pensamento. De

facto, o Rorschach activa a relação com um objecto desconhecido e enigmático e solicita, através do carácter ambíguo e estranho das manchas, a criação de novas ligações/recriações e a atribuição de novos significados/sentidos.

Sob a perspectiva que adoptamos, a situação Rorschach deve ser encarada como um novo O, fruto do entrecruzamento do O dos dois parceiros (sujeito e psicólogo) que cria um novo ponto inicial O, por intermédio do modo como o mundo interno de sujeito ressoa íntima e sintonizadamente no mundo interno do psicólogo e da transformação dos elementos que se sobrepõem. A situação Rorschach possui invariantes que revelam o processo de transformação (T (sujeito) alfa) e, por conseguinte, a própria natureza de T (sujeito). Neste processo de transformação disruptivo que se desenrola numa relação continente-conteúdo, a resposta/interpretação/conteúdo é sempre um novo O e um novo continente da resposta seguinte, dado que a situação/mancha continua disponível para novas interpretações. Os factos na sua origem conjugam passado e presente, interno e externo, sujeito e objecto, tarefa e psicólogo, num processo de transformação e criação de novos equilíbrios e significados que revela a sua natureza inicial através da análise do processo de transformação.

Tal como no conflito estético adolescente, também no Rorschach existe o apelo à entrega ao desconhecido, à regressão e progressão e à mobilização de capacidades transformacionais internas que recriem, através do estabelecimento de novos vínculos, novos símbolos, novos pensamentos e novos caminhos no processo de buscar a Realidade Última, de procurar a verdade do objecto, de *tornar-se O*.

Por todas estas razões, acreditamos que o estudo da capacidade de entrega à admiração do Belo e da Verdade e da qualidade dos vínculos no seio do conflito estético adolescente, por intermédio do processo-resposta-Rorschach, se poderá mostrar extremamente enriquecedor, pelo que propomos a sua operacionalização neste trabalho.

## 2. O Método Rorschach

O que neste momento nos propomos é a realização de uma sucinta abordagem histórica do Rorschach, para melhor podermos aceder à utilização que dele e nele faremos ao longo deste trabalho.

O *Psychodiagnostik* de Hermann Rorschach (1884-1922), publicado em Junho de 1921, surge no contexto da psiquiatria e serviria como meio de diagnóstico, utilizando as manchas de tinta para aceder à percepção e não à imaginação. Esta noção de percepção aproxima-se no entanto mais da noção de *apercepção*, sendo mais o sujeito que percebe a revelar-se do que propriamente o objecto percebido (Marques, 1999).

Ao longo do tempo, e com a tentativa da psicanálise de se aproximar do Rorschach, acentua-se a ideia de que mecanismos psicológicos influenciam a percepção, constituindo-se então enquanto interpretações. A importância dos elementos vivenciais e transferenciais provocam a deslocação da concepção de mero teste para a de *método Rorschach* (Marques, 1999).

Vários autores debruçaram-se sobre as manchas Rorschach, e neste momento parece-nos importante fazer algumas referências sobre as suas conceptualizações, na medida em que poderão contribuir para a análise que nos propomos realizar. Enquanto Lagache refere que as manchas de Rorschach apelam à constituição de uma “*rêverie imageante*” que, combinando a imagem e a imaginação e conciliando a realidade do estímulo com o psiquismo do sujeito, leva a

que a conduta adaptativa nesta situação específica seja a desrealizante e a não-adaptativa e não a meramente descritiva, Loosli-Usteri refere que, na medida em que perante as manchas caóticas o sujeito consegue fazer uma interpretação, esta deve ser considerada um *acto criador* (Lagache, 1943/1977 e Loosli-Usteri, 1958 cit. por Marques, 1999).

Por seu lado, Baer enfatiza o Rorschach enquanto situação traumática e transferencial que obriga o ego a mobilizar-se regressivamente; neste sentido, e uma vez que a angústia mobilizada é a da perda de forma da mancha o que equivaleria a nível inconsciente à angústia de perda de objecto, este autor, reportando-se à teoria Kleiniana, refere que o sujeito mobiliza a elaboração da posição depressiva. Também Kris se refere à “*regressão temporária ao serviço do ego*” para executar tarefas de cariz mais criativo, de que o Rorschach poderia ser exemplo (Baer, 1950, cit por Marques, 1999).

Um dos conceitos de Schafer que podemos considerar mais interessantes é o de *shift*, que dá conta das oscilações do nível do funcionamento de consciência que este autor encara como um *continuum*. Estas oscilações dar-se-iam então nas repostas que traduziam o nível de funcionamento primário descrito por Freud – “*mais primitivo e opera com energias pulsionais não neutralizadas, conduz à descarga directa da energia, ou opera através de mecanismos de deslocamento, condensação, formação substitutiva e simbolização*” (op. cit. p. 173) - ou secundário – “*com uma energia mais neutralizada e mais disponível para qualquer actividade do ego, utiliza formas de adiar as acções e descarga, como o pensamento e a sublimação*” (op. cit. p. 173). É importante realçar que também este autor sublinha a importância adaptativa da

regressão temporária até ao processo primário no Rorschach, bem como a angústia de perda de objecto referida por Baer a que este autor junta a de perda de controlo. De facto, numa situação em que o contexto interpessoal e social interferem necessariamente na resposta dada, o sujeito vulnerabilizado deve confiar a sua intimidade ao Outro (Schafer, 1954 e 1967/1986 cit. por Marques, 1999).

Por seu turno, Smith reporta-se a um conceito Winnicotiano, o de *espaço potencial* - onde a realidade interna externa se encontram para *criar* - para propor que a percepção surge na comunicação e na relação, sendo que também os preceptos Rorschach, tal como os objectos transitivos, são simultaneamente criados (Smith, 1990, cit. por Marques, 1999).

No que à escola francesa diz respeito, podemos sublinhar a importância dos trabalhos de Rausch de Traubenberg e de C. Chabert. Nos primeiros, encontramos sublinhado o Rorschach enquanto revelador da relação do sujeito ao mundo interno e externo, constituindo-se como um espaço de interações *“entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna da vivência: esta hipótese é correlativa da que diz que o Rorschach testa a presença da imagem do corpo inteiro”* (Rausch de Traubenberg, 1983, cit. in Marques, 1999, p. 180).

Com Chabert assistimos, tal como teremos oportunidade de ver mais à frente, ao aprofundamento e à valorização da *representação de si* e da *representação do outro* no Rorschach, com claras referências à constituição da identidade, identificações e relações

objectais. Segundo esta autora, a abordagem do Rorschach deve ser feita tendo em conta as relações entre conteúdo manifesto e latente, entre percepção, representação e afecto, entre processo primário e secundário, regressões e mecanismos de defesa (Chabert, 1995 cit. por Marques, 1999). Chabert aborda numa dupla vertente a importância da transferência e da contratransferência, sendo que se reportam por um lado à expressão de conteúdos inconscientes e por outro à reactivação na situação das modalidades relacionais que se poderiam associar às estabelecidas com as figuras parentais (Chabert, 1983 cit. por Marques, 1999).

Anzieu também sublinha a especificidade do Rorschach para *“destacar as imagens do corpo, as fronteiras do ego e os envelopes psíquicos (...) [Ele] coloca antes de mais à prova (...) as capacidades criadoras, as quais consistem em mobilizar regressivamente (...) as fontes profundas, inventoras de soluções novas, face a situações perigosamente problemáticas”* (In Chabert, 1983, cit por Marques, 1999, p. 181).

Tendo por base estas concepções, Marques (1999) procura compreender de que modo o Rorschach revela os processos mentais na relação do sujeito a/com o objecto, baseando-se nas noções de mudança, progressão e desenvolvimento e nas possibilidades que o sujeito revela em (re)criar novos objectos. A resposta Rorschach, criada num espaço de intersubjectividade entre a singularidade da realidade interna e da realidade externa, é resultado *“de um processo, de um trabalho de ligação entre o interno e o externo, entre a subjectivação e a*

*objectivação/objectualização, possibilitando a revelação do nível de diferenciação, transformação e criação entre sujeito-objecto, interior-exterior” (Marques, 1999, p. 190).*

Com o objectivo de “*dotar o Rorschach com um estatuto teórico e metodológico mais claro, estabilizado e coerente, dentro dos paradigmas consagrados pela significação*” (op. cit. p. 191), crescimento, expansão mental, ligação e transformação dentro da relação intersubjectiva, esta autora estabelece, tendo por base a teoria psicanalítica, uma série de procedimentos ordenados segundo as conceptualizações que agora aprofundaremos.

### **A relação no Rorschach**

Marques (1999) refere que se deve ter em conta o contexto em que as respostas Rorschach surgem, sendo que aí intervêm os dois universos muito particulares dos intervenientes. Esta autora reporta-se às noções de *transferência e contratransferência* que surgiram no seguimento da teoria Kleiniana que, ao contrário das ideias de Freud (que a encaravam enquanto repetição e reactualização das relações com os objectos parentais), sublinhavam que elas, fazendo parte da relação que se estabelece, levavam à necessidade de expansão, de mudança e de crescimento da mente.

Sobre este assunto, é igualmente referido Amaral Dias que, no seguimento desta ideias e do modelo de ligação entre analista e paciente de Bion no qual se dá conta da comunicação, do sonho e do pensamento entre eles, sublinha que as primeiras relações não se constituem enquanto traumatismo, obstáculo, enquanto finitas e estanques, mas se inscrevem num sistema

infinito de novas significações, levando ao conhecimento e ao crescimento (Amaral Dias, 1993 cit. por Marques, 1999). Partindo do conceito de *identificação à função continente* de Amaral Dias, Marques (1999), postula que *“devemos considerar no Rorschach que, quer o sujeito, quer o psicólogo, se inscrevem numa relação onde há uma tarefa que ocorre numa situação que é vivida também subjectivamente por ambos, situação que contém elementos de disruptividade de desconhecido à procura de conhecido, de não significação à procura de significação. Essa relação é um receptáculo onde se irão exercitar relações dinâmicas, onde se irão criar significações”* (op. cit. p. 202).

Marques (1996) sugere que nos detenhamos sobre três eixos que nos podem servir como organizadores principais na análise e compreensão do processo resposta-Rorschach: a **comunicação, interpretação e simbolização**.

A noção de **comunicação** é aqui encarada no seu âmbito mais abrangente, desde a comunicação entre diferentes partes do mesmo sujeito, passando pela comunicação com o Outro psicólogo até à comunicação com o Outro/mancha. Ela processa-se através da criação de elos de ligação impostos pela reunião e integração destes elementos que, através de um processo de transformação, irão originar um outro elemento fruto da intersecção destes três, por intermédio de novas relações continente conteúdo, onde cada conteúdo se oferece como continente do Outro.

A noção de **interpretação** está ligada à noção de projecção e de identificação projectiva, dado que interpretar a mancha e fornecer uma resposta implica estes movimentos projectivos. O movimento de dar sentido e atribuir uma significação a partir da sua ausência implicam um labor de integração e reunião, de dispersão e integração, de criar o símbolo a partir da sua ausência. Face à nova situação imposta pelo estranho desconhecido que é a situação Rorschach, emerge uma situação caótica de desequilíbrio que o sujeito procura ultrapassar através de um processo intersubjectivo de criação de novos significados.

A **simbolização**, que aprofundaremos mais à frente, deve ser perspectivada sob um paradigma que alarga as suas redes de influência dado que a mancha, a situação e os próprios elementos do mundo interno do sujeito, enquanto intersubjectivos e disruptivos, devem ser considerados símbolos em si e deve ser estudado o trabalho subjacente ao seu processo de simbolização.

### **O material Rorschach: simetria e valor simbólico**

Nesta secção pretendemos debruçar-nos sobre as qualidades preceptivas das manchas de Rorschach e sobre as qualidades psíquicas que delas emanam.

A **simetria**, presente ao longo das dez situações Rorschach, apresenta, devido à qualidade psíquica de *coesão e duplo*, uma importante equivalência como organizador da vida mental (Marques, 1999). Esta qualidade de harmonia que se reflecte na unificação e integração tem também, por outro lado, o carácter do desconhecido e da dispersão da qual depende o crescimento e a expansão mental, presentes devido ao carácter desconhecido das manchas. Essa qualidade está ligada, por um lado, “à noção de reprodução do mesmo em relação a um

*eixo, a um ponto, a um plano, que dá lugar ao duplo e ao desdobramento do mesmo” (op. cit. p. 206), réplica do original e, por outro, à “proximidade como seu sentido mais amplo e original, na acepção de em harmonia com” (op. cit. p. 206). Quando abordadas em conjunto e encaradas à luz da relação do indivíduo com o mundo, colocam “o problema da impossibilidade de crescer: não há sobrevivência, não há construção, nem reconstrução, nem progressão, nem crescimento através da contemplação e do permanecer no perfeito e no mesmo, pelo contrário, há estagnação, a extinção e a morte, tal como aparece no mito de Narciso” (op. cit. p. 207).*

Marques (1999) refere ainda a este respeito, que é com a constituição de réplicas sucessivas de um *mesmo* idealizado que podem surgir, com a perda da perfeição do original, elementos desorganizadores que, ao serem integrados, vão modificar e dotar de novas características a realidade. Através da integração de harmonia e desarmonia, perfeição e imperfeição, duplo do mesmo e diferente, sustentam-se *“as possibilidades do desenvolvimento que têm de se fundar na incerteza, na dúvida, no desconhecido, no disruptivo, através de processos que vão da dispersão para a integração, do caos para a ordem, através de uma relação continente-conteúdo que implica relações de comunicação, empatia e transformação, sustentadas e asseguradas pela identificação projectiva”* (op. cit. p. 207).

Segundo Bion, esta relação de continente-conteúdo pode promover mais ou menos a expansão mental, denominado-se de *comensual* se levar ao crescimento e à transformação benéfica para ambos os elementos, *simbiótica* se for de dependência recíproca e *parasitária* se estagnar e canibalizar os elementos (Bion, 1970 cit. por Marques, 1999). O crescimento que pode advir da

simetria, aberto o *“espaço para o múltiplo e o infinito, obriga e impõe, também, o retorno e a fixação no uno, no indivisível, no unido, integrado e coeso para se operar, de novo, o espaço do múltiplo, do infinito finito. Este é o espaço da transformação simbólica”* (Marques, 1999, p. 208).

Outra das dimensões consideradas por esta autora é o **valor simbólico** dos cartões, algo sobre o qual também Rausch de Traubenberg e Chabert se debruçaram. Os cartões de Rorschach podem ser descritos segundo três dimensões: as características objectivas do material, a tonalidade emocional e a *“solicitação simbólica latente privilegiada”*. É esta abordagem, de Nina Rausch de Traubenberg (1970/90 cit. por Chabert, 1998) que passamos a descrever.

O **cartão I** é caracterizado por uma tonalidade emocional disfórica ou neutra, sendo habitual que o sujeito se refugie em referências formais banais. Sendo o cartão de entrada na situação de teste, é importante compreender a postura do analisando face a uma situação nova, podendo esta caracterizar-se ou por uma passividade dependente ou por uma activação massiva de defesas. Caso se dê a reactivação de uma imagem conotada com a mãe pré-genital, nos seus aspectos mais securizantes ou ameaçadores, isto pode remeter para um nível menos evoluído do desenvolvimento.

Relativamente ao **cartão II**, as características objectivas do material solicitam uma forte reacção emocional, nas suas vertentes positivas ou negativas. A abordagem circunscrita do vermelho pode reflectir ou pulsões agressivas de nível evoluído de luta e competição ou de nível mais primário se de explosão ou dispersão. Se for apreendido na sua globalidade, este cartão pode

reenviar para uma problemática pré-genital de nascimento, através da qual as relações mais precoces com o objecto materno são caracterizadas por uma conotação simbiótica e/ou destrutiva. A mancha apela igualmente à problemática da castração e da bissexualidade.

No **cartão III** assistimos geralmente à solicitação de afectos mais positivos, devido à estrutura menos pesada e concentrada do estímulo. As figuras humanas que habitualmente se impõem apelam à expressão da representação de si face ao outro e deste modo à problemática de identificação e da relação entre os dois. Este cartão pode então dar conta de problemas a estes níveis, nomeadamente quando as personagens pertencem a um mundo maléfico, quando estão desvitalizadas ou quando a relação é conflitual.

Devido ao preto, à dispersão da mancha e à sua grande forma, a reacção ao **cartão IV** é geralmente disfórica, solicitando intensos sentimentos de angústia, mal estar e desconforto. Devido às suas características, este cartão é geralmente conotado com imagens de autoridade, potência e domínio, reenviando para uma imagem paterna ou materna onipotente, pelo que solicita posturas de dominação ou submissão.

No que diz respeito ao **cartão V**, e uma vez que a mancha nele inscrita está mais próxima da realidade objectiva, a tonalidade emocional é geralmente neutra ou até de um certo alívio. Pode no entanto ser disfórica por invasão do cartão anterior, ou eufórica por intermédio de uma necessidade de valorização narcísica. Devido à constituição unitária da mancha, este cartão apela à integridade psíquica e somática, ao conceito unitário do Eu.

O **cartão VI** é caracterizado por uma reacção emocional geralmente negativa, pelo que pode ser rejeitado de modo mais ou menos explícito. Estando profundamente carregado de conotações sexuais este cartão é, apesar do seu carácter bissexual, geralmente apreendido na sua dimensão fálica, pelo que as questões de tomada de posição activa ou passiva e a problemática da castração podem estar reflectidas.

Devido ao carácter inacabado, instável e desequilibrado da mancha, a tonalidade emocional presente no **cartão VII** é geralmente neutra ou negativa. O simbolismo da prancha é claramente materno e/ou feminino, reenviando para a relação primitiva do sujeito com o objecto materno.

No **cartão VIII**, a excepção a uma tonalidade geralmente positiva é o aparecimento de imagens que remetem para o interior do corpo ou para um corpo deformado. Na medida em que as cores podem remeter para os afectos, dá-se a solicitação do mundo externo, da comunicação e das trocas.

Relativamente ao **cartão IX**, podemos dizer que a tonalidade emocional depende da resistência ou aceitação do simbolismo presente. O carácter materno pré-genital apela a posições regressivas que podem ser vividas de modo positivo ou negativo, podendo encontrar-se associadas a fantasmas de gravidez ou nascimento.

Por ser o último, o **cartão X** é vivido como uma ruptura que pode apelar a sentimentos de alívio ou de ferida e, na medida em que o material se encontra disperso, pode facilitar ou bloquear as associações. Este cartão é especialmente plurideterminado, consoante a solicitação é mais baseada nas cores, na dispersão ou no branco, podendo a tonalidade afectiva ser absolutamente eufórica ou marcadamente fragmentária.

Nina Rausch de Traubenberg apresenta em 1990 uma **grelha de análise da dinâmica afectiva** no Rorschach. Nela sistematiza as posições face aos objectos (internos e externos), a capacidade de vivência da problemática emergente e a qualidade da articulação das exigências internas e externas, sendo organizada em torno de oito dimensões:

## **1. Expressão pulsional**

1.1 Expressão pulsional objectal: Franca se composta por um indivíduo e expressa através de um verbo de acção, por mais do que um sujeito sem interacção e por mais do que um sujeito com interacção; neutralizada quando há apenas indicação da postura.

1.2 Expressão pulsional não-objectal: Franca quando representando elementos naturais ou fabricados; neutralizada quando esses elementos não estão activos mas reduzidos à sua forma.

## **2. Agressividade**

2.1 Agressividade objectal: Activa se comporta a verbalização da acção; passiva se expressa o resultado da acção agressiva.

2.2 Agressividade não objectal: Activa se com finalidade destrutiva; passiva se como resultado de uma acção.

2.3 Agressividade potencial: Resposta com simbolismo oral, anal, fálico agressivo cujos mecanismos de isolamento impedem a expressão franca.

### **3. Imagem corporal**

3.1 Imagem corporal integra.

3.2 Imagem corporal atingida: Imagens de incompletude ou mutilação.

3.3 Imagem corporal parcial.

3.4 Imagem corporal fragmentária ou destruída.

### **4. Temática sexual**

4.1 Denominação franca: órgãos sexuais.

4.2 Representação simbólica do sexo.

4.3 Expressão manifesta da sexualidade na relação.

4.4 Expressão simbólica de actividades sexuais (genitais, pré-genitais).

4.5 Atributos femininos e masculinos.

### **5. Narcisismo**

5.1 Representação: Os conteúdos têm uma carga valorizada cultural, social ou intelectualmente.

5.2 Valorização: Os conteúdos têm uma carga afectiva associada a conteúdos sobrestimados.

5.3 Golpe-depreciação: Elação narcísica invertida (desvalorização, depreciação); conteúdos ou imagem são investidos negativamente.

5.4 Desdobramento: Relação objectal com a sua própria imagem (espelho, duplo, reflexo).

## **6. Depressão**

6.1 Afecto veiculado

6.2 Representação simples

## **7. Angústia**

7.1 Afecto veiculado

7.2 Representação simples

## **8. Mecanismos de defesa**

8.1 Defesas do registo psicótico: Contaminação, combinações confabuladas, colocação em causa massiva da realidade objectiva, projecção interpretativa, abstracção delirante.

8.2 Defesas do registo maníaco: Negação, clivagem, desvitalização, “coisificação”, justificação arbitrária ou intelectualização falhada, idealização.

8.3 Defesas do registo adaptativo mínimo, restrição-inibição: Conseguida (C+) ou falhada (C-).

8.4 Defesas do registo rígido (para isolar a representação do afecto): anulação, denegação, isolamento conseguido, minimização, intelectualização, recurso à abstracção cultural.

8.5 Defesas do registo lábil: Recalcamento, evitamento, deslocamento; fabulações histeróides, sugestionabilidade, vulnerabilidade.

8.6 Sinais de agilidade: Liberdade do funcionamento mental que inclui fluidez, capacidade de adaptação à mudança, utilização de processos secundários, sublimação e criatividade.

Na perspectiva de Chabert (1998), a análise do conteúdo latente dos protocolos de Rorschach permite-nos aceder ao funcionamento interno do sujeito analisado, seguindo uma dupla orientação:

A **construção da imagem de si** que engloba:

*A imagem do corpo*

*A identidade e o investimento da imagem de si*

*O reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação*

A **representação das relações** que engloba:

*A imago materna*

*As relações de objecto de amor e de ódio*

### 1. A construção da imagem de si

Podemos dizer que é a construção simétrica e compacta dos cartões (à semelhança do corpo humano) que faz com que a solicitação da **imagem corporal** ocorra. Os cartões mais dispersos põem à prova a capacidade de unificação do sujeito, podendo surgir nestes angústias de fragmentação.

O **cartão I**, devido ao seu carácter fechado e ao eixo, pode solicitar uma resposta de imagem corporal. A hipersensibilidade às lacunas intermaculares ou aos contornos recortados podem

remeter para uma maior ou menor fragilidade da imagem corporal. A capacidade de dar uma resposta não truncada ou parcelar (ainda que não humana), pode, caso seja uma banalidade, atestar a integração correcta da unidade corporal enquanto todo.

Apesar de remeter de um modo mais primário para imagens do potência, o **cartão IV** pode, secundariamente, remeter para a imagem corporal, se se constituir de modo mais ou menos organizado e simbólico segundo uma delimitação bem construída.

Mesmo nos protocolos de cariz mais patológico, é frequente a resposta de banalidade no **cartão V**, o que atesta a sua importância e prioridade no reflexo da identidade e representação de si, por resistir aos ataques mais desintegrativos. Neste sentido, a incapacidade de dar uma resposta não fragmentária, não unificada e não integra do próprio corpo, pode atestar a presença de patologia, e pode reflectir-se ou através da incapacidade de reconhecer a entidade global ou através da total ausência de reconhecimento da realidade, o que pode ser reflexo de um vazio ideativo. Podemos dizer que este cartão reflecte mais a extrema sensibilidade narcísica e uma problemática identitária do que a própria imagem do esquema corporal, na medida em que noutros cartões os mesmos sujeitos não parecem tão atingidos por uma fragilidade da integridade corporal.

Apesar do carácter compacto do **cartão VI**, a sua extrema simbologia sexual parece impedir ou mascarar a solicitação da imagem corporal.

Nos **cartões não compactos de configuração bilateral**, a solicitação da representação corporal pode surgir por intermédio de uma tentativa de apreensão global, numa tentativa de unir o disperso e fragmentado.

A lacuna mediana do **cartão II** pode ser vivida como uma falha corporal e os pontos de junção podem ou não ser utilizados para a circunscrever ou unificar, delimitando o dentro e o fora. A vivência destrutiva de danos no interior do corpo pode reflectir-se na apreensão das manchas vermelhas deste cartão.

Relativamente ao **cartão III**, sendo que a sua configuração pode evocar imagens humanas que constituem uma banalidade, a sua representação pode espelhar angústias de desintegração.

Apesar de ser mais raro, também o **cartão VII** pode apelar à problemática da imagem corporal, na medida em que se caracteriza pela participação do branco tipicamente associado ao vazio e à falta, assim como aos limites dentro-fora.

Os **cartões pastel** são importantes para um bom diagnóstico, nomeadamente de funcionamentos limite e dissociativos. No **cartão IX**, as angústias hipocondríacas ou de fragmentação podem surgir através de imagens do interior corporal, com fragilidade dos limites interno/externo. No **cartão X**, na medida em que não existem pontos de junção, existe uma pulverização que pode fazer emergir uma franca angústia de fragmentação em sujeitos sem sólidas referências de base.

No que diz respeito à **identidade e investimento da imagem de si**, elas estão intrinsecamente ligadas à construção do esquema corporal. De facto, apoiam-se no último, sendo necessário processar-se a distinção entre sujeito e objecto (a operacionalidade dos processos de individuação e diferenciação) e, por outro, a inserção do sujeito no mundo humano. Quando isto não acontece, dá-se o aparecimento de imagens híbridas pertencentes a outros reinos, o que pode atestar mecanismos de despersonalização.

Nos **cartões I e VI**, quando o facto de serem compactos faria esperar imagens unidas e individualizadas, podem surgir respostas que revelam a não solidez e não securização que podem advir da existência da linha média: esta linha, este eixo, é antes de mais encarado como separação entre dois iguais, como se existisse um corte interno entre essas duas partes que não são complementares mas apenas um duplo de si mesmo.

O **cartão V** pode, quando reflecte confusão de identidades, atestar um deficiente processo de individuação que impediria a construção de uma imagem própria estável. Neste cartão podemos aceder de modo privilegiado a aspectos referentes à identidade e ao narcisismo, nas suas vertentes mais depressivas ou exibicionistas. Ainda relativamente às questões da identidade, nos cartões de configuração bilateral, a emergência de imagens em duplicado pode, como já foi exposto, significar a sua precária solidez.

Para além do **cartão V**, são os **cartões de configuração bilateral** (devido à possível evocação de imagens especulares) e os **cartões pastel** os que reactivam com maior frequência e com mais intensidade a problemática narcísica. Os tons pastel reactivam movimentos intensamente regressivos ou depressivos. Aqui atesta-se o sofrimento narcísico que pode advir de uma relação objectal primária pouco satisfatória, incapacitante do investimento de si na medida em que a sensação de falta e insatisfação são demasiado precoces e invasoras.

No que ao **reconhecimento da diferença dos sexos e aos modelos de identificação** diz respeito, gostaríamos de referir que estas compreendem um registo mais elaborado, e o seu acesso depende da anterior constituição do sentimento de identidade e da diferença dos sexos.

Apesar de cada um dos cartões reenviar mais para uma temática ou feminina ou masculina, todos reflectem a bissexualidade psíquica.

No **cartão II**, existe a conotação fálica do pormenor superior e o facto de ser oco que remete mais para o feminino; no **cartão IV**, apesar de existir uma dominância fálica pode-se perceber o sexo feminino no pormenor superior médio e inferior, pelo que pode ser apreendido dinamicamente, atestando posições identificatórias mais activas quando a diferença dos sexos se encontra consolidada, ou passivas (favorecidas pelo esbatimento); nos **cartões VII e IX**, cujo cariz simbólico é feminino porque oco, promove-se as identificações femininas e maternas mas simultaneamente estão patentes apêndices conotados com o masculino; o **cartão III**, devido às características da mancha, que remetem para um ser munido de pênis e/ou seios, pode reflectir claramente uma escolha identificatória segura ou, ao invés disso, oscilações problemáticas ou respostas “neutras”, como é o caso de “dois seres”.

## 2. As representações das relações

Relativamente à **imago materna**, esta pode-se fazer representar no **cartão I**. Este facto acontece, por um lado, por este ser o primeiro cartão e por isso apelar à relação com o objecto primário. Por outro lado, as características formais da mancha remetem para esta temática: este cartão é aberto na parte superior e a parte central pode ser apreendida ou como uma imago materna/feminina bem constituída, ou forte, potente e conotada falicamente ou ainda persecutória e inquietante de cariz pré-genital.

O **cartão VII** é o que tem o simbolismo materno mais acentuado, sendo que este apelo ocorre devido ao carácter esbatido e à estrutura oca e com interpenetração figura-fundo, própria de uma

mancha aberta. O contexto das respostas pode ocorrer nas suas vertentes mais díspares, das mais evoluídas às mais arcaicas. De facto, quando as respostas se apoiam no pormenor inferior que constitui a base, podemos estar perante um contexto arcaico, no qual fantasmas de relações simbióticas fazem da separação algo impossível de conceber. Nesta prancha é também frequente o apelo à regressão, quer através da infantilização dos conteúdos, quer por intermédio da escolha de modalidades relacionais menos evoluídas, de que são exemplo as temáticas orais ou anais ou ainda o reflexo do tipo de relação mais precoce, através de simbologias de bem estar ou desconforto.

Também o **cartão IX**, devido à sua abertura, vacuidade e mistura de cores que os limites pouco claros reforçam, pode induzir movimentos profundamente regressivos. De facto, a considerável frequência de temáticas de gestação e nascimento explicam que este cartão também seja denominado de “uterino”. Os temas alimentares e aquáticos, igualmente regressivos, são do mesmo modo frequentes.

Os cartões que mais facilmente nos permitem o acesso às **relações de objecto de amor e de ódio** são os de **configuração bilateral** que, devido à sua estrutura em duplo, promovem a relação face a face, nas suas vertentes narcísicas, objectais, agressivas e/ou libidinais e os **vermelhos e pastel** devido à presença das cores que estão associadas ao mundo dos afectos.

No **cartão II**, devido à presença do vermelho que lhe confere um carácter pulsional marcado, o investimento pode ir num duplo sentido: numa vertente relacional agressiva ou libidinal. Quando o deslocamento sobre animais do tipo de relação habitual é difícil devido à estrutura da mancha – como acontece no **cartão III** onde a estrutura humana é mais evidente – dá-se a modulação da

intensidade pulsional, sendo frequentes as temáticas erotizadas ou de rivalidade no contexto da rivalidade edipiana. Como já referimos, o **cartão VII** também se presta à representação das relações, nomeadamente no âmbito mais precoce do materno e feminino.

Nos cartões pastel, as relações humanas são frequentemente evocadas, sendo, devido ao carácter regressivo, um bom espelho das relações mais precoces com o meio. Enquanto o **cartão VIII** é o primeiro a apresentar estas cores e por isso testemunha o primeiro contacto e o tipo de investimento com o mundo exterior, o **cartão IX** reporta-se ao investimento materno e o **cartão X** pode ser encarado como o da separação-indivuação.

Marques (1999) estabelece a sua organização do **valor simbólico** da situação Rorschach através da análise da noção *feminino-masculino* enquanto elemento estruturante da **identidade** do sujeito. Seguindo a teoria de Winnicott, segundo a qual é a *capacidade de ser* que habilita o *sentimento de existir* e a aptidão a *realizar*, esta autora estrutura a análise do funcionamento psicológico do sujeito: *“tal capacidade de ser, de existir e de realizar conduz, depois, à possibilidade de expressar a vivência de ser, de existir e de realizar sexuado, bissexuado, interactivo e intersubjetivo, vivência esta que também se expressa na relação ao objecto, ao Outro, também ele bissexuado, interactivo e intersubjetivo. A identidade é assim o conjunto de características que diferenciam cada sujeito e determinam a sua unidade, estando nesta unidade contida a bissexualidade”* (Marques, 1999, p. 209).

Também Anzieu (1989, cit. por Marques, 1999), se refere à base feminina da existência, organizando-se a função materna como elemento excitante e pára-excitante. O sentimento de

identidade pode então revelar-se no Rorschach através do sentimento de existir que leva à separação Eu-não Eu. Ao interpretar a mancha Rorschach deve proceder-se “à separação *figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto*. A relação que o sujeito estabelece com o objecto – a mancha Rorschach a interpretar na situação projectiva que determina e condiciona a expressão – pressupõe a separação *Eu- não Eu* que conduz, permite e revela a objectalização, isto é, a relação do sujeito com o mundo” (Marques, 1999, p. 209). É através da constituição deste sentimento de existir, de ter um interior e ser um continente, que surge então a capacidade de criar, ao estabelecerem-se mecanismos de introjecção, projecção e identificação mas “sobretudo de identificação projectiva, [estabelecendo-se] conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo” (Marques, 1999, p. 210).

Para além da integração fantasmática do casal parental, joga-se no Rorschach a expressão feita por substituição e simbolização da *diferença de sexos e gerações e da complementaridade*. A este respeito, a autora recorda o conflito estético de Meltzer e H. Williams, no qual se dá conta de um interior e de um exterior, e dos movimentos oscilatórios que levam ao conhecimento do novo, da realidade, integrando-os na situação Rorschach: “as manchas, possuidoras de qualidades psíquicas – conhecido/desconhecido, harmonia/inquietude, novo/já experienciado – são capazes de (co)mover os objectos internos, mobilizando um processo complexo feito de vários movimentos identificatórios de sujeito a objecto e de objecto a sujeito, movimentos feitos de fusão e diferenciação, mas também movimentos que revelam ressonância e comunicação entre interior e exterior, bem como envolvimento e incorporação. Podemos, então, dizer que as

*manchas Rorschach actuam um conflito interno entre o exterior manifesto e o interior ambíguo do objecto, que suscita a pulsão epistemofílica que leva à procura do conhecimento”* (Marques, 1999, p. 212).

### **A identificação projectiva no Rorschach**

A mancha Rorschach, ordenada e dispersa, objectiva e subjectiva, abre caminho a toda uma infinidade de significados que promovem a ligação, encontro e transformação entre objecto externo e interno. O seu impacto estético desencadeia uma experiência emocional que será veiculada através dos processos resposta Rorschach.

Numa tentativa de compreensão dos processos de formulação da resposta Rorschach, Marques (1999) reporta-se à teoria de Bion segundo a qual, através de mecanismos de identificação projectiva possíveis e reorganizadores *pela* e *na* relação continente conteúdo, o sujeito integra conteúdos, equilibra e ajusta a ordem interna, previamente desestabilizada pela situação e pela qualidade caótica, dispersa e enigmática das manchas. O trabalho de interpretação contém elementos de *mudança catastrófica* que impõem um processo de ligação e transformação da experiência emocional, o que, através da simbolização, leva à constituição de elementos *alpha* e ao pensamento.

Verdadeira mudança catastrófica, o embate com as manchas provoca uma situação disruptiva e dolorosa que accionará os mecanismos propulsionadores do pensamento e da criação de símbolos. A dúvida, a incerteza, o desconhecido do significado da mancha abre lugar a novas relações continente-conteúdo regidas por mecanismos de identificação projectiva.

Segundo a mesma autora, *“a identificação projectiva passará, então, a ser o conceito central para dar conta do processo de diferenciação sujeito/objecto e do desenvolvimento que ocorre através da relação de objecto, de comunicação entre interior e exterior”* (op. cit. p. 216), revelando a distância, a diferença, mas também o envolvimento possível entre sujeito e objecto. É no processo recíproco e íntimo da relação continente conteúdo veiculada nos mecanismos de identificação projectiva que se enriquecem as relações de intimidade e conhecimento mútuo.

Para acedermos às questões da **identidade**, Marques (1999) defende que, apesar de *projectão* e *identificação projectiva* colocarem esta questão devido à diferenciação e comunicação reflectidas, é sobre a segunda que nos debruçamos no Rorschach. Na medida em que *“no caso da projecção é considerado que tem de haver uma diferenciação entre sujeito e objecto – identificação secundária – enquanto no caso da identificação projectiva é considerado que tem de haver um estado de indiferenciação e de fusão – identificação primária”* (op. cit. p. 219), no processo resposta Rorschach *“[exige-se e impõe-se] uma actividade de comunicação entre sujeito/objecto, dentro/fora, com a concomitante confusão e fusão que cederá lugar à separação e à diferenciação, com enriquecimento e crescimento”* (op. cit. p. 220). É então este estado de fusão e confusão que é a base da criatividade, da simbolização e do crescimento.

### **A simbolização no Rorschach**

A simbolização é um dos lugares onde se reflecte por excelência o trabalho efectuado internamente pelo sujeito na passagem da desordem para o pensamento, no encontro entre a intimidade do sujeito com o objecto. Sendo o Rorschach constituído por manchas ambíguas,

exige-se que sobre ele seja elaborado um trabalho de substituição simbólica, implicando mecanismos de comunicação, assimilação e ligação que são revelados e permitem o acesso à natureza do sujeito. Estando a formação de símbolos ligada à desestabilização e ao desconhecido, ao ausente, Marques (1999) refere, na senda de Segal, que “a formação do símbolo assenta na revelação de uma verdade incompletamente percebida ou apreendida que é descoberta que leva a que o símbolo não seja cópia do objecto mas algo criado de outra forma” (op. cit. p. 233). Dado o carácter ambíguo e incompleto da mancha, impõe-se a passagem da equação simbólica à representação simbólica (Segal), obrigando a movimentos oscilatórios entre dispersão e integração, num movimento que para além de dar a conhecer o produto final – o símbolo – revela de modo surpreendente o processo inerente à sua formação – o pensamento. Torna-se assim evidente como o Rorschach anuncia a própria evolução da simbolização: da noção Kleiniana de simbolização (ligada fortemente a uma estratégia defensiva por necessidade de reparação face à instabilidade/incoerência do objecto e à pulsão epistemofílica - o símbolo é substituto do objecto), passando por Segal (que sublinha a dependência da verdadeira capacidade de simbolizar à posição depressiva onde o símbolo conduz ao desenvolvimento e à separação entre mundo interno e externo), para chegarmos a Bion onde se sublinha que a capacidade de tolerar a dor da ausência de significado permite, em renovados ciclos de pensamento que oscilam entre Ps e D, entre verdade e não verdade, entre K e –K, criar novos símbolos e revelar o próprio processo da sua criação – a actividade de pensar.

Ainda Marques (1999) retoma o conceito de *mudança catastrófica* de Bion associado ao processo resposta Rorschach, que explicita que face a uma situação nova (como a situação Rorschach) surgem angústias e existe uma mobilização interna que obriga a identificar-se “o

*objecto, a mancha Rorschach, de maneira simbólica. De mancha ela terá de passar a ser designada como uma coisa diferente, através de uma mensagem conceito que é um símbolo. Esta actividade de nomeação e criação de uma imagem-conceito-símbolo, implica que se operem passagens, feitas de comunicação e de intimidade, entre o dentro e o fora, entre a dispersão e a integração e implica, depois, que se realize um trabalho de reunião, união e integração entre os diversos elementos internos e externos, que possibilita a criação de novas relações continente-conteúdo” (op. cit. p. 234). É então através da ausência, da frustração e da falta de significação que emanam das manchas se dá a ligação e se criam símbolos. É “esta relação simbólica [que] revela, então, o sujeito, já que dá conta do trabalho psíquico que ele realiza sobre o objecto, que conduziu ao símbolo e à criação de um novo objecto” (op. cit. p. 234-235). Quando há esta capacidade revela-se a *barreira de contacto* de Bion que, simultaneamente ligando e separando objecto e sujeito, revela a distância entre eles e as ligações e transformações inerentes ao processo de criação que concilia os dois mundos.*

Para a actividade de criação é necessário tolerar a *não-coisa*, a incerteza, o desconhecido, e é essa capacidade que se revela na *identificação simbólica* do sujeito ao objecto-mancha e que leva ao pensamento: ela “*implica a passagem que vai da clivagem e separação à união e integração, impondo movimentos sucessivos de identificação, de comparação, de condensação e de substituição. É a simbolização que nos permite apreender as passagens e o contacto, a comunicação e as ligações e também as transformações que se realizam dentro e entre as*

*diversas partes do sujeito, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto e o objecto e o sujeito” (op. cit. p. 236).*

O processo-resposta Rorschach surge então no seio de uma relação continente-conteúdo, por intermédio da capacidade de *rêverie* e da função *alpha* do pensamento, expressos na resposta Rorschach, visando *“a estabilização do mundo psíquico, o restaurar da completude e o retorno a um estado de harmonia, através da identificação projectiva, após a vivência de “caos” produzida pela situação Rorschach, e instaura o processo de significação e de conhecimento. As relações, ligações e transformações entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objecto, a tarefa e o psicólogo, e os processos mentais que daí resultam, devem ser compreendidos numa relação continente-conteúdo, relação essa que repousa no vínculo K (conhecimento), a ser entendida e compreendida neste modelo de transformação”* (Marques, 1999, p. 248).

Marques (1999) diz-nos: *“passámos da percepção-representação para a significação e a simbolização. Passámos da representação da coisa e da representação da palavra para a comunicação, ligação, transformação, pensamento e actividade simbólica. Assim, passámos a considerar que o processo-resposta Rorschach não ocorre num “espaço neutro e pulsional” entre a fantasia e a realidade, mas sim num espaço activo e continente, onde é possível dar, renovar e criar sentido às coisas e aos objectos, estabelecer novos conteúdos, através do pensar e simbolizar, que se sustêm na identificação projectiva e na relação dinâmica e oscilação entre a dispersão e a integração”* (op. cit. p. 243).

Apesar de já nos termos detido sobre alguns importantes contributos de Bion na abordagem que pretendemos do Rorschach, parece-nos fulcral aprofundarmos especificamente o modo como o seu modelo das transformações pode enriquecer o nosso trabalho.

A indicação dada ao sujeito, (“diga-me o que isto poderia ser”), sugere não a descrição mas a interpretação, uma implicação pessoal e íntima, uma entrega que revela o sujeito. Face ao estímulo preceptivo, o processo de formação de símbolos surge face à situação caótica despoletada pela apresentação da prancha. A transformação operada entre o estímulo apresentado e a resposta dada revela o processo de pensamento subjacente, o trabalho de projecção, clivagem e identificação projectiva inerente ao processo de transformação de experiências emocionais em pensamentos e palavras – símbolos. Passado e presente, impacto do (no) externo e do (no) interno vão articular-se e (re)actualizar-se ao longo deste processo de transformação. A tarefa seria a pré-concepção que daria origem, através de uma realização, a uma concepção ou resposta. Sabendo que O significa o estado inicial, T o processo de transformação (T alpha) e T beta o produto final dessa transformação, é a partir das invariâncias desse processo de transformação que, face ao T beta, acedemos ao processo de transformação realizado e nos aproximamos de O (Marques, 1994; 1996).

O processo de transformações opera assim através de sucessivas integrações, ligações e simbolizações, por intermédio da função *alpha* e da capacidade de *rêverie*. As respostas Rorschach representam sempre os factos que estão na sua origem e é no produto final (T beta) que se reconhece o original (O) transformado. (Marques, 1996; 1999). Na tarefa Rorschach, no seio de duas subjectividades (paciente e psicólogo) que se encontram, nasce uma intersubjectividade, um novo O, fruto do entrecruzamento do O de cada um dos parceiros. Aqui

reside o potencial de transformação desta relação, onde o novo O criado é ponte de partida para novos pensamentos - mancha e tarefa continuam disponível, enquanto pré-concepção, para novas associações, isto é, concepções.

## 2.1 A adolescência através do Rorschach

O Rorschach tem sido abordado por diversos autores enquanto instrumento privilegiado de acesso ao funcionamento mental de jovens adolescentes. Segundo Chabert, a partir dele podemos investigar o modo como o sujeito em fase de transformação se situa no mundo, que defesas mobiliza, que tipo de relacionamento tem consigo – a imagem de si – e com os outros – as suas relações. Esta autora reporta-se às teorias psicanalíticas da adolescência que encaram esta fase como uma segunda etapa de individuação e como momento de ressurgimento dos conflitos edipianos para, numa análise paralela com as modificações pubertárias corporais e os rearranjos narcísico-objectais, aprofundar a questão da identidade e das identificações (Chabert, 1983 cit. por Marques, 1999).

Tendo em conta que os métodos projectivos, e muito especificamente o Rorschach, apelam à capacidade de fantasmática e à mobilização dos afectos, Chabert defende que a partir dele se pode aceder ao modo como os constrangimentos narcísicos – que associa ao processo de individuação – e a conflitualidade objectal – que relaciona com a problemática edipiana - se efectuam em cada adolescente (Chabert, 1993 cit. por Marques, 1999).

São sublinhadas por Marques (1991) as importantes transformações que se operam nesta fase e que levam à existência de tendências antagónicas. Entre elas, destaca-se uma profunda angústia existencial e fragilidade que oscila com momentos de extrema afirmação, reivindicação e oposição; a necessidade de ser diferente do outro para ser único; a negociação actividade-

passividade, masculino-feminino; as pressões internas que dificultam o gerir dos conflitos com os objectos externos.

Tendo em conta a enorme diversidade e riqueza que caracteriza o processo adolescente, Marques (1991) defende que o Rorschach, por ser um espaço que apela à negociação entre pulsões e a sua expressão, entre o processo secundário consciente e a fantasmática inconsciente, é um instrumento notável para aceder à capacidade elaborativa deste grupo de sujeitos. Esta autora defende uma abordagem da prova que não seja uma transposição da dos protocolos de adultos, ou seja, que equacione a especificidade adolescente na articulação entre realidade interna e externa e na intensidade com que a sua negociação é realizada.

As características do material fazem emergir, na oscilação entre a percepção e a projecção, os pontos chave desta fase, nomeadamente a tensão que advém da conflitualidade intra e interpéssica e a postura face às tendências contraditórias que referimos. É exactamente o modo de integrar esta tensão que se expressa nesta prova projectiva, revelando-se enormes capacidades criativas e adaptativas mesmo recorrendo a mecanismos psíquicos primitivos, ou então as falhas, fracassos e angústias invasivas que podem pôr em causa o desenvolvimento do sujeito (Marques, 1991).

É sublinhada a especificidade dos critérios de análise destes protocolos, verificando-se que as condutas adolescentes, *“sobretudo a oscilação entre a expressão pulsional não-objectal e a objectal, entre a realidade interna e a externa, entre os comportamentos de autonomização e os*

*de dependência, cumprem um objectivo preciso: a constituição, a construção e a reconstrução de um espaço psíquico mais alargado mas sempre singular, onde o presente-passado-futuro se sintetizam de novo, em função das novas possibilidades e potencialidades”* (Marques, 1999, p. 294).

Num estudo com adolescentes normativos de ambos os sexos de 13 e 17 anos efectuado por esta autora, as respostas Rorschach evidenciam *dificuldades na vivência da sua integridade*, nomeadamente no estabelecimento de uma identidade sexual. De facto, em nenhum dos cartões aparece uma representação da imagem de si estavelmente sexualizada, feminina ou masculina, sendo que a maior preocupação parece centrar-se, principalmente nos mais jovens, no *“sentir-se íntegro ou não, em firmar-se ou afirmar-se como activo ou passivo, ganhando sempre esta última dimensão”* (Marques, 1996, p.51), mais do que o papel feminino ou masculino.

O corpo é vivido como muito fragilizado, vulnerável, mas igualmente como palco para novas conquistas, onde tudo é concretizável. Assim, constata-se a existência de movimentos de retraimento, desorganização, regressão, passivização e de cariz mais narcísico que parecem ser a base da capacidade de se expandir, de crescer e amadurecer (Marques, 1994). Estes movimentos pendulares que caracterizam a adolescência expressam-se de uma forma exemplar num espaço como o Rorschach. Nele, *“as capacidades de levar as coisas a extremos que nos fazem recluir sobre as possibilidades adaptativas, coexistem surpreendentemente com movimento de recuperação surpreendentes. Concebemos estes movimentos, como movimentos*

*de recuo até patamares mais securizantes – recuar para melhor saltar – como se o ir até aos limites fosse a tarefa fundamental” (Marques, 1991, p. 208).*

Os movimentos oscilatórios também estão presentes na representação e relação do/com o Outro sugeridas nos cartões bilaterais. O Outro é objecto de desejo mas também de temor, sendo *“condenado a usar um disfarce que o proteja, protegendo-se, assim, também, o sujeito da acção e inter-acção que se teme perigosa. Camuflagem, disfarce, até aos limites da dissolução do outro (...), marca também da vivência do próprio” (Marques, 1996, p. 51).*

Gostaríamos agora de sublinhar algumas das conclusões (Marques, 1993; 1999), sobre as diferenças patentes na análise de protocolos de Rorschach em jovens normativos pré-adolescentes (13 anos) e adolescentes (17 anos) de ambos os sexos. Assim, na pré-adolescência evidenciam-se dificuldades ao nível da identidade subjectiva, consequência do processo de clivagem que faz proliferar objectos parciais e essas dificuldades expressam-se na intensidade emocional e oscilações intensas que provocam estados confusionais entre o dentro e o fora, e originam a vivência de uma *identidade movente*. Enquanto especificamente nos rapazes se observa que a problemática se organiza em trono de processos de diferenciação extremados, através da coexistência e alternância entre contrários (objecto total e parcial, entre mundo interno e externo, adulto-infantil, progressão-regressão), nas raparigas parece existir uma maior tendência para se objectivar no objecto exterior por impossibilidade de pensar o objecto interno, o que induz uma maior confusão interno-externo.

Em relação aos adolescentes propriamente ditos, dá-se uma melhor delimitação dos objectos, o que pressupõe uma barreira de contacto mais eficiente, ainda que nela subsista alguma rigidez, o que provoca a contenção e o retraimento. A autora sublinha uma maior consolidação da construção da identidade, uma maior diferenciação e integração, à custa de objectos protectores (peles nos rapazes e vasos nas raparigas) que se constituam como lugares para pensar, como continentes, ainda que subsistam conteúdos pouco pensáveis. Estes reflectem-se nos rapazes numa passivização, numa expressão mais empobrecida/retraída e pela dor, pela angústia de castração e persecutória e, nas raparigas, por uma tonalidade depressiva (patente na temática do olhar), onde o desprezo pela realidade externa é reflexo da intensidade das forças internas, e, quando ela surge, tornam-se evidentes as falhas na delimitação, que segundo a autora, conduz a uma vivência próxima do “paraíso perdido”.

Como já adiantámos, Marques (1996) organiza também a análise e interpretação do Rorschach por intermédio da expressão do *feminino-masculino* e do que lhe está associado. Este par reflecte-se a cada passo no processo resposta-Rorschach, ao longo dos movimentos de “*percepção-projecção, percebido-vivência-fantasma, realidade objectiva-realidade subjectiva*” (Rausch de Traubenberg, 1983 cit. por Marques, 1996, p. 49) e dão conta da problemática individual de cada sujeito, bem como das suas potencialidades.

A expressão do *feminino-masculino* reflecte num primeiro nível o sentimento subjectivo de existência, de limites e num segundo nível a vivência objectal, conflitual e relacional, dependente da qualidade do primeiro.

O feminino-masculino, estruturando e estruturante da *identidade*, do sentimento de *Ser* e de *existir* e a aptidão de *realizar* no sentido de Winnicott, revela-se na capacidade de, no Rorschach, *“proceder à separação figura-fundo, dentro-fora, sujeito-objecto. (...) [Isto] leva à capacidade de criar, possível a partir da capacidade de preservar um interior, ser um continente”* (op. cit. p. 50), que advém da integração em cada sujeito do casal parental combinado (Klein) e dos elementos masculino e feminino em estado puro (Winnicott). É a existência deste espaço psíquico que, pressupondo a separação Eu/não-Eu, permite os mecanismos de projecção, introjecção e identificação projectiva e conduz à relação com o mundo, à objectualização (Marques, 1996).

Aberta a porta da sexualização e da relação, da interactividade e da intersubjectividade, expressam-se novas dimensões intrincadamente relacionadas com o mundo interno, encarando o sujeito o Eu e o Outro como seres activos/passivos e revelando pulsões libidinais e agressivas. Na resposta Rorschach, funda-se o compromisso possível entre estas pulsões, a integração do casal parental feminino-masculino, o amor e o ódio e a relação com o mundo nas vertentes conflituais, mas também de crescimento e criatividade. Neste sentido, *“em todos os Rorschach se joga, em primeiro plano, o nível de integração fantasmática do casal parental combinado (...), o que pressupõe que eles apareçam ligados e integrados, mas joga-se, também, secundariamente, após um trabalho feito de substituição e simbolização, uma expressão que deve conter a diferença de sexos e complementaridade. Mas cada cartão pode revelar, ainda, e aqui há diferenças entre eles, as relações com o masculino e com o feminino, o heterossexual,*

*que não são mais do que relações reconstruídas sobre o materno e o paterno*" (Marques, 1996, p. 50).

Após ter efectuado diversos estudos neste âmbito, a autora sublinha a ausência de um verdadeiro investimento na representação sexuada, feminina ou masculina, por parte do adolescente. De facto, como já havíamos avançado, *"nunca está em jogo o papel feminino e/ou masculino mas sim a natureza da integração do materno e do paterno. É desta integração, aliás, que advêm as possibilidades de aceder e criar uma nova identidade sexual. É do facto de ela ser mobilizada neste período, que se pode dizer que está em curso um processo de crescimento, de transformação e de criação"* (Marques, 1999, p. 209-300).

### **Rorschach e adolescência: caracterização**

O Rorschach é sobretudo uma prova identitária que coloca à prova os limites e delimitação do sujeito, a sua capacidade de se relacionar com o espaço externo sem deixar de manter a integridade do espaço interno. Chabert (1990) lembra que isto se deve a duas características fundamentais das manchas apresentadas: por um lado a sua organização simétrica em torno de um eixo vertical, o que privilegia a projecção da representação corporal; por outro, o destaque sobre um fundo branco da mancha, que faz sobressair os contornos e os limites entre dentro e fora. Esta prova, talvez mais do que qualquer outra, joga no trabalho de elaboração desses limites – através do destaque da mancha e da nomeação do seu significado, da simbolização – uma solicitação dupla: a dos afectos e representações internas excitantes e a do constrangimento do respeito pela realidade externa preceptiva.

Um dos pontos primordiais da análise desta prova em sujeitos adolescentes é, segundo Chabert (1990), a acurada atenção que deve ser prestada aos vínculos que emanam dos conflitos entre os movimentos pulsionais objectais – potencialmente transformadores – e os mecanismos de regulação e preservação narcísica – que asseguram a continuidade do sentimento de existir e de identidade. Enquanto Emmanuelli sublinha a importância da mobilidade e fluidez dos investimentos e do funcionamento psíquico (expresso na reversibilidade e estabilidade das defesas), Chabert acentua o carácter prognóstico que tem a manutenção dos vínculos objectais: *“no registo do maneo pulsional, ela dá conta da eficácia dos processos de ligação que permitem travar os excessos destrutivos; no registo narcísico, ela dá conta da permanência dos investimentos relacionais, mesmo transitoriamente diminuídos, o que preserva de um enclausuramento autárcito ameaçante”* (Chabert, 1990, p. 197). Tanto Emmanuelli (1994) como Chabert (1993) sublinham a extrema importância do estudo da qualidade das defesas narcísicas dos adolescentes, algo que nos parece importante para aferir da qualidade do espaço psíquico criado, do continente que se oferece como útero a novos pensamentos.

Apesar de o nosso trabalho se debruçar sobre a adolescência sobretudo sob a perspectiva das transformações Bioniana, parece-nos importante compreender o modo como alguns autores se debruçaram sobre a análise deste tema através do Rorschach, com o objectivo de, através deles, aprofundar modelos de análise de alguns dos conceitos que nos são imprescindíveis, e que se constituirão como base de trabalho. Entre estes conceitos estão as bases narcísicas e objectais do adolescente, que acusam as suas potencialidades de transformação, (re)criação e expansão mental.

## 1. A individuação e o constrangimento narcísico

Em relação à **representação de si e o seu investimento**, podemos dizer que, para além da projecção da imagem corporal que, favorecida pelas características do material, é um dos pontos mais importantes dos protocolos adolescentes, a capacidade de investimento narcísico é aqui preponderante. A unidade narcísica corporal, já de si posta em causa pela turbulência adolescente, é potenciada na prova pelas características da mancha e pela sensibilidade aos movimentos pulsionais do objecto.

A análise da dialéctica da expressão pulsional entre as fontes narcísicas e objectais deve ter presente que o trabalho psíquico adolescente, reflexo de uma busca identitária, obriga a uma retracção parcial dos investimentos objectais em proveito dos investimentos narcísicos (Chabert, 1990).

No que à **capacidade de contenção da excitação pulsional** diz respeito, a autora sublinha que a necessidade de preservação da unidade narcísica face a emergências pulsionais massivas (ex: prancha II e III) pode provocar o investimento dos limites entre dentro e fora. Nota-se igualmente um investimento reflexo do movimento pulsional por vezes trasbordante seguido de um contra investimento narcísico que visa gelar as emergências pulsionais, através de uma objectualização (desobjectivante) que negue os afectos ou que relacione imagens especulares.

Em relação ao **narcisismo e às relações objectais**, se na versão objectal as cinestésias contêm grandes cargas pulsionais, na sua versão narcísica elas atenuam/negam o impacto do objecto através de uma relação especular ou na qual os verbos interactivos estão ausentes. Este processo (que visa o controlo) caracteriza-se nos adolescentes por uma instabilidade que

denuncia o seu carácter pontual e que deixa antever a sua utilização de modo fluido e como ponto de apoio importante para uma eficaz estrutura narcísica. Estas cinestésias apenas prognosticam a fragilidade das fronteiras e a confusão indiferenciada quando se baseiam na verdadeira desorganização do pensamento e dos seus pontos de apoio reais.

De seguida procuramos aprofundar as **defesas características do investimento narcísico**. A **idealização**, como sabemos profundamente relacionada com a clivagem (que explicitaremos mais à frente com Pascal Roman) deve ser alvo de atenção especial nos protocolos adolescentes. Neles, ela aparece com grande frequência, com o investimento dos limites e da aparência em primeiro plano, sendo que a própria existência do objecto parece por vezes subsidiária dos qualificativos empregues para o caracterizar. Chabert (1998) recorda que, nos adolescentes, parece necessária a existência de uma “idealização mínima” que não encerra o adolescente mas sim o ligue ao investimento objectal.

A autora agrupa as duas escalas de idealização e desvalorização de P. Lerner e H. Lerner num contínuo (op. cit):

- 1º nível: representações humanas sem distanciamento no espaço e no tempo. a moderação caracteriza os preceptos descritos como positivos ou negativos.
- 2º nível: aparecimento de excesso positivo ou negativo na caracterização das figuras.
- 3º nível: qualidade formal das representações humanas é distorcida, com ou sem distanciamento no espaço. A moderação domina a descrição positiva ou negativa.
- 4º nível: as diferenças em relação ao nível anterior organizam-se em torno do exagero das características positivas ou negativas.

5º nível: aparecimento de uma imagem para-humana ou irreal em detrimento da qualidade do humano real.

Para além da idealização, Emmanuelli (1994) apresenta o **desdobramento** e a **negação dos movimentos pulsionais na representação das relações** como indicadores de funcionamentos narcísicos no Rorschach.

O **desdobramento**, que nos funcionamentos de tipo narcísico constitui o corolário da idealização (Chabert, 1998), transparece da insuportabilidade das tensões surgidas da diferenciação e confrontação; ele visa manter a unicidade ao afirmar a separação, evitando a diferença e o conflito. O desdobramento aparece de forma directa em relações especulares (espelho, reflexo) ou de forma indirecta (simetria, ausência de verbos interactivos, preocupação com a aparência).

A terceira característica, a **negação dos movimentos pulsionais**, evidencia-se através da ausência de cinestésias relacionais libidinais ou agressivas e na ausência da integração da cor nas pranchas vermelhas (II e III). Denota-se dificuldade em integrar os movimentos pulsionais no seio da representação, inibindo a sua elaboração.

Tendo apresentado a idealização e os mecanismos a ela directamente relacionados (desdobramento e paralisação dos movimentos pulsionais) apresentamos de seguida o outro grande eixo da organização narcísica (Kernberg), a **clivagem**. Ela é, a par da **recusa** (que se inscreve num contínuo referente ao grau de deformação da realidade contida na resposta), outra das defesas ditas primitivas (Chabert, 1998). Consideremos atentamente a **clivagem**, uma vez que se as transformações e passagens são corolário do processo adolescente, elas expressam-

se através do caminho que vai precisamente da clivagem à integração, com os retrocessos e oscilações característicos de uma transformação fluida e movente.

Chabert (1998, In Roman, 2000) apresenta as principais características da **clivagem** tal como eles podem ser apresentados no Rorschach:

- precariedade das ligações entre produções de valor contraditório;
- dificuldade de sintetizar o estímulo, o que prejudica a qualidade da produção;
- reactividade lábil à cor numa mobilização contrastante de afectos; investimento alternativo de cinestésias de valor positivo e negativo; relação com o real caracterizado por derrapagens formais;
- temática das representações humanas que oscila entre a expressão da violência e a placagem normativa.

Neste momento propomos que nos detenhamos um pouco mais sobre a análise do narcisismo no **pensamento** através do Rorschach em geral, seguindo-se o seu estudo especificamente nos protocolos adolescentes.

Nas provas projectivas o pensamento encontra-se sujeito à pressão dos conflitos e ao jogo subjacente dos fantasmas, mas deve também ter em conta o princípio da realidade. O exame do trabalho do pensamento recorre no Rorschach à análise de alguns factores específicos (Emmanuelli, 1994):

Na elaboração das problemáticas presentes, o sujeito despoleta mecanismos de síntese e elaboração que se reflectem num investimento preceptivo activo, criativo e reorganizador (ex: respostas globais ou parciais elaboradas). Outro reflexo consiste na utilização de movimentos

projectivos pessoais e dinâmicos (ex: K respostas humanas em movimento que, para serem reflexo de trabalho positivo do pensamento devem ligar-se à realidade preceptiva) e que, face à cor, os afectos reactivados sejam expressos por intermédio de símbolos (respostas cor simbólicas ou conteúdos simbólicos). O processo de simbolização das solicitações afectivas (cor) colocam à prova o limite dentro/fora e a elaboração do pensamento consiste exactamente na regulação da espessura desse limite, de modo que ele não seja demasiado frágil (excesso de respostas cor) nem demasiado rígido (diminuição das respostas cor).

Todos estes factores sugerem a capacidade de modular a excitação pulsional reactivada pelas características do material e a simbolização surge a partir da actividade pulsional derivada do ajustamento entre preceptivo e projectivo. Se acompanhados da variedade de respostas, modos de apreensão e determinantes, eles revelam a criatividade e originalidade do sujeito, ao passo que se estes factores forem destacados isoladamente podemos estar perante uma defesa por intelectualização.

Outro aspecto a ter em conta é a capacidade de sublimação presente no processo de pensamento; ela implica a expressão do conflito pulsional baseada em mecanismos de deslocamento simbólico *“sem que o pensamento seja cortado das fontes pulsionais nem invadido pela excitação ou sideração”* (Emmanuelli, 1994, p. 270) e em capacidades de representação/encenação da própria relação agressiva e/ou libidinal em causa (sobretudo nas pranchas bilaterais II e III), de um modo estruturante e não invasivo.

Especificamente em relação ao **Rorschach adolescente**, Chabert (1993) sublinha que existe um sobreinvestimento do pensamento, nomeadamente na construção de encenações relacionais

que implicam operações activas de síntese e integração, face à intensidade pulsional ora explosiva ora aplacada. A excitação do pensamento revela-se na hiperprodução cinestésica que pode ser compreendida como defesa (contra os fantasmas angustiantes de representações sexuais e corporais) e como luta contra o vazio (seja ele organizado em torno da angústia de castração, de perda de objecto ou narcísica).

A elaboração do narcisismo adolescente revela-se nesta hiperprodutividade e multiplicidade de formas, na riqueza da sua diversidade e da sua intensidade. Assim, são os protocolos aparentemente adaptativos, caracterizados por uma inibição e restrição (habituais na latência onde revelam um trabalho psíquico subjacente), que deixam antever o mal estar da incapacidade de associação face ao carácter impensável do conflito emergente (Emmanuelli, 2001).

Emmanuelli (1994) conclui, no seu trabalho sobre a incidência do narcisismo nos processos de pensamento adolescente, que a fragilidade narcísica não massiva favorece a elaboração do pensamento (e em alguns casos a sublimação), se ela se fizer acompanhar de uma capacidade de negociação da perda e do retomar do conflito edipiano. Se essa fragilidade for estrutural, sem capacidade de reversibilidade e fluidez, ela está associada a um empobrecimento da criatividade e originalidade do pensamento, implicando a falência da elaboração e crescimento. Esta noção parece aproximar-se do conceito da barreira de contacto de Bion, que sublinha a importância da separação mas também de ligação e comunicação e da criação de um continente próprio.

O Rorschach, colocando à prova os limites, revela a qualidade narcísica do sujeito, a sua integridade e o seu relacionamento objectal. A vulnerabilidade narcísica pode assim ser enriquecedora, no jogo entre a fronteira e a sua ruptura, a protecção e a sua fragilidade: “as

*defesas existem, traem pela sua própria existência a fragilidade, mas a defesa como a fragilidade podem pensar-se, revelar-se e simbolizar-se”* (Emmanuelli, 1992, p. 60).

A necessidade de elaboração da fragilidade narcísica adolescente é assim essencial. Nela se joga a capacidade de investimento da representação de si e o estabelecimento das relações de objecto e, conclui Emmanuelli, as dificuldades aí apresentadas relacionam-se com os problemas no desenvolvimento do pensamento.

Depois de termos apresentado um dos grandes eixos em torno do qual se organiza a problemática adolescente – o narcisismo e a representação de si – retomamos a análise de Chabert (1993) e apresentamos o segundo grande eixo.

## **2. As relações objectais**

Em torno da relações objectais procuramos organizar os conceitos que servem o propósito de conhecer a qualidade das trocas com o outro, a sua ressonância e o tipo de investimento que lhe é dedicado – no fundo, *como se conhece o Outro*.

Se por um lado existe na adolescência uma extrema sensibilidade narcísica, por outro existe uma hipereactividade ao ambiente relacional, o que coloca em joga a questão da dependência regressiva do Outro, que se traduz no Rorschach pelo impacto muito intenso dos estímulos sensoriais. Esta reactividade pulsional surge nos adolescentes no grande investimento das respostas cor, que mascaram o não-dito e a angústia através do extravasar do afecto. Constitui-se um envelope de excitação próximo do Eu-Pele histórico (Anzieu) cujo propósito é assegurar a

protecção dos espaços psíquicos e a continuidade do sentimento de existir, constituindo-se a acalmia das tensões como elemento perigoso porque coloca em risco a integridade narcísica.

O Rorschach revela assim *“um excesso de excitação justamente determinado pelo carácter regressivo do material, como se a excitação sexual viesse opor de algum modo uma barreira de erotização a qualquer situação relacional regressiva”* (Chabert, 1990, p. 195). A erotização assegura a coesão narcísica por sobreinvestimento dos limites e assegura a luta contra a dependência regressiva dos objectos externos. Assim, *“as manifestações de angústia depressiva parecem menos ligadas à perda de objecto do que a perdas de ordem narcísica”* (op. cit. p. 196) e estão ligados sobretudo ao medo do vazio (onde se associa a angústia de castração e a conotação narcísica), tão frequente nos protocolos adolescentes.

Chabert (1993) recorda que a dor testemunha o processo de desidealização narcísica e objectal, o labor do complexo de castração e a aceitação da existência do outro enquanto diferente, da incompletude própria e alheia, o que abre caminho à necessidade de investimento no objecto.

### 3. Procedimentos

Neste capítulo procuraremos estabelecer o modo como propomos abordar o estudo do Conflito Estético Adolescente através do Rorschach. Antes de dar início a esse trabalho, salientamos que para o efeito seguiremos os seguintes pressupostos:

- As referências habituais de análise do processo resposta Rorschach e o seu alargamento teórico, sob influência do paradigma do Conflito Estético. O balanceamento entre estes dois registos decorre da necessidade de introduzir alterações e criar novos elementos de análise no instrumento, por forma a ele poder aceder mais profundamente aos processos em causa e permitir um melhor acesso ao objecto de estudo – o Conflito Estético do sujeito psicológico adolescente – sem no entanto descurar o processo adolescente tal como ele já foi alvo de estudo em outros trabalhos que procuraram estabelecer a natureza dos processos envolvidos na adolescência, em função das teorias abordadas.
- Os modelos teóricos que explicitam o processo transformacional adolescente enquanto reflexo de uma identidade movente (de construção de novos significados e significantes, novos sujeitos e objectos, desde a rigidez à fluidez, desde a confusão e os riscos de indiferenciação púberes à maior apetência pelo objectal complementar na adolescência propriamente dita) e a sua articulação com o modelo do Conflito Estético, com o Belo e o desconhecido, com aquilo que pode ser percebido e o que apenas pode ser pensado.

Para a análise que propomos apresentaremos os protocolos de dois sujeitos, de sexos diferentes, a quem foi proposta a prova Rorschach em dois momentos distintos, um que pretende assinalar a puberdade e outro a adolescência, aos treze e aos dezasseis anos. Se tanto a puberdade e a adolescência como a sua expressão feminina e masculina são caracterizados por qualidades distintas, pretende-se estudar os movimentos e transformações inerentes à apreensão do Conflito Estético, efectuados por cada um dos sujeitos, dos treze para os dezasseis anos.

Em relação à forma como iremos proceder à análise dos protocolos, ela será organizada em torno dos seguintes parâmetros:

- Num primeiro momento analisaremos as respostas dadas em cada um dos cartões pelos sujeitos, aos treze e aos dezasseis anos, tendo em conta a dinâmica intra e intercartão e os dados dos psicogramas (apresentados em Anexo), como habitualmente.
- Num segundo momento discutiremos os movimentos efectuados pelos dois sujeitos em cada um dos cartões e no protocolo em geral dos treze para os dezasseis anos. Para tal terão sido apresentadas duas grelhas de resultados (uma para cada sujeito) onde, de forma complementar à análise habitual do Rorschach, se procura operacionalizar alguns de instrumentos teórico-técnicos propostos por Bion, nomeadamente a teoria dos vínculos e a função  $Ps \leftrightarrow D$ , e o modo como eles possibilitam o acesso ao estudo do conflito estético adolescente.
- Paralelamente, outros conceitos bionianos serão explorados, especificamente os conceitos de experiência emocional, relação continente-conteúdo, função alfa e

elementos beta, transformações em O, mudança catastrófica e finalmente *cesura*, sempre enquanto factores comuns ao processo transformacional adolescente e ao conflito estético.

Partindo da apresentação teórica e metodológica que efectuámos sobre o Rorschach, neste capítulo cruzaremos em primeiro lugar a **simbologia latente de cada um dos cartões** com os processos subjacentes ao Conflito Estético Adolescente, nomeadamente a capacidade de admiração do Belo, dos movimentos de busca e indagação que oscilam entre entrega, proximidade, investimento e intimidade e distanciamento, receio, sideração e estranheza, numa relação recíproca entre admirar o Eu e o Outro e consagrar-se como admirável ao olhar de si próprio e desse Outro.

De seguida, abordaremos especificamente a **transposição da análise formal habitual** dos protocolos para a caracterização da qualidade da constituição e relação do continente e conteúdos psíquicos, dos vínculos que emanam desse espaço e que fundam o processo de conhecimento, de procura/atribuição de significado e de pensamento no seio do Conflito Estético Adolescente. De modo a clarificar os procedimentos que iremos seguir, apresentaremos no final deste capítulo dois quadros que visam sintetizar estas duas abordagens a cruzar.

### 3.1 Simbologia latente dos Cartões

A entrada na prova, através da apresentação do **cartão I**, despoleta a perda forçada e brusca de referências, o que se consubstancia na verdadeira mudança catastrófica que a visão do objecto estético primário induz. Face ao objecto estético mancha/Outro/situação de teste, existe a possibilidade de deslumbramento ou de inquietação, e é no balanço entre estas duas forças opostas que vai emergir a resposta inicial. A capacidade de entrega ao novo, na junção entre duas subjectividades, a do sujeito e a do psicólogo, criará um novo O, fruto do entrecruzamento entre o O de cada um dos parceiros. Dadas as características compactas do cartão, espera-se a capacidade de delimitar um continente estável que indicie a possibilidade de contenção necessária ao despoletar de pensamentos. No entanto, a sua abertura na parte superior e central também se pode mostrar atraente para os sujeitos com dificuldade em tolerar a falta e o negativo, o não saber e a angústia induzida pela falha.

O **cartão II** despoleta uma forte reacção emocional semelhante à do impacto de um objecto estético belo; dado o aparecimento do vermelho, joga-se a capacidade de transformação face ao novo e o potencial de investigação da cesura com a prancha anterior. Face ao vermelho, são mobilizadas emoções pensáveis se forem pulsões agressivas evoluídas ou não pensáveis se indicarem explosão, dispersão e vivências destrutivas. A lacuna mediana pode ser vivida como uma falha que os pontos de junção tendem a circunscrever ou unificar; a capacidade de a pensar, de a integrar na totalidade da mancha e de a simbolizar (e não meramente sinalizar), podem constituir-se como indicadores de capacidade investimento no objecto. Esta é a primeira prancha que induz a confrontação directa com o relacional, dado o seu carácter bilateral e as

suas características vermelhas – a cor dos afectos fortes – o que, opondo afectos positivos e negativos, veicula os riscos do reencontro amoroso entre sujeito e objecto estético, e a capacidade do sujeito de se consagrar como objecto estético do Outro, numa relação com potencial, dada a proximidade das personagens, de colocar em causa a capacidade de viver a intimidade (K) ou a intrusão e violação dos limites (-K).

No que diz respeito ao **cartão III**, ele apela a afectos mais positivos devido à estrutura menos pesada e concentrada do estímulo e equaciona a relação eu/Outro nas suas questões sexuais identificatórias. A capacidade de admitir a conotação conflitual e/ou amorosa pode indiciar o engenho em modular a intensidade pulsional subjacente; sublinhamos a importância da análise deste cartão para o exame da adolescência, dado que aqui se reedita o primeiro conflito estético, mas agora face ao objecto sexual.

O **cartão IV** provoca habitualmente uma reacção disfórica, de estranheza e angústia, semelhante à provocada quando o enigma do desconhecido do interior do objecto estético paralisa e sidera o processo de pensamento do sujeito. Apesar de uma quantidade de angústia e de desconforto ser necessária para uma aproximação ao objecto em  $Ps \leftrightarrow D$ , ela não deve ser demasiado imponente, sob risco de as imagens surgidas serem avassaladoramente inquietantes, emergindo segundo a forma de personagens autoritárias e assustadoras ou, inversamente, submissas e passivas. Esta construção pode ser paralisante se tocar extremos pouco flexíveis, inaptos à fluidez movente exigida no processo de construção de significado do desconhecido.

No que ao **cartão V** diz respeito, ele apresenta-se mais próximo da realidade objectiva, pelo que a tonalidade emocional é geralmente neutra ou de alívio. A estima de si enquanto objecto estético é aqui potenciada, dada a conotação de apreciação narcísica ser substancialmente expressiva. Assim, poderíamos dizer que neste cartão se joga a capacidade do sujeito se mostrar e ser olhado; aqui estão patentes as qualidades mais exibicionistas ou depressivas subjacentes à apreciação da capacidade própria de deslumbrar e impressionar o Outro, de se oferecer como objecto estético, admirável e transformacional. Recordemos que este factor de cariz mais narcísico se revela de extrema importância, dada a importância da possibilidade de aceitar e apreciar o olhar que o Outro dirige ao sujeito; numa relação recíproca que se (re)constrói, o olhar dirigido ao objecto é o mesmo que o olhar do objecto sobre o adolescente, revelando-se deste modo a qualidade dos vínculos subjacentes ao processo de conhecimento do desconhecido, no caminho para tornar-se O.

O **cartão VI** provoca geralmente uma reacção negativa pelo que parece importante analisar a capacidade de atribuição de significado e desenvolvimento do pensamento face à angústia. Colocando em causa a capacidade de pensar face à inquietação, esta mancha, qual objecto estético estranho e ambíguo (devido à apresentação de símbolos opostos: feminino e masculino), joga a capacidade de integração e de síntese de contrários, essencial ao processo de descoberta que vai da clivagem à integração. Muitas vezes apontado na prova das escolhas, e a par do **cartão IV**, como o menos agradável, este cartão parece sublinhar a vertente mais feia e desagradável do objecto estético total que é a prova Rorschach, pelo que se deve averiguar da

capacidade de pensamento, de entrega e de aproximação do sujeito face estes cartões tão densos que facilmente despoletam vínculos negativos.

O carácter inacabado, instável e desequilibrado do **cartão VII**, obriga de forma espectacular à necessidade de (re)construção de sentido e de forma, tal como o interior inacessível do objecto estético. A mancha, esbatida e com contornos mal definidos que sugerem a interpenetração figura-fundo, leva a um esforço suplementar de reorganização ao apelar à regressão até ao primeiro objecto estético. A grande participação central do branco, associado ao vazio e à falta, confere a necessidade de pensar o negativo. O espaço branco que se impõe pode ser vivido como abismo que provoca a queda e fragmentação ou como abismo que organiza a construção de patamares simbólicos de aproximação, no sentido de ultrapassar a cesura imposta.

A introdução da cor pastel no **cartão VIII** muda o clima emocional e a maior discriminação preceptiva convida ao aumento da reactividade. Surge por este meio a solicitação do mundo externo, da comunicação e das trocas e deve-se atentar ao tipo de investimento subjacente. De facto, aqui podemos aferir da qualidade dos limites comunicacionais nas relações humanas, da capacidade de manter uma relação íntima sem a desorganização da invasão afectiva maciça.

A abertura, vacuidade e interpenetração de cores (que os limites poucos claros reforçam) do **cartão IX** provocam movimentos regressivos que fazem deste, segundo alguns autores, o cartão materno por excelência. O carácter regressivo e o grande interesse e complexidade sensorial da mancha aproxima o sujeito de uma experiência análoga à vivida com o primeiro objecto estético.

Tal como nesse momento primordial é pedido ao sujeito que, através da criatividade e imaginação, construa um sentido para o que, de modo paradoxal ao apresentado e percebido, apenas pode ser pensado.

O **cartão X**, sendo o último, constitui-se como ponto de ruptura e pode ser encarado como o cartão da separação-indivuação. Dada a inexistência de pontos de junção, da enorme fragmentação e da diversidade das cores as reacções mais díspares são possíveis, que vão desde o ofuscamento pela beleza do objecto estético que paralisa o processo de pensamento ao deslumbramento inquietante que propulsiona o investimento no desconhecido, através da construção de significados elaborados.

Propomo-nos também analisar a **dinâmica intra e inter-cartões**: tendo em conta que a adolescência obriga a movimentos regressivos e progressivos que são necessários e visam uma estabilização psíquica que pode dar conta da capacidade de elaborar, transformar e criar, inerentes ao sentimento de ter uma pele própria, ser Eu, iremos averiguar o modo como no Rorschach este processo se encontra ou não modulado. Sublinhamos como estes movimentos oscilatórios se podem condensar e potencializar, na medida em que o próprio material promove movimentos progredientes e regredientes o que, se na presença de capacidades elaborativas, potencia o próprio processo de pensamento e a busca em direcção ao desconhecido porque no seio de movimentos oscilatórios  $Ps \leftrightarrow D$ .

### 3.2 Transposição da Análise Formal para as Posições e Vínculos

Para além dos eixos de análise da simbologia latente, também os **elementos mais formais de cotação** remetem para a caracterização da qualidade dos vínculos subjacentes ao processo de pensamento.

- **Modos de apreensão**

A análise do **G simples**, cujo aparecimento é favorecido nos cartões compactos, pode dar conta, caso associado a formas correctas, de uma qualidade preceptiva radicada na realidade, denotando o sentimento de pertença a um grupo humano. A análise deste modo de apreensão testemunha o carácter adaptativo e socializado do funcionamento cognitivo e revela os mecanismos utilizados na tomada de consciência da realidade interna, aos quais está inerente a presença de um continente bem delimitado, com capacidade de *rêverie* que se funda na identificação projectiva normal, base essencial ao estabelecimento de vínculos K.

Uma frágil ancoragem ao real pode ser acompanhada de dificuldades na constituição da identidade, o que se reflectiria nos G dos cartões I e VI através do carácter vago dos seus contornos, sendo a imagem apreendida globalmente de modo mal definido. Nos G dos cartões III e IV isto implicaria um movimento de retracção que daria conta de um registo mais narcísico e depressivo, o que, ao nível da constituição do continente, assinala uma fragilidade que desembocaria no estabelecimento de vínculos com valência negativa.

Ainda nestas respostas, fazemos notar que o fraco investimento de adaptação à realidade pode reflectir dificuldades de diferenciação entre a representação de si e a representação do mundo exterior, pelo que quando se dá a conjugação destas duas na mesma imagem isto pode significar dificuldades no processo de delimitação, diferenciação e individuação. Assim, quando a resposta em G engloba por exemplo dois conteúdos diferentes, a integridade do continente pode ser questionada, por estarem reflectidas dificuldades na apreensão da realidade preceptiva de modo sólido, total e diferenciado; continente e conteúdo baralham-se, contaminam-se, o conteúdo satura o continente que não tem capacidade de transformar sem se modificar, não tem tolerância à polissemia, sendo o vínculo –K. A apreensão de uma realidade objectal definida e diferenciada é então sustentada por uma apreensão de si enquanto sujeito, cuja identidade estável é favorecida pela distinção clara e definida entre mundo interno e externo.

A apreensão em G pode também dar conta de uma tal fragilidade no reconhecimento efectivo da **integridade do continente**, que exige um esforço tremendo de globalização que implica a exclusão dos recortes por estes poderem simbolizar ruptura ou fragmentação. O esforço de globalização pode denotar uma atitude defensiva que se reflecte na falta de curiosidade pela mancha/interior do objecto, ou na falta de implicação e de capacidade de entrega que poderíamos expressar em –K. Se a mobilização defensiva da apreensão global pode significar a presença de recalçamento de conteúdos em pormenores que sobressaem e cuja a apreensão discriminada é inviabilizada pela apreensão global da mancha, isto parece equivaler a –K, na medida em que é uma fuga à dor mental e um obstáculo à procura da Verdade, e também uma apreensão arrogante, na medida em que o sujeito se salvaguarda, numa globalidade neutra, dos

pormenores significativos do cartão. A incapacidade de mobilizar mecanismos de investigação, conhecimento e curiosidade entrava o estabelecimento de vínculos K, estéticos, e promove a colagem ao saber objectivo, superficial, aquém da angústia despoletada pela entrega ao desconhecido, isto é, -K.

Os **G sincréticos** (nos quais a apreensão da mancha é pouco precisa, maciça e compacta) podem sublinhar igualmente dificuldades de individuação, por testemunharem uma ausência de discriminação entre o interno e o externo e, se quisermos, uma dificuldade em discriminar verdadeiro de falso, posse e conhecimento, o que se operacionalizaria em -K.

A indefinição do sujeito enquanto **continente** e **envelope** pode ser testemunhada através da presença e análise dos **G vagos** (nos quais o carácter formal é pouco preciso, ou seja, estão associados a determinantes  $F_{\pm}$ ), por poderem dar conta de uma dificuldade em delimitar e discriminar de modo sólido sujeito e objecto – indiscriminação que se pode expressar em -K. Através destes G a realidade externa é apreendida apenas superficialmente devido ao apego aos contornos mal delimitados, o que pode constituir-se como uma defesa contra o surgimento da fragilidade de integração do real e conseqüentemente do reconhecimento do objecto enquanto entidade separada e definida a conhecer: continente e conteúdo ligam-se por intermédio de -K porque apenas este tipo de vínculos defende contra a intolerância da verdadeira separação. A imprecisão e indeterminação da resposta mais não é do que a mentira

(-K) face à verdade incómoda do simbolismo latente internamente, verdade evitada ou escondida através da defesa pela permanência na superfície externa pouco investida.

A apreensão em G cujo determinante é predominantemente sensorial (**G impressionistas**) pode significar extrema sensibilidade, permeabilidade e sugestionabilidade do sujeito face às características do material, o que o leva a descurar o carácter mais formal do quadro preceptivo da mancha. Tal como os anteriores, estes G podem surgir ou no contexto de um registo mais lábil se associados a expressões directas dos afectos, comentários ou determinantes cor ou no contexto de uma fragilidade do continente. A expressão maciça dos afectos surge, neste caso, devido ao insucesso do domínio e controlo e testemunha a fragilidade das barreiras entre interno/externo, sujeito/objecto, continente/conteúdo, sendo que as perturbações internas, uma vez associadas aos objectos que as suscitam, tomam uma conotação invasora que rompe as barreiras (notoriamente frágeis) do espaço psíquico, sendo o vínculo presente – K por ser ele que expressa a penetração intrusiva subjacente à fragilidade da pele.

Relativamente aos **G elaborados** cabe dizer que, se associados a uma percepção correcta, dão conta de uma imagem interna bem integrada que possibilita a reestruturação positiva da realidade externa. Esta reestruturação implica originalidade, criatividade e mobilização activa de mecanismos de simbolização, de apreensão de novos significados, que apenas a capacidade de aproximação da mancha, de entrega e implicação na prova e com o objecto pode prover. Esta capacidade de recurso ao fantasmático e imaginário, difícil mas indispensável no movimento de construção de significado e de pensar o desconhecido é indicador da presença de vínculos K.

Estes G são portadores de projecção por excelência, aparecendo muitas vezes associados a determinantes cinestésicos. Caso estejam associados a uma percepção arbitrária, os G elaborados podem testemunhar o carácter demasiado forte dos elementos projectivos, revelando então a resposta uma tentativa fracassada de organizar de modo lógico a realidade, podendo mesmo chegar à sua reconstrução mas desta feita delirante, pela invasão do mundo interno sobre o externo, num processo de identificação projectiva patológica na qual os vínculos presentes são –K.

Para concluir a análise destes modos de apreensão, podemos dizer que a apreensão em G pode remeter para uma imagem de si, do corpo estável, interiorizado, cuja delimitação sujeito/objecto indica a presença de um continente estável que permite a dinâmica relacional em K, ou por outro lado lacunar, onde a indiferença e a fragilidade dos limites entre sujeito/objecto e real/imaginário, continente/conteúdo, incapacitam a interiorização, criatividade e a mentalização, ou seja, dão conta da existência de vínculos -K.

No primeiro caso parece-nos que podemos estar perante uma abordagem da posição depressiva, uma vez que os movimentos subjacentes ao estabelecimento de vínculos K implicam uma capacidade de síntese, integração e elaboração que parecem ser evidentes. Esta posição parece dispor-se à oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  essencial ao movimento de construção de conhecimento e pensamento. Por outro lado, a apreensão global que indica a existência de vínculos –K parece aproximar-se da tendência  $Ps \rightarrow D$ , causal e auto-justificada, uma vez que a apreensão que tudo engloba sem nada discriminar, impede a verdadeira elaboração da dor do desconhecido,

aproximando-se da defesa maníaca contra a posição depressiva, numa tentativa de controlo e de posse que, ao implicar a globalização a qualquer preço, indica sobretudo a valência negativa de K.

A presença de **modos de apreensão em D** pode dar conta, quando associados a boas formas, de um continente capaz de tolerar, receber e transformar conteúdos discriminados na totalidade da mancha sem perder o controlo das percepções, revelando capacidades adaptativas e defensivas que podem indiciar o estabelecimento de vínculos K devido à curiosidade inerente ao movimento de exploração.

Quando os D estão associados a determinantes sensoriais puros (C; E; Clob, etc), podemos estar perante o abandono das características defensivas e adaptativas porque a distância se perde e o sujeito, submetendo-se à projecção e fantasmática, é incapaz de controlar a situação (apesar de tentar o oposto através da circunscrição do recorte preceptivo), o que pode indicar a presença de vínculos -K. Um continente sem capacidade de síntese pode evidenciar-se pela parcelização do material que toma um carácter descontínuo e fragmentado, à luz da imagem da realidade interna.

Se sobre a apreensão global defendemos que esta podia indicar que estávamos sob a égide da posição depressiva, sobre a apreensão em D poderíamos dizer que ela se encontra sob domínio da posição esquizo-paranóide. Sublinhemos que não se pode fazer uma associação directa entre apreensão global/posição depressiva e apreensão em detalhe/posição esquizo-

paranóide, uma vez que é necessário atendermos igualmente aos determinantes e conteúdos. Parece-nos talvez mais relevante aprofundar o papel da posição esquizo-paranóide no movimento subjacente ao pensamento. Ela adquire uma conotação enriquecedora se se inserir no seio de um movimento oscilatório  $Ps \leftrightarrow D$ , de dispersão e integração, movimento ascendente que cria as bases para  $K \rightarrow O$ . No entanto, se a posição D é subtraída porque a dor é demasiado insuportável, origina-se o “pensamento” anti-pensamento  $Ps \leftrightarrow Ps$ . A proliferação de respostas D e Dd de má qualidade parecem ser disso exemplo.

Especificamente em relação às **respostas Dd**, dadas a partir de uma localização rara na população de referência e/ou num pequeno recorte, elas podem testemunhar um pensamento original e criativo ou delirante. Os **Dd arbitrários** parecem assinalar o expoente máximo de Ps porque revelam a tentativa de parcializar defensivamente a mancha, associando-se geralmente a formas de má qualidade. Neste caso dá-se a perda de contacto com o real, sendo a resposta muitas vezes independente das características do material, remetendo para configurações bizarras e estranhas, o que parece indicar a existência de  $-K$ .

A interpretação das **respostas Dbl** (interpretação do espaço em branco efectuando-se um inversão figura-fundo) e **D bl** (interpretação da mancha incluindo o branco) está classicamente associada ao aparecimento de um mecanismo de atracção pelo vazio, pela falta, o que pode ser perspectivado não como tolerância à frustração ou capacidade negativa mas sim o seu contrário, como negatividade, como tentativa de pôr vida, a qualquer custo, no vazio, o que designamos por  $-K$ .

A problemática da integridade corporal/continente pode estar em causa quando por exemplo no **cartão I** os pormenores intermaculares são interpretados como buracos ou falhas. Quando associados ao olhar, os Dbl podem remeter para a reactivação de uma culpabilidade primária ou uma vivência persecutória, o que nos remete para a noção de *claustrum* e para os vínculos –K a ele associados. Assim, as respostas Dbl constituem-se enquanto actualização de uma dialéctica relacional primária reactivada pelo branco, sendo que este transporta o sujeito para a exacerbação de uma carência afectiva, uma falta fundamental na relação mais precoce que não pode ser suportada. A apreensão de algo no branco é uma tentativa de denegar ou recusar essa falha fundamental que reacende a incompletude sentida, preenchendo-a por intermédio da inversão figura-fundo; como sabemos, preencher e colmatar é mentir, é anti-pensamento expresso em –K, porque apenas *pensar* a falha aproximaria da verdade.

Nas respostas **Do**, dá-se uma dupla restrição, perceptiva e de conteúdo; assim, um elemento é tratado isoladamente num conteúdo parcial, quando faz implicitamente parte de um todo (ex: no cartão III, a resposta “perna de homem”), o que parece ser indicador da presença da posição esquizo-paranóide e do vínculo –K.

- **Os determinantes**

No que diz respeito aos determinantes, pode-se fazer uma associação entre forma e percepção, cinestesia e projecção, e cor e vivência/afecto.

A qualidade das **respostas formais** remete para uma boa delimitação entre o dentro e o fora através de apreensão da mancha num envelope preceptivo, o que pode dar conta da existência de uma barreira ou membrana que diferencia e discrimina sujeito/objecto, de um continente capaz de cumprir o seu papel de útero de pensamentos.

Quando as **respostas formais são escassas** ou a sua qualidade questionável, dá-se a emergência do processo primário e a inviabilidade da secundarização: a relação com o real é frágil e a delimitação entre real e imaginário ineficaz. Uma formalização precária pode dar conta de uma grande permeabilidade ao meio, constituindo-se a menor característica do material como algo que encontra grande eco no sujeito com dificuldades em conter as vivências internas. A invasão dos conteúdos transforma o continente, os vínculos ganham valência negativa dado que, ao invés da relação ternária emoção→pensamento→acção/resposta, o pensamento é subtraído, emergindo a relação binária emoção→acção/resposta, que se expressa em –K.

A formalização excessiva aparece sobretudo nas organizações de tipo paranóico, sob a égide da posição esquizo-paranóide, onde as angústias persecutórias e de vigilância que caracterizam a desconfiança pelo objecto promovem o estabelecimento de vínculos –K. Um **F% elevado** pode testemunhar a ausência de flexibilidade e permeabilidade, a existência de um continente cujas barreiras são hiperinvestidas, numa hipervigilância e tentativa de controlo que tende a descurar os afectos numa rigidez que dificulta a elaboração, o que se expressa em –K. O sobreinvestimento da realidade, da forma do continente, vem colmatar o **carácter vazio do**

**espaço psíquico** que impede a ressonância fantasmática; o eco interno não se pode exprimir no vazio deste espaço e as respostas perseguem uma colagem à realidade do modo mais correcto e objectivo possível, o que impede a espessura das imagens transmitidas. É o investimento da negatividade à custa do pensamento do negativo.

A presença de **respostas formais de má qualidade (F-)** num protocolo pode ser importante ao assinalar a diminuição do controlo que permite a perturbação e a falha, o que pode parecer indicar a presença da posição esquizo-paranóide no seio de um saudável movimento de oscilação em  $Ps \leftrightarrow D$ , expresso em  $F \leftrightarrow F+$ , em  $-K \leftrightarrow K$ , indiciando flexibilidade e capacidade de rearranjo constante do funcionamento mental; a oscilação na qualidade das respostas que traduz a luta entre movimentos contraditórios, é assim essencial à procura da verdade do interior do objecto estético.

No entanto, se as respostas F- são constantes, podemos estar perante um sujeito cuja abordagem ao real é desadaptada, não socializada e sob influência preponderante da posição esquizo-paranóide. Estas respostas, muitas vezes associadas como já referimos a localizações em recortes raros ou arbitrários e a conteúdos corporais ou anatómicos, podem reflectir uma identidade e imagem corporal fragilizada, sendo o sujeito invadido por uma angústia de fragmentação, o que dá conta de um continente incapaz de conter e transformar.

Quando as **respostas F-** tomam um carácter massivamente interpretativo ou delirante, podemos dizer que o conteúdo invade, satura e transforma o próprio continente, que deixa de possuir

tolerância à dúvida e à pergunta; as imagens adquirem uma rígida valência paranóide e persecutória (olhos, rostos), sendo a integridade posta em causa devido ao carácter pré-genital da angústia que se encontra expresso nos conteúdos e é típico da posição esquizo-paranóide,. Os vínculos presentes serão então –K.

As **respostas F±** (nas quais os conteúdos são pouco definidos) podem testemunhar um pensamento vago em indivíduos cuja fronteira interno/externo está mal definida ou, por outro lado, simbolizar a dúvida, a hesitação e a prudência em tomar uma posição definida, o que, se não adquirir um carácter maciço, pode significar a capacidade de tolerar a ambiguidade inerente ao desconhecido e à procura da verdade. No primeiro caso estamos perante uma problemática de circunscrição do objecto que implica o destaque do fundo em que se encontra, o que se pode verificar difícil num sujeito cuja diferença entre interno/externo, Eu-Outro, real/imaginário se encontra esbatida; evidencia-se aqui a falha no contorno do continente com a subsequente implicação no aparecimento de vínculos –K.

Podemos então dizer que o carácter mais relevante e profundo das respostas formais consiste no estabelecimento possível dos limites entre dentro e fora, no sublinhar dos contornos que delimitam um envelope psíquico e na valência dos vínculos K inerentes ao continente projectado.

Atendendo ao duplo critério da realidade perceptiva e o investimento subjectivo da projecção, a **cinestesia** atesta as capacidades criativas, de mentalização e simbolização do sujeito, dando

assim conta da qualidade dos vínculos K. As cinestésias (projectivas por excelência na medida em que incutem no material um movimento inexistente) associadas a uma boa projecção, organizam um compromisso harmonioso e fértil na busca de O.

Ao nível do funcionamento simbólico, as cinestésias atestam a espessura do pensamento e a reflexão. Na medida em que são necessárias qualidades de interiorização, de raciocinar hipoteticamente, o sujeito “re-presenta-se” na prova; assim, a cinestesia está muitas vezes associada à capacidade de elaboração da posição depressiva, na medida em que ela implica uma actividade simbólica/imaginária interiorizada. No entanto, quando não há deslocamento ou possibilidade de diferir a acção, assiste-se à invasão dos movimentos pulsionais que se chegam mesmo a reflectir a nível motor, sinal de que a imagem e a verbalização não contiveram ou regularam o movimento sentido. Assiste-se então, e mais uma vez, ao desmoronar do pensamento que, depois da emoção, devia preceder a acção/resposta. Na análise dos determinantes cinestésicos, é importante então averiguar as quantidades de energia libidinal e/ou agressiva mais ou menos modulada a elas associadas, nomeadamente nos cartões vermelhos.

Revelam-se nas cinestésias as operações internas, os mecanismos de introjecção e identificação e a relação com o outro, o que nos leva a defender a sua importância na análise dos processo de pensamento. Mais do que qualquer outro factor, as cinestésias traduzem a capacidade de mediação do sujeito nas contingências e exigências da realidade externa/interna, a capacidade de elaboração e pensamento, de tolerar a dúvida e de buscar o interior do objecto

estético. A evidência de qualidades de mentalização, de investir de um significado a emoção despoletada pela realidade perceptiva parece assinalar a presença de vínculos K.

Quando a projecção é demasiado carregada na cinestesia, estas tornam-se desligadas da realidade. Se um grande número destas respostas pode significar, não necessariamente uma conduta delirante mas um retraimento sobre si mesmo, uma fuga para o imaginário que visa evitar, à custa da apetência objectal, uma ferida ou uma desilusão, então podemos estar na presença de uma identificação projectiva patológica, com os vínculos –K que lhe são característicos.

Nas **cinestésias interpretativas**, o indivíduo perde a consciência de que está a interpretar; nos mecanismos mais paranóicos, as impressões suscitadas são atribuídas à prova, ao autor e/ou clínico e, num segundo momento, isto suscita vigilância e desconfiança. Neste sentido, as estas cinestésias denunciam as falhas relacionais precoces e a conseqüente extrema sensibilidade do sujeito, revelando a dor da vida fantasmática e a incapacidade da sua elaboração, que designaremos por –K.

As cinestésias que revelam mecanismos de **identificação projectiva** – por intermédio dos quais existe a projecção de partes clivadas do próprio no interior do corpo da mãe com o objectivo de a controlar ou prejudicar – denotam a ausência de distância entre sujeito e objecto. A projecção das partes más no objecto leva, num segundo momento, e devido à confusão entre sujeito e objecto, a que o sujeito se sinta prisioneiro e perseguido no interior do corpo materno. Ligadas a

determinantes formais de má qualidade, estas cinestésias revelam a intrincação agressiva-destrutiva que se repete compulsivamente: há ausência de delimitação, de contorno, existe o desejo de posse e não de conhecimento, o sujeito confunde-se com o outro que sente devorador e carcereiro exactamente devido à perda da distância já assinalada e à projecção das partes más no outro. Todas estas situações se aproximam da noção de *claustrum* e se assinalam como -K.

Nas **cinestésias delirantes** há perda de contacto com a realidade, sendo a sua construção arbitrária e ilógica. A ressonância fantasmática é enorme e não há eficiência dos mecanismos defensivos, pelo que o conteúdo latente do material invade violenta e explosivamente as expressões que revelam morbidez, devido à má qualidade do continente ou à massividade dos conteúdos.

As cinestésias, por representarem uma imagem humana inteira, permitem a abordagem da representação de si, dos processos de individuação e de identificação, da mentalização e pensamento de si na relação com o outro. Através delas pode expressar-se a construção da pessoa em relação ao seu meio objectal e a sua capacidade em identificar-se com a sua espécie através da assimilação no engrama de traços comportamentais, afectivos e sexuais de diversos modelos: as imagens parentais estão aqui presentes, bem como a capacidade de fazer os arranjos narcísicos e objectais.

A **constituição do continente** baseado num processo de individuação conseguida revela-se nas cinestésias. Quando elas revelam pouca delimitação entre sujeito e o outro, por exemplo quando há referência à pertença a um reino duplo ou quando se confundem protagonistas nas respostas que acentuam a similitude ou a relação de duplo (ex. gémeos), isto pode significar uma problemática de individuação e uma confusão entre continente e conteúdo expresso em –K. Através de um movimento regressivo, uma imagem diferenciada que constitui a representação de si delimitada, pode acabar por revelar a fusão entre duas entidades humanas (coladas, unidas, siamesas). Mais uma vez, revela-se a incapacidade de tolerar a dor da separação, a angústia do desconhecido característico de –K.

Um processo de individuação conseguido revela-se, pelo contrário, na apreensão de uma imagem humana não ambígua, clara, diferenciada, estável, onde sujeito e objecto, continente e conteúdo se distinguem claramente, fruto de uma separação ocorrida no decurso da posição depressiva. Assim denota-se a capacidade negativa, a capacidade de aceitar a pertença ao grupo humano, as diferenças e semelhanças em relação ao outro que constituem a base do pensamento elaborado e abstracto (K).

Uma vez solidificada a identidade, pode-se questionar a qualidade dos processos de **identificação sexual**, que se revelam na flexibilidade das tomadas de posição, na identificação clara das personagens e na coerência entre a sua identidade sexual e as suas condutas, o que reflecte a qualidade do pensamento subjacente.

Os cartões com simbolismo marcadamente sexual podem ser geradores de angústia se há incapacidade de elaboração da bissexualidade psíquica, quando há ou hiperinvestimento de uma posição em detrimento de outra, ou quando os modelos sexuais são caricaturais, diferenciados no exagero (ex. feminino equivalente a fraco e masculino equivalente a viril).

As cinestésias de valência narcísica, que se operacionalizam em  $-K$ , revelam-se na incapacidade de reconhecer a diferença que é insuportável devido à falta que lhe está implícita, pelo que o Outro sexuado não pode aparecer sob risco de a angústia de castração invadir e destruir a própria imagem.

As **cinestésias menores** dizem respeito a respostas humanas parciais, objectos ou animais aos quais são atribuídos movimentos. A sua análise pode revelar-se extremamente importante uma vez que este movimento é muitas vezes atribuído por deslocamento, quando as pressões pulsionais se revelam demasiado intensas.

As **cinestésias animais (Kan)** pertencem a um imaginário frequentemente infantil, pelo que a tónica regressiva se encontra muitas vezes patente. Assim, a conotação oral, quer libidinal quer agressiva, encontra-se presente no reavivar de relações objectais primárias, e as pulsões podem ser mantidas num registo homeostático, designando-se K, ou levar à irrupção e invasão dos processos primários, expressando-se como  $-K$ . Este tipo de respostas é frequente em adolescentes em crise e deixa transparecer o afecto depressivo que é difícil de elaborar e que se

traduz numa valência abandonica: o deslocamento do afecto para conteúdos animais desempenha um papel defensivo porque limita a perda de distância em relação ao material.

As **cinestésias de objecto (Kob)**, muitas vezes surgidas no período da adolescência, revelam a força das pulsões desta fase, assinalando mais a descarga (-K) do que propriamente a procura de um objecto (K). Estas expressões estão igualmente muito associadas ao dualismo pulsão de vida/pulsão de morte, nomeadamente na sua vertente mais agressiva e destrutiva. As temáticas são anais ou fálicas e assim compreendemos porque existe um aumento da sua produção nesta fase da vida, quando os rearranjos pulsionais se fazem notar. A valência destrutiva pode dar conta de uma fragilidade do continente adolescente, atestando a sua dificuldade em diferir/pensar a emoção.

As **pequenas cinestésias (Kp)**, associadas muitas vezes como já referimos a percepções raras em Dd, fundam-se em mecanismos arcaicos como a clivagem, a identificação projectiva e as defesas paranóides, associados a movimentos profundamente interpretativos. Estamos então perante a posição esquizo-paranóide que, se assinala a clivagem do objecto externo, traduz o mesmo processo no objecto interno e, claramente, nos processos de pensamento. Quando se encontram nos cartões maternos e se dá a deformação do material pela presença de um mau objecto, as Kp podem dar conta do aparecimento de uma imago materna persecutória e intrusiva (por exemplo no cartão I e IX), através dos mecanismos já referidos de identificação projectiva, por projecção das partes más do sujeito no objecto. Cabe dizer que, comparativamente às

grandes cinestésias, estas têm, devido ao seu teor mais interpretativo porque associadas a formas mais arbitrárias, um teor muitas vezes desrealizante.

As **respostas cor** denotam a sensibilidade à realidade exterior, podendo ser um grande número de respostas com este determinante sinal de uma hipersensibilidade e hiperexcitabilidade ao estímulo, o que pode revelar a fragilidade da pele que salvaguarda a estabilidade do continente, com conseqüente negatividade dos vínculos inerentes ao pensamento.

Quando se verificam respostas mórbidas (respostas com conteúdos humanos truncados ou anatómicas) associadas à cor, isto pode dar conta exactamente de uma angústia de fragmentação característica de Ps, devido ao desaparecimento das fronteiras entre eu/Outro, continente/conteúdo. Torna-se impossível utilizar a cor como superfície de mediação entre o dentro e o fora e a realidade externa aparece danificada como reflexo da inexistência de um envelope psíquico que integre, una e organize a realidade interna: ela aparece então estilhaçada, incoerente, fruto da inexistência de um casulo que envolva a realidade psíquica do sujeito. Muitas vezes associadas a um registo psicótico, estas respostas reflectem uma hiperreactividade à cor ligada à insuficiência precoce da função de pára-excitação: as referências ao que é interno e ao que é externo são frágeis ou inexistentes porque a membrana que limita não se pôde constituir nas trocas mais precoces. Assim sendo, existe uma confusão entre interno/externo, sujeito/objecto, dentro/fora e o estímulo pode apresentar-se enquanto mancha colorida dispersa, fragmentada, reflexo do caos interno do sujeito, o que indica a existência de vínculos –K.

Por seu lado, a ausência de respostas cor pode revelar um retraimento ou um desinteresse pelo material, pelo objecto representante da realidade externa; isto pode significar que foram erigidas barreiras contra a excitação externa ou contra as pressões internas demasiado perturbadoras que são reactivadas pelo estímulo, criando-se, defensivamente, uma barreira impermeável que também indica a existência de vínculos negativos dada a incapacidade de se aproximar do objecto com o intuito de o pensar.

Numa abordagem mais global, é importante comparar estas respostas com outros determinantes, particularmente os determinantes formais, sendo a partir desta conjugação que podemos dar conta da constituição ou não de um verdadeiro continente diferenciado, estabilizado, com fronteiras que o separam e simultaneamente lhe permitem o contacto com o mundo exterior, através de vínculos K. As respostas formais e algumas respostas cor, se de boa qualidade, dão conta de um continente que permite aceder ao exterior de um modo sensível, sem por ele ser invadido ou sem dele se ter de proteger através da constituição de barreiras anti-objectais, com a presença de vínculos K que permitem a aproximação de O.

Quando existe uma diferenciação clara entre o sujeito e objecto, existe uma distinção entre o espaço psíquico e o exterior, pelo que a cor pode ser utilizada em outras modalidades, nomeadamente defensivas: através do investimento na cor, o sujeito evita o aparecimento de representações incómodas, operando o recalçamento.

Podemos dizer que a distribuição habitual das pulsões se caracteriza por uma forte componente agressiva nos cartões vermelhos e tendências mais regressivas, ternas e libidinais nos cartões pastel. No entanto, é a capacidade de modular, variar e diversificar as reacções ao estímulo que dá conta de um funcionamento mais equilibrado, da alternância entre K e -K.

No que diz respeito a protocolos que englobam respostas que inserem o branco (**DbI**), podemos dizer que geralmente correspondem a problemáticas que se inserem num registo mais narcísico, como já foi exposto associadas a experiências precoces de falta e de carência afectiva e que se inscrevem habitualmente sob a designação -K.

As **respostas esbatimento** podem subdividir-se em esbatimento de textura, de difusão e de perspectiva. A presença de respostas de esbatimento de textura num protocolo está associada classicamente a uma *dimensão regressiva*, reenviando para a reactivação de uma problemática muito precoce. Os esbatimentos de difusão podem dar conta de uma problemática a nível identitário, sendo que o aparecimento de imagens difusas, vagas, efémeras e evanescentes podem estar associadas a uma fragilidade do continente e reflectir a diluição de um envelope que deveria conter o espaço psíquico do sujeito, o que se operacionalizaria em -K. Concluindo a caracterização destes determinantes, referimo-nos ao esbatimento de perspectiva, associado a uma tridimensionalidade que pode reenviar para uma tentativa activa e mais elaborada de compensar a falha narcísica sentida, que pode ser expressa em K.

As respostas esbatimento dão então conta de uma *regressão formal* mais ou menos elaborada e também *temporal* pela reactivação de experiências sensoriais relacionadas com o objecto primário, o que pode potenciar a capacidade de encarar a adolescência sob uma dupla vertente, passado e futuro, ao ser conjugado no tempo do aqui e agora.

No que diz respeito aos **conteúdos**, sublinhamos que **respostas animais** num protocolo denotam um certo nível de integração adaptativa e socializante. No entanto, um número muito elevado destes conteúdos pode dar conta da angústias muito primitivas quando associados a uma actividade imaginária e delirante que faz aparecer um bestiário indiferenciado e arcaico, reflexo de uma posição esquizo-paranoíde que revela vínculos -K.

No que diz respeito aos **conteúdos humanos**, podemos dizer que o seu aparecimento confere um carácter socializante ao protocolo, na medida em que deixa transparecer a integração do indivíduo na espécie humana, constituindo-se este como um dos primeiros sinais da capacidade de pensar e interrogar a verdade do desconhecido. Uma problemática de identidade pode surgir reflectida, por exemplo, no aparecimento de imagens com conteúdos híbridos, pertencentes a reinos diferentes. É importante haver um certo nível de diferenciação entre imagens pertencentes ao reino humano, animal, vegetal e mineral, o que, caso não aconteça, pode indiciar uma fragilidade na imagem de si e uma contaminação continente/conteúdo por invasão do afecto, o que se expressa em -K. Já nos referimos à importância das imagens humanas inteiras e parciais quando nos debruçámos sobre as cinestésias, pelo que apenas nos parece importante acrescentar, relativamente às representações humanas cotadas (**H**), que elas podem

estar integradas numa vida imaginária rica (K) ou, por outro lado, dar conta de uma fraca diferenciação entre real e imaginário (-K).

No que diz respeito às respostas **Hd**, apesar de igualmente já nos termos referido a elas, é importante salientar que uma grande quantidade destas resposta pode atestar uma angústia de fragmentação, característica de Ps, a existência de um continente que deixa transparecer as suas partes constituintes, sem ser possível haver uma reconstrução sintética da imagem do corpo que seria apanágio da posição depressiva, onde a integração e a síntese despoletariam vínculos de valência positiva. Um grande número destas respostas pode também sinalizar uma angústia de fragmentação, remetendo a fragmentação para a diferença e ausência, impossíveis de pensar.

*É então sobre a capacidade de o adolescente admirar e consagrar-se admirável ao olhar do Outro (interno e externo) no seio do Conflito Estético e sobre a qualidade dos vínculos K no seio desse conflito – conflito entre o que pode ser percebido e aquilo que apenas pode ser pensado - , sobre as características dos mecanismos de identificação projectiva intrínsecos aos movimentos progredientes e regredientes de abordagem à mancha enquanto interior do objecto estético desconhecido e enigmático, sobre a capacidade de criação de novas ligações/recriações e a atribuição de novos significados/sentidos no caminho que leva a tornar-se O, que centraremos o nosso trabalho.*

### 3.3 Procedimentos: Quadro síntese da simbologia latente dos cartões

	<b>Factores mais relevantes a considerar na abordagem do Conflito Estético Adolescente</b>
<b>Cartão I</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entrada no novo e no desconhecido</li> <li>- Mudança catastrófica</li> <li>- Cesura provocada pela brusca perda inicial de referências</li> <li>- Delimitação de um continente</li> <li>- Vivência da falha/branco</li> </ul>
<b>Cartão II</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de pensar a emoção e o afecto veiculado pelo branco</li> <li>- Aptidão para experimentar o relacional imposto pela bilateralidade e pelo vermelho</li> <li>- Capacidade de consagração de objectos estéticos recíprocos</li> <li>- Intimidade Vs intrusão</li> </ul>
<b>Cartão III</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivência identitária e identificatória</li> <li>- Capacidade de experimentar o relacional imposto pelo vermelho e pela bilateralidade</li> <li>- Reedição, face ao objecto sexual, do primeiro conflito estético</li> </ul>
<b>Cartão IV</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração da dor e da angústia</li> <li>- Tolerância à frustração para viabilizar o pensamento</li> </ul>
<b>Cartão V</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de se consagrar enquanto objecto estético admirável e transformacional</li> <li>- Delimitação de um continente</li> </ul>
<b>Cartão VI</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração da ambiguidade e da paradoxalidade (dado a simbologia feminina e masculina)</li> <li>- Capacidade de oscilação e de ir da clivagem à integração</li> <li>- Delimitação de um continente</li> </ul>
<b>Cartão VII</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aptidão para (re)construir um significado face à instabilidade e interpenetração</li> <li>- Capacidade de pensar a dor provocada pelo branco/abertura central</li> <li>- Capacidade de construir patamares de aproximação que permitam pensar a distância imposta pelo branco/vazio central</li> <li>- Capacidade de pensar o relacional materno, dada a bilateralidade e o simbolismo materno/feminino</li> </ul>

<p><b>Cartão VIII</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cesura imposta pela mudança de clima emocional devido à introdução da cor</li> <li>- Mudança catastrófica</li> <li>- Solicitação do mundo externo e da capacidade de se deslumbrar face ao belo e ao novo</li> </ul>
<p><b>Cartão IX</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de um esforço suplementar para delimitar um continente (dada a vacuidade e interpenetração de cores)</li> <li>- Experiência análoga à vivida com o primeiro objecto estético (devido ao carácter regressivo e ao grande interesse e complexidade sensorial)</li> </ul>
<p><b>Cartão X</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de viver a separação-indivuação e simultaneamente manter a capacidade de pensar e se deslumbrar com o desconhecido</li> </ul>

### 3.4 Procedimentos: Quadro síntese da transposição da análise formal

Análise Formal: Modos de apreensão	Características	Posições e vínculos inerentes ao Conflito estético
<ul style="list-style-type: none"> <li>- G associado a boas formas</li> <li>- G elaborado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Corpo estável e dinâmica continente conteúdo bem conseguida</li> <li>- Capacidade de síntese, integração, elaboração e transformação</li> <li>- Desintoxicação dos elementos beta pela função alfa</li> <li>- Transformação</li> </ul>	<p><b>Se associativa:</b> Ps ↔ D ; -K ↔ K</p> <p><b>Se com potencial indagatório:</b> Pd → O ; K → O</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- G associado a más formas ou a percepções arbitrárias</li> <li>- G vago, sincrético e impressionista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Continente lacunar e inerente dificuldade na relação continente conteúdo</li> <li>- Globalização forçada sem capacidade de elaborar a dor do desconhecido</li> <li>- Falha na função alfa</li> <li>- Controlo e posse</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> </ul>	<p><b>Se em causalidade circular:</b> Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p> <p><b>Se em causalidade linear:</b> Ps → D ; -K → -K</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- D associado a boas formas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação continente conteúdo funcional</li> <li>- Curiosidade, exploração e entrega ao desconhecido</li> <li>- Movimento oscilatório de aproximação</li> <li>- Transformação</li> </ul>	<p><b>Se associativa:</b> Ps ↔ D ; -K ↔ K</p> <p><b>Se com potencial indagatório:</b> Pd → O ; K → O</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- D associado a más formas e determinantes sensoriais puros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Anulação da distância</li> <li>- Paralisia</li> <li>- <i>Claustrum</i></li> <li>- Elementos beta intoxicantes</li> <li>- Falha na função alfa</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> </ul>	<p><b>Se em causalidade circular:</b> Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p> <p><b>Se em causalidade linear:</b> Ps → D ; -K → -K</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dd</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação continente conteúdo funcional</li> <li>- Curiosidade, exploração e entrega ao desconhecido</li> <li>- Movimento oscilatório de aproximação</li> <li>- Originalidade do processo de pensamento</li> </ul>	<p><b>Se associativa:</b> Ps ↔ D ; -K ↔ K</p> <p><b>Se com potencial indagatório:</b> Pd → O ; K → O</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dd arbitrário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Anulação da distância</li> <li>- Pensamento bizarro/anti-pensamento</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> <li>- <i>Claustrum</i></li> <li>- Elementos beta intoxicantes</li> </ul>	<p><b>Se em causalidade circular:</b> Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p> <p><b>Se em causalidade linear:</b> Ps → D ; -K → -K</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- D bl</li> <li>- Dbl</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atracção pelo vazio e falta</li> <li>- Impossibilidade de pensar o negativo</li> <li>- Vivência persecutória</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> <li>- <i>Claustrum</i> ao invés de continente</li> <li>- Falha na relação continente-conteúdo</li> </ul>	<p><b>Se em causalidade circular:</b> Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p> <p><b>Se em causalidade linear:</b> Ps → D ; -K → -K</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Do</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dupla restrição (preceptiva e de conteúdo)</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> <li>- <i>Claustrum</i> ao invés de continente</li> <li>- Paralisia</li> <li>- Anti-pensamento</li> <li>- Falha na relação continente-conteúdo</li> </ul>	<p><b>Se em causalidade circular:</b> Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p> <p><b>Se em causalidade linear:</b> Ps → D ; -K → -K</p>

Análise Formal: Determinantes	Características	Posições e vínculos inerentes ao Conflito estético
- F+	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade de delimitar um continente</li> <li>- Elementos beta elaborados pela função alfa</li> <li>- Capacidade entrega e aproximação</li> </ul>	<p><b>Se associativa:</b> Ps ↔ D ; -K ↔ K</p> <p><b>Se com potencial indagatório:</b> Pd → O ; K → O</p>
- F- e F±	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita a perturbação e a falha</li> <li>- Flexibilidade</li> </ul> <p>ou, se em grande número:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Função alfa incapaz de desintoxicar elementos beta</li> <li>- Insuficiente delimitação continente-conteúdo</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> </ul>	<p>Ps ↔ D ; -K ↔ K</p> <p><b>ou, se em grande número:</b></p> <p>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- F % elevado</li> <li>- F% reduzido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hiperinvestimento dos limites</li> <li>- Controlo, posse</li> <li>- <i>Claustrum</i></li> <li>- Incapacidade de gerir a distância</li> <li>- Contaminação continente-conteúdo</li> </ul>	<p>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</p>
- Cinestesia de qualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacidade criativa, de mentalização e simbolização</li> <li>- Transformação</li> <li>- Curiosidade, exploração e entrega ao desconhecido</li> <li>- Movimento oscilatório de aproximação</li> <li>- Originalidade do processo de pensamento</li> </ul>	<p><b>Se associativa:</b> Ps ↔ D ; -K ↔ K</p> <p><b>Se com potencial indagatório:</b> Pd → O ; K → O</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- cinestésias excessivamente intepretativas</li> <li>- cinestesia com conteúdos híbridos ou em que se confundem os protagonistas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falha na relação continente-conteúdo</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> <li>- Incapacidade de gerir a distância</li> <li>- Posse, controlo</li> <li>- Elementos beta intoxicantes</li> </ul>	<p><b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- kp</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Geralmente associado a mecanismos de clivagem e identificação projectiva patológica</li> <li>- <i>Claustrum</i></li> </ul>	<p><b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- kan de qualidade</li> <li>- kan de má qualidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boa relação continente-conteúdo</li> <li>- Curiosidade, exploração e aproximação do objecto</li> <li>- Transformação</li> <li>- Irrupção e invasão da emoção</li> <li>- Falha na relação continente-conteúdo</li> </ul>	<p><b>Ps ↔ D ; -K ↔ K</b></p> <p><b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- kob</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se com valência fortemente destrutiva pode indicar fragilidade do continente</li> </ul>	<p><b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respostas cor de qualidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilidade ao objecto</li> <li>- Boa relação continente-conteúdo</li> </ul>	<p><b>Ps ↔ D ; -K ↔ K</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência de respostas cor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Retraimento ou desinteresse pela exploração do objecto</li> </ul>	<p><b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b></p>

- Grande número de respostas cor	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Impermeabilidade do continente</li> <li>- Incapacidade de aproximação</li> <li>- Fragilidade do continente</li> <li>- Invasão da emoção</li> <li>- Identificação projectiva patológica</li> </ul>	<b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b>
- Esbatimento de difusão ou textura	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Problemática na delimitação continente-conteúdo</li> </ul>	<b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b>
- Esbatimento de perspectiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Postura activa de elaboração e pensamento</li> <li>- Boa relação continente-conteúdo</li> </ul>	<b>Ps ↔ D ; -K ↔ K</b>

<b>Análise Formal: Conteúdos</b>	<b>Características</b>	<b>Posições e vínculos inerentes ao Conflito estético</b>
- H de qualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Imaginário rico</li> <li>- Boa delimitação continente-conteúdo</li> </ul>	<b>Ps ↔ D ; -K ↔ K</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- H sem qualidade</li> <li>- Hd</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contaminação continente-conteúdo</li> <li>- Se em grande número sinal de angústia não elaborada</li> <li>- Fragilidade do continente</li> </ul>	<b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b>
- A e Ad	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se em grande número, sinal de angústia não elaborada</li> <li>- Problemática na relação continente conteúdo</li> </ul>	<b>Ps ↔ Ps ; -K ↔ -K</b>

Protocolo Ana: 13 anos Cartão I	Protocolo Ana :16 anos Cartão I	Protocolo Ana: 13 anos Cartão I	Protocolo Ana: 16 anos Cartão I
<p>1- isto parece-me... tipo uma borboleta - Borboleta com asas - G F+ A Ban → kan</p> <p>2- ao mesmo tempo um morcego... (faz caretas)... uma borboleta. - Ao mesmo tempo parece um morcego por causa destes corminhos (Dd sup. central). - G F+ A</p> <p>3- um vampiro ... um morcego. Não me vem mais nada à cabeça. - um bicho com asas é a melhor coisa que eu sei dizer. - G FClob (A)</p>	<p>1- parece uma borboleta... - a forma como ela está, pequenina aqui (D central) e depois as asas (D lat.). - G F+ A Ban</p> <p>2- ou um morcego. Não sei, é uma imagem esquisita. - o morcego por causa da cor negra, ele é um bicho que vive no escuro. - G F+ A → C'</p>	<p>Pd → Pd ↔ Ps K ↔ K ↔ -K</p>	<p>Pd ↔ Ps K ↔ -K</p>
<p><b>Cartão II</b> (Risos. Ar sério) ^ ... &lt; v &gt; - Não me vem nada à ideia. Recusa</p>	<p><b>Cartão II</b> - isto vai de mal a pior... são tão esquisitas, as imagens... agora de realce não me lembro de nada... as cores são tão esquisitas... - estas cores muito escuras, o contraste entre o preto e o vermelho, tem um contraste de morte e de medo, a mim lembra-me isso. Recusa</p>	<p>Ps ↔ Ps -K ↔ -K</p>	<p><b>Cartão II</b> Ps ↔ Ps -K ↔ -KH</p>
<p><b>Cartão III</b> 4- parecem duas pessoas, ou um animal a fazer qualquer coisa. Parece mesmo qualquer coisa que pertence às duas pessoas, que não sabem mas que estão a tentar descobrir. Não me vem mais nada à ideia. - duas pessoas por causa da forma da cara e do corpo em si. As mãos (D central). Estão a olhar muito fixamente um para o outro. - G K H Ban</p>	<p><b>Cartão III</b> 3- aqui parecem duas pessoas a lutarem por qualquer coisa, frente a frente. Algo está a separá-las. É muito esquisito. - da forma como elas estão frente a frente parece que elas estão a ver quem é que vai ficar. - G K H Ban</p>	<p><b>Cartão III</b> Ps ↔ Pd ↔ P Transc. -KL ↔ KL ↔ O</p>	<p><b>Cartão III</b> Ps ↔ Pd -KH ↔ KH</p>

Cartão IV	Cartão IV	Cartão IV	Cartão IV
<p><b>Cartão IV</b> (<i>abre muito os olhos</i>) 5- parece uma pessoa muito alta. - (todo) - G F+ H</p> <p>6- parece um animal deitado. - a minha mãe tem um coberfor que é de um leão. Como o leão está em ponto grande fez-me lembrar por causa da cara (<i>D sup. central</i>) e por causa da cauda (<i>D inf. central</i>). - G F+ A</p> <p>7- uma pele de animal estendida no meio da sala. É estranho. É só. - (todo). - G FE A</p>	<p>4- aqui parece ser algo muito grande, ou com muito poder, o mostrar a sua grandeza, mas ao mesmo tempo transmite um bocado de medo. Não sei. - é a forma como está colocado, é a cor, é grande e transmite medo ou receio. - G FClob Abst.</p>	<p><b>Cartão IV</b> Pd → Ps ↔ Ps K → -K ↔ -K</p>	<p><b>Cartão IV</b> Ps ↔ Ps -KH ↔ -KH</p>

Cartão V	Cartão V	Cartão V	Cartão V
<p><b>Cartão V</b> 8- está-me a lembrar um... um bichinho com asas, não é bem uma borboleta, é uma espécie de borboleta mais esquisita. Resumindo, é um bichinho com asas da família da espécie da borboleta, uma coisa assim do género. - as asas (<i>D lat.</i>). Aquelas borboletas que se encontram nas histórias de princesas e nos contos de fadas e nessas tretas todas - G F+ A Ban</p>	<p>5- aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino, mas ao mesmo tempo está a mostrar-se grandioso talvez. - a forma, parece que tem um corpo pequenino, uma coisa frágil, mas ao mesmo tempo parece que ele está a abrir as asas e é grande. - G F+ A → kan</p>	<p><b>Cartão V</b> Ps ↔ Pd -KL ↔ KL</p>	<p><b>Cartão V</b> Pd → P Tranc. K → O</p>

<p><b>Cartão VI</b> (<i>Ri-se muito</i>).</p> <p>9- Ai, estouv-me a lembrar... a pele de um felino estendida no chão. - G FE A Ban</p> <p>10- v ^ parece um gato ou um tigre, ou lá o que é, está-me a lembrar o Silvester. - se olhar para o focinho do Silvester faz lembrar com os bigodes (<i>D sup.</i>) - G F+A</p>	<p><b>Cartão VI</b> (<i>Morde o lábio</i>). - esta não me diz grande coisa. - Recusa</p>	<p><b>Cartão VI</b></p> <p>Ps ↔ Pd -K ↔ K</p>	<p><b>Cartão VI</b></p> <p>Ps ↔ Ps -K ↔ -K</p>
<p><b>Cartão VII</b> (<i>Revira o nariz. Conforma o dedo com o cartão</i>).</p> <p>11- parece uma ilha deserta cheia de mistérios ou onde há alguma coisa a ser destruída, onde não vive ninguém, está mesmo deserta. Antes podiam viver ali pessoas, mas como foi destruída está deserta. - A ilha (<i>negro</i>), aqui à volta é o mar (<i>branco</i>), a forma faz-me lembrar uma ilha. Podia ser um continente destruído, por causa das formas isto encaixava em qualquer sítio, mas foi destruído pela natureza em si. - Gbl EF Geo</p>	<p><b>Cartão VII</b></p> <p>ô- esta aqui parece que há um vazio dentro de algo, falta aqui qualquer coisa, parece que algo foi retirado e agora faz falta, talvez. - aqui no meio (<i>branco central</i>) falta algo para completar esta forma, parece que algo foi separado. - Dbl F± Vazio</p>	<p><b>Cartão VII</b></p> <p>Pd → Ps KH → -KH</p>	<p><b>Cartão VII</b></p> <p>Ps ↔ Ps -K ↔ -K</p>

Cartão VIII	Cartão VIII	Cartão VIII	Cartão VIII
<p>12- está-me a lembrar uma colina com dois... - D F± Nat &lt; ^ &gt;</p> <p>13- parece que estão a subir uma espécie de vale, de uma montanha, dois animais que se querem encontrar mas não sabem como, como se fossem almas gémeas. É só. - dois irmãos, dois leões, um à procura do outro (<i>rosa</i>). Isto tem esta separação (<i>eixo central</i>), uma parte era de um e outra era de outro e quando chegassem ao cimo do ponto mais alto (<i>cinzento</i>), pudessem-se encontrar, por isso é que eu pensei que pudessem ser familiares ou amigos. - D kan A Ban</p>	<p>7- aqui parecem dois animais a subirem para um topo, para atingirem uma meta, um fim, um destino. - está pequeno aqui, mas depois começa a aumentar as figuras de lado e no fim tem um topo, um biquinho, parece que estão os dois a lutar por esta meta, por este fim. - D kan A Ban</p> <p>- as cores são mais vivas, transmitem mais vida. - <i>Comment. Cor.</i></p>	<p>Ps ↔ Pd → Ptrans. -KH ↔ KH → O</p>	<p>Ps ↔ Pd -KL ↔ KL</p>
Cartão IX	Cartão IX	Cartão IX	Cartão IX
<p>14- faz-me lembrar um E.T. (<i>abre muito os olhos</i>), por ter estas partes assim, a cor da face, um ser de outro mundo, de outra dimensão. - a forma da cara (<i>DbI central</i>), a parte dos olhos (<i>laranja e verde</i>), isto sobe para cima e faz lembrar fumo (<i>laranja</i>). A boca (<i>verde</i>), o corpo e os braços (<i>rosa</i>), está vestido com qualquer coisa. - Gbl K (H)</p>	<p>8- aqui esta parece uma cara, ou assim alguma coisa, parece que está a ser escondida, por medo talvez, não sei. - parece que está aqui uma pessoa ou um ser que tem a cara tapada (<i>DbI</i>), talvez o que as outras lhe dizem o obriguem a fazer isto, não sei. - D bl Kp Hd</p>	<p>Ps ↔ Ps -KH ↔ -KH</p>	<p>Ps ↔ Ps -K ↔ -K</p>
Cartão X	Cartão X	Cartão X	Cartão X
<p>15- está-me a fazer lembrar aranhas, muitas aranhas. É só. - (<i>azul, cinzento sup. e inf.</i>) - D F + A</p>	<p>9- esta transmite alegria, parece que algo de bom aconteceu, uma festa, está tudo disperso. Muita vida. - a forma como a imagem está colocada, as cores utilizadas são vivas, transmitem cor e alegria. Parece que algo aconteceu. - Gbl CF Abst.</p>	<p>Pd → Ps KL → -KL</p>	<p>Pd ↔ Ps K ↔ -K</p>

Protocolo André: 13 anos Cartão I	Protocolo André: 16 anos Cartão I	Cartão I	Cartão I
<p>1 – isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo.</p> <p>- esta cara... as orelhas todas defeituosas (<i>D lat.</i>), os olhos (<i>Dbf sup.</i>), e isto deve ser o nariz (<i>Dbf inf.</i>).</p> <p>- G FClob (H)</p>	<p>1 – isto parece-me um insecto esquisito. Parece meio mosca, meio borboleta.</p> <p>- isto aqui parece o corpo de uma mosca (<i>D central</i>), e isto (<i>D lat.</i>), as asas de uma borboleta.</p> <p>- G F+ A</p>	<p>Ps ↔ Ps</p> <p>-KH ↔ -KH</p>	<p>Ps ↔ Pd</p> <p>-K ↔ K</p>

Cartão II	Cartão II	Cartão II	Cartão II
<p>2 – Costelas. Mais nada.</p> <p>- porque isto tem uns traços (<i>diferentes tonalidades do negro</i>) que parecem costelas e aqui um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio (<i>D verm. Sup.</i>).</p> <p>- D F- Anat.</p>	<p>2 – isto parece-me uma caixa torácica. Parecem-me as costelas.</p> <p>- isto tem os efeitos de umas linhas que me faz lembrar os efeitos das costelas (<i>no negro</i>).</p> <p>- D F- Anat.</p> <p>3 – o vermelho parecem órgãos por baixo daquilo. Mais nada.</p> <p>- e isto (<i>D verm.inf.</i>) dá a entender que parece um órgão, não sei bem qual mas parece.</p> <p>- D CF Anat.</p>	<p>Ps ↔ Ps</p> <p>-K ↔ -K</p>	<p>Ps ↔ Ps</p> <p>-K ↔ -K</p>

Cartão III	Cartão III	Cartão III	Cartão III
<p>3 – a cara de um sapo.</p> <p>- os olhos nesta forma (<i>verm. Inf.</i>), ser assim uma cara redonda com o queixo raspado, achatado e isto parece o nariz (<i>verm. central</i>), o nariz do sapo.</p> <p>- G F- Anat.</p>	<p>4 - isto parecem duas pessoas. Só me faz lembrar isso.</p> <p>- isto parecem as pernas, o corpo e a cabeça (<i>negro</i>).</p> <p>- G K H Ban</p>	<p>Ps ↔ Ps</p> <p>-K ↔ -K</p>	<p>Ps ↔ Pd</p> <p>-K ↔ K</p>

Cartão IV	Cartão IV	Cartão IV	Cartão IV
<p>4 – dois pinguins de costas um para o outro.  - esta cara tem a forma do pinguim com o bico branco (<i>Dd lat. sup.</i>) só que estão para baixo. O bico não parece assim tanto, parece de abutre. – D bl F- A</p>	<p>5 – parecem dois pinguins encostados a uma parede, de costas um para o outro.  - esta parte aqui com a mancha branca, faz lembrar a cabeça de um pinguim (<i>Dd lat.</i>), o corpo (<i>D lat.</i>)  - G kan A  →Contabulação</p>	<p>Ps ↔ Ps  -K ↔ -K</p>	<p>Ps ↔ Ps  -K ↔ -K</p>

Cartão V	Cartão V	Cartão V	Cartão V
<p>5 – dois crocodilos.  - D F+ A  (R. A.: A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água (<i>negro</i>)) (D EF Elem.)</p>	<p>6 – isto parece-me uma borboleta.  - a borboleta é tudo.  - G F+ A Ban  7 – aqui, no final das asas, parece-me a cabeça de um jacaré.  - a cabeça do jacaré parece aqui nas duas asas.  - D F+ Ad</p>	<p>Pd → Ps  K → -K</p>	<p>Ps ↔ Pd  -K ↔ K</p>

Cartão VI	Cartão VI	Cartão VI	Cartão VI
<p>6 – esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.  - o corpo dos ursos (<i>D inf.</i>), esta parte pode ser a cara deles (<i>D sup.</i>)  - G F- A  (R. A.: Mas também o tapete de um urso). (G F+ A)</p>	<p>Cartão VI  Não faço a mínima ideia...  →Recusa  8 – parece aqueles tapetes feitos com um animal, um tigre, o nariz, os bigodes. Mais nada.  - a cabeça, os bigodes, a cabeça aberta (<i>D sup.</i>), e isto, parece o corpo, aqui as patas (<i>D inf.</i>).  - G FE A</p>	<p>Ps ↔ Ps  -K ↔ -K</p>	<p>Ps ↔ Pd  -K ↔ K</p>

Cartão VII	Cartão VII	Cartão VII
<p>7 – duas caras, uma a olhar para a outra.</p> <p>- o formato destas caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras (1º terço), isto é o pescoço (2º terço), e a saia (3º terço)</p> <p>- G kp Hd</p>	<p>Cartão VII</p> <p>Não me faz lembrar nada... Ah!</p> <p>→ Recusa</p> <p>9 – isto parece uma cara de uma rapariga de lado, com os cabelos.</p> <p>- esta parte (1º terço) parece uma rapariga.</p> <p>- D F+ Hd</p> <p>10 – isto uma máscara de perfil.</p> <p>- isto aqui em baixo tem umas manchas brancas que parecem uns olhos (2º terço), parece uma máscara.</p> <p>- D bl F+ Másc.</p>	<p>Cartão VII</p> <p>Ps ↔ Pd</p> <p>-K ↔ K</p> <p>Ps ↔ Pd</p> <p>-K ↔ K</p>

Cartão VIII	Cartão VIII	Cartão VIII
<p>8 – dois hipopótamos.</p> <p>- (rosa inferior) este aspecto gordo, com a cara parecida com o formato dos hipopótamos.</p> <p>- D F- A</p> <p>9 – com duas lagartixas em cima deles.</p> <p>- as lagartixas (rosa lat.) por serem grandes e estarem a trepar.</p> <p>- D F- A</p>	<p>Cartão VIII</p> <p>11 – estes dois parecem-me animais. E o do meio não me faz lembrar nada de especial.</p> <p>- animais (rosa lat.), não sei bem quais. Isto (mancha central) não identifiquei com nada.</p> <p>- D F+ A Ban</p>	<p>Cartão VIII</p> <p>Ps ↔ Ps</p> <p>-K ↔ -K</p> <p>Ps ↔ Pd → PTran.</p> <p>-K ↔ K → O</p>

Cartão IX	Cartão IX	Cartão IX
<p>10 – Hum... uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina.</p> <p>- são dois: cara (verde), os olhos aqui (Dbl do verde), aqui uma boina ou um chapéu levantado para cima (laranja). Isto pode ser o corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo (rosa).</p> <p>- Gbl F- Hd</p>	<p>Cartão IX</p> <p>12 – isto faz-me lembrar dois elefantes, com a tromba para o ar, em cima de uma pedra ou de uma coisa assim.</p> <p>- os elefantes parece esta parte laranja, com a tromba mais para cima, e estas coisas verdes, fez-me lembrar um penedo, ou uma rocha, ou uma coisa assim.</p> <p>- G F- A</p>	<p>Cartão IX</p> <p>Ps ↔ Ps</p> <p>-K ↔ -K</p> <p>Ps ↔ Pd</p> <p>-K ↔ K</p>

Cartão X	Cartão X	Cartão X	Cartão X
<p>11 – duas aranhas a fazerem uma teia.  - isto parecem aranhas (<i>azul</i>), estão com umas coisas na mão (<i>verde sup.</i>).  - D Kan A</p> <p>12 – em cima do cabelo de um homem de bigode verde.  - o cabelo do homem (<i>rosa</i>), isto são os olhos (<i>amarelo</i>), o nariz e o bigode (<i>verde inf.</i>).  - Dbl F+ Hd</p>	<p>13 – esta parte aqui do meio faz-me lembrar qualquer coisa que parece o corpo humano.  - isto parece o corpo humano (<i>entre os rosas laterais e o cinza superior</i>).  - Dbl F- Anat.</p> <p>14 – este aqui parece um animal assim esquisito, parece uma lagosta ou uma coisa assim.  - lagosta (<i>azul lat.</i>)  - D F+ A</p> <p>(R. A.: isto aqui a rosa parece uns cabelos, o amarelo os olhos e o verde uns bigodes. Parece um senhor com uns bigodes). (Dbl F+ Hd)</p>	<p>Pd ↔ Ps  K ↔ -K</p>	<p>Ps ↔ Pd  -K ↔ K</p>

## 6. Análise dos protocolos

### 6.1. Protocolos I - Ana

No **cartão I**, a primeira resposta, depois de um tempo latência inicial bastante curto, surge antecedida de um comentário cauteloso (*“isto parece-me”*) e consiste numa banalidade (*“tipo uma borboleta”*). A apreensão em G, favorecida pelo carácter compacto do cartão, parece dar conta, uma vez associada a uma forma correcta, da capacidade de delimitar um continente pensante. A tendência kan, indutora de movimento (*“borboleta com asas”*) dá conta de um registo com potencial de desenvolvimento, de um pensamento complexo.

A segunda resposta, iniciada com o comentário *“ao mesmo tempo”*, parece dar conta de uma capacidade de movência e fluidez de organização do pensamento, e de uma criatividade que permite a abertura a novas expressões, de um *“deixar-se ir”* necessário à produção de pensamentos. O *“morcego”*, apreendido também em G, é no entanto justificado por um pequeno pormenor superior, *“por causa dos corninhos”*.

A terceira resposta, *“um vampiro”* apresenta-se como cúmulo de um movimento regrediente que já se vinha adivinhando depois de borboleta e morcego. Esta personagem é conhecida, tal como o morcego, pelas suas características nocturnas que despertam o medo do desconhecido, do que não se vê mas se pressente. O vampiro acresce no entanto ao morcego no seu teor aterrador de personagem que suga o sangue a seres humanos desprotegidos. A título de comentário, lembramos que é corrente acreditar-se que, no universo vampiresco, as vítimas são escolhidas pelo seu carácter puro, virginal, inocente, pelo que, extrapolamos, poderia haver uma

identificação da pré-adolescente com a vítima não nomeada deste personagem assustador. No entanto, esta imagem mostra-se demasiado inquietante, pelo que logo depois existe um movimento que visa recuperar a estabilidade (precária) anterior, regressando a resposta “*um morcego*” e, logo depois, numa tentativa de aplacar a angústia emergente, “*não me vem mais nada à cabeça*”.

Aos 16 anos a entrada na prova, em reacção ao **cartão I**, é através de uma resposta dada em G, de boa qualidade formal, a banalidade “*parece uma borboleta*”. De seguida, “*ou um morcego*”, com um comentário que denuncia a estranheza da perda de referências iniciais, “*não sei, é uma imagem esquisita*”. No inquérito surge a sensibilidade à cor patente (“*o morcego por causa da cor negra*”) e “*ele é um bicho que vive no escuro*”, donde a impossibilidade de ser percebido facilmente.

No **cartão II**, o impacto cromático do vermelho e do branco parece arrastar um choque de que é testemunha a queda de produtividade e o comentário “*não me vem nada à ideia*”. Ele despoleta uma angústia paralisante, expressa no brutal aumento do tempo de latência, na manipulação da prancha e na oscilação nas manifestações do humor, seguindo-se ao riso uma ar sério. Adiantamos a hipótese de isto se dever ao carácter relacional da prancha, quer pela estrutura bilateral, quer pela introdução do vermelho – a cor dos afectos fortes. A paralisação do movimento pulsional que se traduz pela ausência de cinestésias relacionais libidinais e agressivas e pela ausência de integração do vermelho reflecte, por intermédio da recusa, a falência do processo de pensamento e simbolização no seguimento da incapacidade de elaborar afecto e relação e de se aproximar e investir o objecto numa relação íntima. Como não poderia

deixar de ser pela angústia e paralisia que provoca, este cartão é seleccionado como menos agradável na prova das escolhas.

Aos 16 anos, com a apresentação do **cartão II** surge igualmente a primeira recusa da prova, face ao cartão que introduz o vermelho e, com a bilateralidade, a relação. A adolescente afirma *“isto vai de mal a pior, são tão esquisitas as imagens...agora de realce não me lembro de nada...”*, (numa negação drástica do impacto pulsional da cor) e, reforça, *“as cores são tão esquisitas...”*, num movimento desqualificatório que se pode entender no âmbito de um mecanismo de identificação projectiva, ao ser projectada a parte de si que não entende, que é não-elaborável, que é *“esquisita”*. Com a hipersensibilidade à cor, os afectos invadem o processo de pensamento e obliteram qualquer tipo de elaboração. Essa sensibilidade inadmissível pode dar conta da sensação de equivalência entre pulsão e dependência pelo outro na relação latente, pelo que o mecanismo de defesa consiste na procura da beatitude, na ausência de desejo e na aproximação ao grau de excitação zero. No inquérito surge novamente uma grande permeabilidade às cores, numa óbvia dificuldade em estabelecer e delimitar um espaço que sirva de continente aos pensamentos. Tal como seria previsível, surge o comentário *“o contraste entre preto e vermelho, tem um contraste de morte e medo”*, como se se estabelecesse uma equivalência entre preto – morte e vermelho (a cor dos afectos fortes, invasivos, potencialmente desorganizadores) – medo, o medo que causa o vermelho dada a sua incontrolabilidade.

Aos treze anos, no **cartão III**, o tempo de latência diminui ligeiramente mas permanece alto (22”). Surge a banalidade, *“parecem duas pessoas”*, às quais não é atribuído sexo específico,

“ou um animal a fazer qualquer coisa”. A cinestesia, projectiva por excelência, indica a capacidade de um pensamento elaborado depois da falência na prancha anterior. A identificação projectiva acentua-se (“*parece mesmo*”), num esboço relacional que pode ser de conflito ou de partilha (“*qualquer coisa que pertence às duas*”). A própria Ana parece promover um movimento de aproximação e investigação do que se trata, de modo a destrinçar o teor mais libidinal ou mais agressivo da ligação, uma vez que “*as pessoas não sabem, mas estão a tentar descobrir*”. No inquérito existe referência à cara, ao corpo e às mãos (aquilo que as pode unir), e ainda ao olhar (“*estão a olhar muito fixamente um para o outro*”). Para além da atribuição de género masculino, aquele diferente do sujeito, sublinha-se a atenção, o interesse com que os personagens se enfrentam, num reflexo de investimento mútuo, de capacidade de olhar e ser olhado, que tanto pode indicar sideração (pela imobilização do movimento pulsional e, numa expressão de conotação narcísica, manter a unicidade ao afirmar a duplicação) como crescimento (pelo interesse pelo novo, pela descoberta) apesar de ainda não se constituir como descoberta do diferente, da complementaridade.

Aos dezasseis anos, face ao mesmo cartão, surge a resposta “*aqui parecem duas pessoas a lutarem por qualquer coisa, frente a frente*”. A não atribuição de género não impede o esclarecimento do tipo de relação latente – de conflito/agressiva – e a capacidade de se enfrentarem directamente. Menção ainda para “*algo está a separá-las. É muito esquisito*”. A partir de uma justificação arbitrariamente projectiva (“*da forma como eles estão frente a frente*”), surge a conclusão “*parece que eles estão a ver quem é que vai ficar*”, o que pode reflectir ou uma luta pela posse daquilo porque estão a lutar ou uma luta quase territorial de espaço físico/psíquico entre duas forças que se opõem e que querem “dominar” determinado espaço. De

salientar que, mais um vez, o vermelho não é utilizado nem integrado na resposta, continuando a ser tão perturbador que são erguidas barreiras impermeáveis contra a sua apreensão.

Não obstante o carácter compacto e normalmente angustiante do **cartão IV**, e apesar de o primeiro impacto demonstrar a conotação assustadora da mancha (uma vez que a Ana abre muito os olhos, supomos que num misto entre espanto e susto), aos treze anos ela consegue organizar uma resposta global de boa qualidade formal (*“parece uma pessoa muito alta”*), o que indica a sua capacidade de trabalhar a angústia surgida. Esta pessoa, a quem uma vez mais não é atribuído género, é muito alta, o que reflecte que a força e imponência latentes no cartão são admissíveis para o sujeito.

A segunda resposta, também em G e igualmente de uma boa qualidade formal, mostra no entanto uma tentativa de diminuição da força (*“um animal deitado”*), necessariamente numa postura menos ameaçadora, sobretudo se tivermos em conta que é um *“leão em ponto grande”*; a abordagem centra-se aqui no recurso aos pormenores *“cara”* (D superior central) e *“cauda”* (D inferior central) para, num movimento oscilatório, elaborar a angústia. No inquérito surge ainda uma tentativa de aproximação ao familiar e protector (*“a minha mãe tem um cobertor que é de um leão”*), numa possível tentativa de minimizar o perigo e convertê-lo em algo quente e acolhedor, que cobre e conforta.

A resposta seguinte prossegue a tarefa de desvitalizar (recusando a origem interna da fonte da pulsão) e diminuir o perigo: a pessoa alta que se transforma em animal/leão deitado e num cobertor, é agora mera *“pele de animal”*, tão inofensivo que está inserido no ambiente mais banal, *“no meio da sala”*. De referir que tanto nesta como na resposta anterior surgem elementos

que podem deixar antever a fragilidade face à potência do cartão, dados os conteúdos “cobertor” e “pele” que protegem, limitam e, ao procurar fazê-lo, testemunham a fragilidade do continente. A “pele”, enquanto esbatimento de textura, revela uma sensibilidade táctil muito precoce e por seu intermédio apela-se ao seu valor restaurador que permite a acalmia da angústia. Apesar destas tentativas de apaziguar a insegurança sentida, ela não deixa de continuar a transparecer, através do comentário final “*é estranho. É só*”.

Aos 16 anos, e com a apresentação do **cartão IV**, dá-se um grande aumento no tempo de latência, naquilo que parece ser um equivalente de choque. A imagem é assumidamente angustiante, “*aqui parece ser algo muito grande, ou com muito poder, o mostrar a sua grandeza (...)*”. O “*não sei*” final parece indicar, ao invés da base para o pensamento por se assumir a frustração do desconhecido, a negatividade de algo (recordemos a abstracção do conteúdo que reflecte a incapacidade de nomeação), o que obstaculiza o crescimento e a transformação. Este comentário pode dar conta de um movimento de inibição ou de bloqueio associativo, mecanismo que tem por objectivo lutar contra a implicação projectiva sentida como perigosa.

Aos treze anos, no **cartão V**, cartão de afirmação narcísica por excelência, surge a banalidade denegada, depois da depreciação “*está-me a lembrar um... um bichinho com asas, não é bem uma borboleta*”. Segue-se a continuação do movimento de desvalorização, “*é uma espécie de borboleta mais esquisita*”. A idealização negativa é transparente nesta resposta kan que traduz, recordamos, por deslocamento para o animal, aspectos da representação do próprio sujeito. A sensação de estranheza e desqualificação é patente, sobretudo na tentativa forçada de sintetizar (“*resumindo*”) e de integrar o projectado numa categoria que não se consegue estabelecer e

denominar – *“da família da espécie da borboleta, uma coisa assim do género”* – mas onde, apesar de tudo, há uma tentativa de reverter o estranho em familiar, aproximando-se da realidade objectiva. O mundo da fantasia, da onipotência mágica, é no entanto demonstrado pela inserção *“nas histórias de princesas e contos de fadas”*, um universo agradável mas distante que, por intermédio do afastamento espacio-temporal assegura o apaziguamento da pulsão. Através do mundo irreal que assegura o *“final feliz”*, operacionaliza-se uma tentativa de movimento de restauração narcísica (depois do *“bichinho”* e da *“borboleta esquisita”*) que logo é desvalorizado (*“nessas tretas todas”*). Na prova das escolhas este é um dos cartões escolhidos positivamente sendo a justificação (*“parece uma coisa real e ao mesmo tempo parece uma coisa que nunca existiu”*) o que pode dar conta de um mecanismo próximo da clivagem, onde a ruptura e a negação do elo reflectem a ausência de dialéctica que traduz a clivagem do objecto e do Eu. Aos dezasseis anos, a resposta a este cartão reflecte um movimento progrediente bastante bem conseguido. Face à resposta *“aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino”*, transparece a fragilidade narcísica adequada a uma elaboração, na medida em que as barreiras que erguem o continente não se mostram demasiadamente rígidas mas sim flexíveis, o que se encontra expresso na segunda parte da resposta (*“mas ao mesmo tempo está a mostrar-se grandioso talvez”*). A capacidade de integrar os opostos pequeno/grandioso, pequeno – frágil /abrir as asas – grande, mostra a capacidade de inflação narcísica saudável, de se mostrar e exhibir apesar de não se negar as fragilidades internas. A presença de uma tendência Kan expressa a projecção (ainda que menos assumida), o que é mais um indicador da entrega ao material e ao potencial de desenvolvimento.

Esta resposta pode, por outro lado, dar conta de uma representação de si onde se consubstanciam movimentos contrastados de valorização, de enaltecimento, de onipotência magnificada por um lado, e de desvalorização, humildade, fragilidade e insuficiência por outro, no âmbito de um mecanismo de idealização e clivagem que comporta sempre esses dois pólos.

No **cartão VI**, aos treze anos, a habitual sensação disfórica é revertida no seu contrário, provocando o riso, um movimento comportamental defensivo. Depois de um comentário cauteloso, *“ai, estou-me a lembrar...”*, surge novamente a pele estendida no chão, desta vez especificamente de um felino. Depois da manipulação do cartão (o que pode dar conta, uma vez mais, de uma ansiedade agida) surgem imagens de dois animais com características opostas, *“um gato ou um tigre”*, um doméstico e um selvagem, seguindo-se um mecanismo regressivo que origina a organização de um gato que é personagem de desenho animado (*“está-me a lembrar o Silvester”*); a Ana centra-se no D superior com conotações fálicas para justificar a resposta, referindo *“se olhar para o focinho do Silvester faz lembrar com os bigodes”*.

Já aos dezasseis anos, face à inquietação, estranheza e ambiguidade despoletada pela apresentação do **cartão VI**, este provoca uma reacção de tal modo disfórica e tem um impacto de tal modo importante que é impossível para a Ana pensar, simbolizar e verbalizar a ressonância interna despoletada, pelo que, através de um mecanismo de denegação (*“este não me diz grande coisa”*), procura distanciar-se daquilo que em si emerge, promovendo o erguer de uma barreira intransponível que impede qualquer tipo de elaboração. É a segunda recusa do protocolo nesta idade e, tal como a primeira, corresponde à selecção negativa na prova das

escolhas: *“estas duas não me transmitem grande coisa, são imagens sem vida e as cores são muito escuras, muito mortas, transmitem medo e receio, não me fascinam muito”*.

O carácter inacabado e instável do **cartão VII** ressoa na pré-adolescente de treze anos que, sensível ao esbatimento e à interpenetração figura-fundo, sugere uma *“ilha deserta”*. A curiosidade pelo que nela se encontra é óbvia (*“cheia de mistérios”*), algo que não é visível mas que se supõe existir; se *“há alguma coisa a ser destruída”*, o carácter violento é no entanto atribuído de modo confuso, dado que se repete que *“não vive ninguém”*, o que dá conta de um local árido, tal como o deserto, e no entanto *“antes podiam viver ali pessoas, mas como foi destruída está deserta”*. Pela repetição do carácter deserto, poderíamos em oposição supor que esta mancha é habitada sim, mas por personagens que Ana recusa admitir por serem demasiado desorganizadoras, preferindo extinguir, desertificar o seu mundo pulsional/relacional, a ter de enfrentar a excitação que o Outro poderia provocar. A força destrutiva presente, tal como é explicitado no inquérito, é a da natureza em si, pelo que as pessoas parecem ser vítimas da situação que desertifica e destrói. A força que Ana sente como exterior a si tem então esse potencial demolidor: onde antes *“isto encaixava em qualquer sítio”*, agora a sensação é de estranheza, de não encaixe, e é *“a natureza em si”* e a sua força inexorável que coloca Ana na posição frágil e desconfortável de jovem adolescente, sem capacidade de vislumbrar onde encaixa ela, sem poder para elaborar o potencial destrutivo que a descoberta do mistério do Outro e de si mesma constitui. De sublinhar a enorme atracção pelo vazio sentido na apresentação desta prancha, quer pelo modo de apreensão G bl onde no branco é projectado *“o mar”*, tema regressivo, quer pelos conteúdos e comentários angustiantes e altamente projectivos

*(“ilha deserta, (...) não vive ninguém, está mesmo deserta (...) mas como foi destruído está deserta”).* Sendo este um cartão de simbologia materna, as respostas apresentadas parecem dar conta de uma relação primária com um objecto pouco securizante, insuficientemente satisfatório, árido, pouco acolhedor e, sobretudo, não fiável.

Com a apresentação do **cartão VII** aos dezasseis anos, o sujeito demonstra a sua extrema sensibilidade face ao branco, à abertura central e ao vazio imposto. Incapaz de pensar estes factores, Ana prende-se à sua mera sinalização e enumera, em patamares crescentes de angústia, o modo como esse espaço surgiu: *“vazio dentro de algo, falta aqui qualquer coisa, parece que algo foi retirado e agora faz falta (...) falta algo para completar esta forma, parece que algo foi separado”*. De sublinhar que a primeira vez que a Ana aborda a prancha de modo mais detalhado é nesta prancha, aproximação que a obriga agora a uma apreensão no branco. Parece interessante colocar a hipótese de que a aproximação ao objecto/mancha não pode ser mais frequente dado o risco de atracção pelo branco, pelo vazio, pela falha insuportavelmente inelaborável. Sendo a perda sentida como dolorosa, a dependência face ao outro, apanágio da separação e da elaboração da posição depressiva torna-se impensável, pelo que se recusa o carácter relacional latente da prancha (devido à sua bilateralidade) e se dá o encerramento do sujeito sobre si mesmo, sobre a sua falha, vivendo-se com extrema sensibilidade o dano da unidade, o vazio que ele comporta, vivendo-se, paradoxalmente, aquilo que se procura excluir. Pensamos que a resposta a esta prancha, com a importância dada ao vazio, à falta e à separação, expressa a contiguidade entre a angústia de castração e de perda de objecto.

No **cartão VIII** surge pela primeira vez, aos treze anos, uma abordagem em D, talvez devido à introdução do tom pastel e à maior discriminação perceptiva. O prazer de olhar e de procurar sentido acentua-se por seu intermédio, sendo este o segundo cartão apontado positivamente na prova as escolhas. Depois da primeira resposta após um tempo de latência curto (*“está-me a fazer lembrar uma colina com dois... parece que estão a subir uma espécie de vale, de uma montanha”*), surgem *“dois animais que se querem encontrar”*, novamente dado em D. Nesta resposta é bem patente um movimento oscilatório entre desejo de encontro/união e recuo/distanciamento/separação através das expressões *“dois animais que se querem encontrar”* seguido de *“mas não sabem como”*, *“um à procura do outro”* e *“tem esta separação”*, *“no cimo pudessem-se encontrar”* e *“uma parte era de um e outra era de outro”*, terminando com *“por isso é que eu pensei que pudessem ser familiares ou amigos”*. Toda a resposta a este cartão parece dar conta da oscilação entre a busca do encontro e um movimento de afastamento em relação ao outro. Por outro lado, ela pode assinalar a necessidade de reunião centrípeta e uma conotação narcísica patente em expressões de duplos. Estas implicam a tentativa de neutralização das trocas pulsionais porque não são verdadeiras relações objectais complementares, mas sim sucedâneos de duplos (almas gémeas, familiares, amigos), visando, no movimento do encontro, reconduzir a um o que poderia ser dois, numa identidade que aproxime os dois protagonistas para evitar a confrontação com a diferença e, subsequentemente, o eventual conflito pulsional.

Aos dezasseis anos, depois de duas pranchas que demonstram dificuldades de elaboração (primeiro a recusa e depois a apreensão do branco com inversão figura – fundo) surge, face ao **cartão VIII**, cartão das trocas e da comunicação com o mundo externo, uma resposta com

atribuição de movimento, bem conseguida, reflectindo um movimento progrediente importante para o restabelecimento do equilíbrio interno da jovem: *“aqui parecem dois animais a subirem para um topo”*; ela demonstra um movimento ascendente (*“para atingiram uma meta, um fim, um destino”*), movimento de procura, aproximação, entrega ao objectivo desconhecido e não nomeado. No inquérito o tipo de relação entre estes dois animais torna-se clara, *“parece que estão os dois a lutar por essa meta”*, apreendida no pormenor superior fálico (*“o topo, o biquinho”*), o que pode dar conta de uma luta pelo poder.

No **cartão IX** surge a resposta *“faz-me lembrar um E.T.”*; novidade e estranheza misturam-se num *“ser de outro mundo, de outra dimensão”*, que pode ser reflexo de um mecanismo de idealização ao induzir um afastamento espacial. A segunda e última cinestesia do protocolo possui um conteúdo (H), imagem irreal: em si o seu aparecimento não é inquietante, podendo dar conta de uma vida imaginária rica de fantasia. Ana demonstra capacidade de enumerar as partes constituintes, humanizando o personagem (*“a forma da cara, a parte dos olhos, isto sobe para cima e faz lembrar fumo. A boca, o corpo e os braços”*), e reforça os limites de um continente (*“está vestido com qualquer coisa”*) o que, tal como o facto de a resposta ser em G bl (com sensibilidade às manchas intermaculares, ao vazio), deixa antever a sua fragilidade identitária. Este é o segundo cartão seleccionado negativamente na prova das escolhas, onde o seu carácter estranho se acentua (*“Por causa da forma é muito de outro mundo. Da parte onde eu imagino os olhos a deitar fumo e da boca a mesma coisa. É muito estranha”*).

Aos 16 anos, no **cartão IX**, *“parece uma cara... a ser escondida”*, sendo a apreensão no branco e o que esconde a mancha. Ao movimento altamente projectivo da resposta inicial (*“por medo”*),

acresce no inquérito a justificação dessa situação: *“a cara tapada, talvez o que as outras pessoas lhe dizem o obriguem a fazer isto, não sei”*, numa projecção de intencionalidade malévola indutora de perigo. Sublinhemos ainda que, ao colocar em relevância algo que esconde e tapa, se atribui uma segunda pele protectora/contentora/delimitadora a algo sentido como frágil, neste caso o próprio sujeito que é apreendido no branco – o que mais uma vez parece dar conta da sua atracção pelo branco, numa prancha que não o propõe facilmente.

Aos treze anos, face ao **cartão X**, a Ana prende-se aos detalhes para fazer face à angústia desintegradora. Numa resposta sucinta refere *“está-me a fazer lembrar aranhas”* e, numa imagem suscitadora de angústias algo fóbicas, repete *“muitas aranhas”* e finalmente *“é só”*, numa tentativa de aplacar a desorganização, quase como se ela se estendesse na resposta, a resvalagem para conteúdos ainda mais angustiantes fosse eminente.

A abordagem do **cartão X** aos dezasseis anos é expressa através de um movimento próximo da defesa maníaca (*“esta transmite alegria, parece que algo de bom aconteceu, uma festa”*), o que pode dar conta da sensibilidade à angústia de fragmentação (*“está tudo disperso”*) ou de perda de objecto por ser esta a última prancha e porque com o fim da aplicação a Ana vai perder o suporte dado pelo clínico. Na prova das escolhas esta prancha é seleccionada, a par da VIII, como mais agradável (*“porque demonstra alegria, festa”*) e, talvez por sentir o oposto, Ana tem necessidade de se auto-securizar, dizendo *“que está tudo bem”*. Na primeira e única vez que existe integração da cor na resposta dada, esta invade e condiciona a própria forma, sendo o conteúdo associado forçosamente abstracto, dada a incapacidade de pensar os afectos.

Ao determo-nos sobre o **psicograma do protocolo aos 13 anos**, apercebemo-nos rapidamente do seu carácter pouco harmonioso e pouco diversificado.

Os modos de apreensão utilizados são pouco numerosos, sendo o número de **G (todos eles simples) bastante acima da média**. Este facto pode indicar, na medida em que a maior parte se encontra associada a boas formas, uma qualidade perceptiva radicada na realidade e o sentimento de pertença a um grupo humano, bem como capacidades de interiorização e mentalização e a existência de um espaço psíquico cuja qualidade averiguaremos.

Este excesso de apreensão em G pode também dar conta de uma tentativa de globalização que exclua os recortes – tentativa acentuada pela inexistência de Dd – por estes simbolizarem ruptura ou fragmentação e porem em causa a frágil integridade do sujeito. A mobilização defensiva através dos G pode também dar conta de mecanismos de recalçamento, na medida em que, ao aperceber-se dos significados latentes dos cartões, o sujeito prefere apreender de modo global a mancha numa tentativa de neutralização do conteúdo. Este tipo de apreensão pode remeter para um carácter mais conformista e passivo, sendo subtraído ao processo de resposta a sua dimensão mais activa. A este respeito sublinhamos igualmente o baixo número de cinestésias (K=2; Kan=1) e a ausência de relação agressiva ou libidinal que elas espelham.

A % de **apreensão em D encontra-se muito abaixo da média**, o que pode dar conta de um desinteresse ou inibição na exploração do material e de uma dificuldade em efectuar movimentos de aproximação à mancha adaptativos, criativos e diversificados. Por outro lado, a presença de duas respostas com apreensão em **G bl** parece dar conta de atracção pela falha no continente, pelo vazio e pelo branco.

O facto de **F% se encontrar dentro dos valores normativos**, pode remeter para uma boa delimitação entre o dentro e o fora através da apreensão da mancha num envelope perceptivo, o que pode dar conta da existência de uma barreira ou membrana que diferencia e descremina sujeito/objecto, de um continente capaz de cumprir o seu papel de útero de pensamentos. No entanto, uma vez que **o F% alargado está acima da média**, parece-nos que estamos perante um sobreinvestimento neste tipo de determinantes em detrimento da cor, o que pode dar conta de uma dificuldade em flexibilizar e adaptar o determinante às características da mancha.

Sendo K um F de movimento, podemos pensar nos limites de K enquanto limites com espessura, que habilitam a ligação e nos quais há espessura para haver ligação. A existência de apenas **duas grandes cinestésias** neste protocolo que não é colmatada pela existência de pequenas (existe apenas **uma Kan**), pode dar conta de uma dificuldade do sujeito em confrontar-se com aquilo que a situação projectiva propõe, ou seja, utilizar as capacidades internas para mediar as exigências da realidade externa e as da realidade interna.

Ao atribuir movimento a uma forma, o sujeito anima-a, dá-lhe alma, a sua alma; assim, o escasso número de K pode dar conta de dificuldades da jovem adolescente em efectuar um movimento oscilatório entre percepção e projecção, em elaborar as suas experiências emocionais. Isto pode indiciar uma escassa interioridade que dificulta o processo de pensar as emoções e o próprio pensamento, o que pode ser subsidiário do carácter frágil do espaço psíquico. De facto, é a existência consolidada deste espaço que, abrindo acesso à *rêverie*, ao devaneio, à mentalização, à capacidade de compreender e se identificar ao outro (empatia), faz surgir cinestésias de qualidade num protocolo. A sua escassez pode neste caso dar conta de uma inibição ou retraimento na procura de identificação e relações objectais, na medida em que

o próprio sentimento de identidade ainda se encontra em estabelecimento com grande atenção à suas bases de cariz mais narcísico.

No que diz respeito à análise do tratamento da cor, sublinhamos que não existem respostas que integrem as cores vermelho e pastel, o que pode revelar um retraimento ou um desinteresse pelo material (pelo objecto representante da realidade externa e interna) ou o erguer de barreiras impermeabilizadoras contra as pressões pulsionais expressas pela cor. À incapacidade de modular, variar e diversificar reacções face ao vermelho e ao pastel, opõe-se a óbvia sensibilidade ao branco, preto e cinzento, o que como sabemos reflecte uma tendência mais depressiva e narcísica.

No que diz respeito à análise dos conteúdos, sublinhamos a percentagem de respostas humanas perto do limite inferior normativo, o que parece registar-se à custa de um sobreinvestimento nos conteúdos animais, que se encontram acima dos valores normativos.

Através da análise do **TRI** constatamos um valor baixo no pólo cinestésico e nulo no afectivo, o que insere este **TRI no tipo introversido puro**. Este dado vem ao encontro daquilo que anteriormente havíamos expressado sobre o carácter inibido e algo rígido deste protocolo, que denota uma luta contra a emergência dos movimentos pulsionais. Estando o F% dentro da norma e verificando-se a ausência de respostas cor, parece haver uma negação entre a representação e o afecto. A defesa consiste então numa colagem à realidade formal do estímulo, em valorizar uma realidade que se desejaria objectiva, contra a emergência dos afectos associados.

Na medida em que a **FC vai no sentido oposto ao TRI**, assistimos a um conflito interno no sujeito e através da análise da **RC** (que verifica a produtividade do sujeito nas últimas três

pranchas), verificamos que ela se encontra abaixo dos valores normativos, pelo que isto pode dar conta do erguer de uma barreira no sentido de proteger o frágil envelope psíquico da sobreexcitação causada pelas pressões internas ou externas típicas da puberdade.

Na análise do **psicograma do protocolo aos 16 anos**, salientamos o reduzido número de respostas (duas na primeira prancha, recusas nas pranchas II e VI e uma resposta nas restantes) e de tempo total, o que pode dar conta de um mecanismo defensivo que bloqueia a exploração da mancha, inibindo a implicação e provocando dificuldades associativas.

No que diz respeito às recusas, a primeira dá-se no cartão II, onde a bilateralidade e o vermelho impõem a relação, e a segunda verifica-se no cartão VI, carregado de implicações sexuais e onde, apesar da bissexualidade se encontrar latente, a dimensão fálica é apreendida com mais frequência.

O tipo de apreensão é diversificado, sendo no entanto muito predominante a apreensão em G (muito acima da média) em detrimento da apreensão em D (muito abaixo da média). Se a apreensão em G, uma vez associada maioritariamente a boas formas, pode dar conta de uma qualidade perceptiva radicada na realidade, a pertença a um grupo humano e a presença de um espaço psíquico/continente bem delimitado e diferenciado, por outro pode dar conta de uma tal fragilidade nesse continente que se impõe um esforço tremendo de globalização que implica a exclusão dos recortes por estes poderem simbolizar ruptura ou fragmentação. A par, encontramos a escassez de apreensão em D, o que em conjunto pode denotar uma atitude defensiva e passiva que se reflecte na falta de curiosidade, implicação e entrega à mancha.

As apreensões em Gbl, G bl e Dbl, que em conjunto constituem uma importante percentagem, sublinham uma enorme atracção pelo branco e pelo vazio, numa exacerbação da carência afectiva, da falha fundamental na relação mais precoce que não pode ser suportada.

O F% abaixo da média pode dar conta de uma frágil delimitação entre real e imaginário e uma emergência do processo primário que inviabiliza a secundarização. Com a existência de recusas, de FClob, de  $F_{\pm}$  e de CF, assistimos à permeabilidade ao meio não secundarizada, organizando-se a dificuldade em delimitar, circunscrever e elaborar as vivências internas.

O TRI coartativo, com valores muito baixos no pólo cinestésico e afectivo sublinha a dificuldade associativa/de elaboração e a apetência pela apreensão da realidade sem ir além da constatação, com as dificuldades adaptativas inerentes.

## 6.2. Protocolos II – André

Aos 13 anos, o impacto do desconhecido é grande. Apesar da apreensão em G, sinal da capacidade de delimitar um continente, a resposta ao **cartão I**, *“isto parece-me, sei lá, um monstro, não sei,”* resulta do impacto da cor negra e da desestruturação da mancha. Neste cartão que, como sabemos, reflecte a relação com o objecto materno primário, este é vivido como constituindo uma ameaça destrutiva e ameaçante. Sob a égide de mecanismos de identificação projectiva patológica, é posta em causa a capacidade de distanciação do material projectado (*“é um monstro mesmo”*) e surge uma figura originária angustiante e sexualmente não diferenciada. Sublinhamos a atenção dada à estranheza corporal (*“as orelhas todas defeituosas”*), representando talvez a própria sensação do sujeito em plena puberdade, e ainda a sensibilidade às lacunas intermaculares onde se vislumbram os olhos e o nariz. Olhos, nariz e orelhas, representantes de três dos cinco sentidos encontram-se descritos, como se existisse uma enorme sensibilidade à tarefa proposta e todos os estímulos tivessem de ser apreendidos da melhor e mais fidedigna forma possível.

Na segunda passagem, aos 16 anos, a primeira resposta é *“isto parece-me... um insecto esquisito. Parece meio mosca meio borboleta”*. A apreensão em G mantém-se, agora com maior capacidade de elaboração da angústia e menor impacto da cor e forma da mancha. A resposta, de boa qualidade formal, apresenta ainda assim a estranheza inerente a um animal híbrido, o que se parece apresentar como alternativa ambivalente no processo identificatório. Esta resposta (*“o corpo de uma mosca e as asas de uma borboleta”*) parece dar conta da oscilação entre dois conceitos antagónicos, o feio e o belo, o incómodo e o agradável, a centração

narcísica no eixo central/estável/pesado do corpo e a lateralidade das asas com o seu potencial transformacional/criativo/libertário.

Aos 13 anos, a abordagem do **cartão II** parece padecer da massividade e intensidade da cor vermelha; o dano é difícil de conter e dá-se a emergência pulsional cuja violência é patente e trasbordante e dá lugar a conteúdos desorganizados e crus: *“costelas; mais nada”*. Visto em D, a angústia expressa no conteúdo é óbvia. O impacto é enorme e a sensação de estranheza e inadequação que relevam da sensação de perturbação narcísica e de deformação corporal expressam-se no comentário *“um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio”*, pulmões incapazes de assegurar a sua função vital, a respiração e, secundariamente, a sobrevivência. Se o monstro do cartão anterior tinha um aspecto exterior defeituoso, aqui, até os defeitos internos, porque sem pele/continente que os escondam, se tornam evidentes ao primeiro olhar. O corpo, à imagem da psique, aparece danificado, dada a incapacidade de conter e elaborar a força dos movimentos pulsionais.

Aos 16 anos, o conteúdo permanece igual, agora sob a forma de conjunto (*“isto parece-me uma caixa torácica. Parecem-me costelas”*), o que, apesar de sinalizar uma certa diminuição da angústia de fragmentação, não deixa de continuar a indicar uma má forma, reflexo de angústias de natureza hipocondríaca. Ao contrário da primeira passagem, na segunda André dá uma segunda resposta: *“o vermelho parecem órgãos por baixo daquilo. Mais nada”*. O impacto da cor é muito intenso, tão intenso que o adolescente não é capaz de nomear o órgão que vê representado (*“dá a entender que parece um órgão, não sei bem qual, mas parece”*), órgão que para alguns autores simboliza o órgão sexual feminino. Mantém-se no entanto a ausência de

diferenciação entre dentro e fora, o que pode dar conta da falha do continente psíquico, continente que permitiria ao pensamento constituir-se enquanto tal e manifestar-se no seu espaço.

Em ambas as idades notamos que subsiste, do primeiro para o segundo cartão, um movimento regrediente expresso quer pela passagem de respostas de boa qualidade para respostas de má qualidade formal, quer pela mudança no tipo de apreensão, primeiro em G e depois em D, mais próxima da posição esquizo-paranóide.

No **cartão III**, aos treze anos, André dá uma resposta em G, de má qualidade formal “*a cara de um sapo*”, onde se salienta mais uma vez a estranheza dos seus elementos constituintes e se sublinha o carácter defeituoso, estranho e repugnante do animal anfíbio, cujo habitat usual, o charco, se caracteriza pela estagnação das suas águas, o que remete para a imobilidade. No entanto, parece-nos interessante recorrer ao imaginário das histórias infantis e lembrar que a personagem do sapo aí aparece como ser que, ao ser resgatado da sua condição animalesca por uma princesa (por intermédio de um beijo), se entrega a um processo transformacional que culminará no aparecimento de um príncipe. Em pleno processo pubertário, esta imagem contém em si todo o simbolismo do potencial de crescimento e mutação de um jovem pré-adolescente que, apesar de não se sentir bem com o seu corpo actual, anseia que, através das trocas afectivas e das relações objectais futuras, a sua identidade possa ser assumida plenamente num processo de “metamorfose” bem conseguido. Sublinhamos então o potencial transformador deste animal, de feio a belo, de anfíbio a humano, de por encontrar a descoberto. É ainda de salientar que o eixo objectal, favorecido pelas características da mancha e pela bilateralidade (o

que induz a solicitação frequente da projecção de conteúdos humanos) não é respeitada, não sendo a banalidade dada espontaneamente, surgindo apenas no inquérito dos limites, com *“podem ser duas pessoas a tocar tambor”*.

Aos dezasseis anos, a resposta a este cartão já é bem conseguida (*“isto parecem duas pessoas. Só me faz lembrar isso”*). Ressalvamos o anonimato dos personagens (sem identificação sexual atribuída) e a indeterminação da acção projectada, o que garante a neutralidade da resposta. No inquérito são descritas diversas partes do corpo, o que parece indicar a preocupação pela existência de todas as partes constituintes (*“isto parecem as pernas, o corpo e a cabeça”*), sendo que apenas os braços são excluídos, os membros que melhor poderiam simbolizar a relação próxima, o toque, a intimidade corporal e, simbolicamente, a intimidade psicológica.

Esta resposta demonstra, ainda assim, um movimento progrediente interessante. De facto, aquilo que antes apenas indicávamos como possibilidade, como potencial - o sapo -, torna-se realidade, torna-se, por intermédio de uma metamorfose, uma pessoa, deixando transparecer o movimento de crescimento e desenvolvimento de sucesso alcançado pelo jovem ao longo do processo transformacional adolescente.

Aos treze anos, a resposta à **prancha IV** é *“dois pinguins de costas um para o outro”*. Para além de estes serem dois animais que evocam um ambiente polar gélido, inóspito e pouco fértil, é sublinhado que estão de costas um para o outro, o que acentua a não relação, a negação de um olhar recíproco, a incapacidade de entrega. A apreensão do bico no branco dá conta de uma atracção pelo vazio e, com o desenvolvimento da resposta, este bico *“não parece assim tanto, parece de abutre”*. O abutre, animal necrófago, induz um carácter oral-agressivo na resposta e

veicula o ataque surpresa, oportunista, traiçoeiro, o que se relaciona com angústias primitivas paranóides. O carácter compacto da mancha poderia favorecer a apreensão global mas a resposta é dada em D, ignorando assim o eixo central onde se localiza a dupla representação masculino/feminino; no entanto, sendo esta uma imagem potente, parece ser a sua dimensão fálica que se procura evitar por intermédio da apreensão em detalhe, procurando, ao parcializar a mancha, reduzir a angústia latente.

Aos dezasseis anos existe uma evolução interessante da resposta. De facto, agora são *“dois pinguins encostados a uma parede, de costas um para o outro”*, isto é, acresce à resposta dada anos antes *“encostados a uma parede”*, o que dá conta, com *“encostados,”* de uma dificuldade em experimentar a separação, como se ela representasse uma ferida impossível de pensar, uma verdadeira rasgadura mental. A parede, que se ergue entre os dois personagens, simultaneamente apoia, suporta, une e separa, ergue-se qual eixo central organizador, qual coluna vertebral que articula toda a imagem vista em G. A parede, elemento construído e não natural, possui uma força inerente inquestionável.

Em resposta ao **cartão V**, André diz, aos treze anos, *“dois crocodilos”*, répteis agressivos, apreendidos em D. Na resposta adicional sublinha-se o carácter oral da problemática, *“a boca tem o formato dos crocodilos”* e acrescenta-se que *“estão mergulhados dentro de água”*, o que parece dar conta de uma postura de ataque iminente, de algo que está escondido dentro de água para a qualquer momento emergir e atacar a vítima desprevenida. Sendo este o cartão da integridade narcísica, da exibição ao olhar do outro, sublinhamos a incapacidade de apreender

uma imagem na totalidade da mancha, o que pode dar conta de uma dificuldade do pré-adolescente em se constituir como ser único, inteiro, coeso, com uma identidade sólida.

Aos dezasseis anos, dá-se a apreensão da banalidade (*“isto parece-me uma borboleta”*), pelo que existe um movimento evolutivo da primeira para a segunda passagem que a capacidade de apreensão global traduz. Em relação à primeira resposta deste protocolo (*“insecto esquisito, meio mosca, meio borboleta”*) nota-se também uma evolução, na medida em que a borboleta ganha agora identidade sólida e diferenciação total. Com a resposta seguinte, *“aqui, no final das asas, parece-me a cabeça de um jacaré”*, reduz-se o grau de tensão ameaçadora em relação à primeira passagem, uma vez que o animal já não se encontra dentro de água e a sua visibilidade o torna menos imprevisível e, logo, menos assustador. Revela-se nestas respostas a capacidade de oscilação entre a apreensão global e a apreensão parcial, entre D e Ps, entre um corpo animal inteiro visto na totalidade da mancha e uma parte de um corpo animal visto numa parte da mancha. Em segundo lugar, fica também patente a oscilação e conseqüente tentativa de integração de conceitos clivados antagónicos, entre pequeno e grande, belo e feio, ar e terra.

Aos treze anos, o carácter compacto da mancha do **cartão VI** dá origem à verbalização de uma má forma vista em G (*“este aqui parecem dois ursos”*), dois animais fortes e viris que estão *“de boca aberta,”* o que tanto pode dar conta de uma angústia primitiva, de agressão oral (de boca aberta para atacar, comer) ou de algo mais próximo do espanto, da surpresa, a boca aberta de estupefacção face ao novo/inesperado. Na resposta adicional André diz *“mas também um tapete de urso”*, parecendo que existe uma necessidade de encontrar uma imagem mais tranquilizadora

(*“um tapete”*) de algo tão potente como um urso. Por intermédio desta resposta existe uma neutralização e passivização da primeira imagem assustadora e potente.

Aos dezasseis anos, a imagem despoleta uma angústia diferente, expressa desta vez pela tendência de recusa que se vislumbra no aumento do tempo de latência e na expressão *“não faço a mínima ideia”*. A denegação contida nesta expressão remete-nos para o simbolismo sexual da prancha e para a força do recalçamento que parece operar sobre as representações inconscientes. A tendência recusa é assim um mecanismo que tem como objectivo lutar contra a implicação projectiva sentida como perigosa. No entanto, André não desiste, não foge, reorganiza-se e diz *“parece aqueles tapetes feitos com um animal, um tigre, o nariz, os bigodes”*; surge assim novamente um tapete, que como sabemos possui características de segunda pele, o que reflecte a necessidade de contenção, de reforço de uma pele psíquica sentida como frágil, incapaz de conter a excitação provocada pelo desconhecido. A potência deste cartão é uma potência tornada passiva, submissa.

A título de curiosidade gostaríamos de salientar que ao longo dos três últimos cartões assistimos a duas dinâmicas distintas consoante a idade do jovem. De facto, se aos treze anos, havia três referências centradas na oralidade (bico e por duas vezes boca), aos dezasseis anos essas referências desaparecem, as imagens ganham nova integridade e renovada importância enquanto seres globais, pluri-determinados.

No **cartão VII**, aos treze anos, André dá uma resposta apreendendo a mancha na totalidade, (*“duas caras, uma a olhar para a outra”*), o que parece dar conta da capacidade de admirar e ser admirado. No entanto, esta interacção não se passa a não ser pelo olhar, negando por seu

intermédio o movimento pulsional latente na bilateralidade. A relação transforma-se, pela ausência de grandes cinestésias (que necessariamente reduz a possibilidade de relações libidinais e agressivas) num processo próximo do desdobramento, mecanismo quase especular que visa o controlo dos afectos na relação objectal. Ainda parece importante sublinhar, tal como de resto André o faz, que *“parecem caras de duas senhoras, isto é o pescoço e a saia”*, isto é, a admiração é entre duas pessoas do mesmo género, aquele diferente do seu e, sobretudo, o maior símbolo da sexualidade e do processo transformacional adolescente, o corpo, não se encontra lá, constituindo-se assim os personagens enquanto seres que dificilmente complementaríamos sexualmente o jovem adolescente uma vez que são *“senhoras”*, intuitivamente mais velhas (o que as liga mais a uma imagem materna, o que de resto é a simbologia latente do cartão) e não possuem corpo, apenas cara, pescoço e saia, peça de vestuário que tapa, que cobre a sexualidade corporal. Este movimento é feito à custa da qualidade formal da imagem, que se torna estranha e bizarra.

Aos dezasseis anos, e tal como no cartão anterior, o aumento do tempo de latência (o maior de toda a prova) e uma expressão equivalente à anteriormente verbalizada (*“não me faz lembrar nada”*), parecem demonstrar uma maior entrega à vivência subjectiva, uma labilidade das reacções emocionais, acentuando-se a ressonância do desconhecido da realidade interna em relação com a realidade externa (representação). Finalmente surge a resposta *“ah!... isto parece uma cara de uma rapariga de lado, com os cabelos”*. Sublinhamos que surge novamente a cara de alguém do género feminino, mas se aos treze anos eram duas caras de senhora que se olhavam, agora o olhar de admiração é a do próprio adolescente sobre o objecto, ele já participa na relação e vê alguém do sexo feminino mais próximo da sua idade, uma rapariga, o que

parece aproximar de si o próprio objecto. Ainda assim, a rapariga encontra-se de lado, é olhada mas não olha directamente os olhos do sujeito e, por se encontrar de perfil, diminui-se o impacto do sexo oposto sobre o sujeito. Face a esta maior carga afectiva do olhar, a segunda resposta a este cartão (*“isto uma máscara de perfil”*), parece enquadrar-se na tentativa de esconder o olhar anteriormente lançado, de camuflar a intenção de proximidade e admiração, de se resguardar e distanciar-se. De facto, a máscara permite o olhar sem compromisso, permite a permanência do interesse sem a exposição do desejo. Por outro lado, a máscara faz apelo à superfície, esconde e simultaneamente denuncia a existência de um sujeito mascarado interior, resguarda mas convida ao questionamento da identidade, da verdadeira essência do sujeito. A isto acresce o facto de a máscara estar de perfil, isto é, apenas mostrar uma face enquanto esconde outra que se deve adivinhar; parece então existir aqui o contraste luz-escuridão, visível-ensombrado, o que dá conta, no próprio interior da resposta, da dialéctica conhecido/desconhecido e condensa-se a problemática do olhar quando, nas manchas brancas, são vistos uns olhos.

Aos treze anos existe uma reactividade ao aparecimento da cor pastel no **cartão VIII**, espelho das relações mais precoces e do investimento com o meio, que se traduz no surgimento, pela primeira vez, de duas respostas, as duas vistas em grandes detalhes. Primeiro *“dois hipopótamos”*, animais potentes apesar de viverem num meio regressivo e sujo (água e lama). É salientada uma característica pouco favorável (*“este aspecto gordo”*) e existe uma tentativa de aproximação da realidade (*“a cara parecida com o formato dos hipopótamos”*), que no entanto resvala numa má forma, porque mal conseguida.

A segunda resposta, “*com duas lagartixas em cima deles*”, também uma má forma, aparece com uma justificação parcialmente arbitrária, “*por serem grandes*” e também por “*estarem a trepar*”. Parece interessante sublinhar a inversão quase anti-natural operada, sendo o animal mais frágil e menos evoluído, a *lagartixa*, que é, por um lado, adjectivado como grande e, por outro, que se encontra numa posição de superioridade, “*em cima*” do animal mais poderoso, o *hipopótamo*. Aos dezasseis anos surge um movimento evolutivo expresso na boa qualidade da resposta e na apreensão da banalidade (“*estes dois parecem-me animais*”), ainda que não lhes seja atribuído nome (“*não sei bem quais*”). André acrescenta “*o do meio não me faz lembrar nada de especial*”, existindo aqui uma sinalização da presença de um elemento ao qual, talvez devido à influência de mecanismos defensivos de recalcamento, não é viável atribuir um nome, sendo aliás dito “*isto não identifiquei com nada*”. O objecto-mancha surge assim como algo que parece provocar atracção e estranheza, o abalo do desconhecido.

Aos treze anos, a resposta ao **cartão IX** sinaliza uma tentativa mal conseguida de organizar uma mancha que coloca a questão da comunicação regressiva do mundo interno/externo, cujas cores se sobrepõem e cujos limites se encontram comprometidos, sendo a hesitação inicial disso sinal: “*uhm... uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina*”. Se a descrição da cara (pálida, verde) parece dar conta da fragilidade narcísica do sujeito por serem apresentadas características que sugerem uma face adoentada, pouco vistosa, pouco sedutora, a atribuição de um adereço (“*uma boina ou um chapéu levantado para cima*”) parece dar conta de uma tentativa de valorização narcísica, de uma preocupação pela aparência que com esforço se tenta valorizar através de um mecanismo de idealização positiva. Depois da saída do cartão

VII, mais uma vez encontramos adereços que escondem, que camuflam, que protegem o indivíduo oferecendo-lhe uma segunda pele. Finalmente *“isto pode ser um corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo”*; surge novamente a atribuição de género diferente do seu e um afastamento temporal com a velha (novamente) vestida de antigo.

Aos dezasseis anos, depois de um tempo de latência longo (16”), André diz: *“isto faz-me lembrar dois elefantes, com a tromba para o ar, em cima de uma pedra ou de uma coisa assim”*. Ainda que constituindo uma derrapagem formal, a imagem inspira a superioridade do elefante, num movimento de valorização narcísica, na emergência de modalidades de identificação fálica que testemunham a heterogeneidade do funcionamento psíquico. No entanto, essa imagem de potência fálica parece ser posta em causa na segunda parte da resposta quando é explicitado que os elefantes estão em cima de algo parecido a uma pedra, o que denuncia o desequilíbrio inerente à força quando não existe uma base que a sustenha, quando a superioridade maníaca denuncia a fragilidade depressiva. No inquérito a pedra é gradualmente transformada em algo mais seguro, primeiro num penedo, maior mas ainda instável e, finalmente, numa rocha, algo que inspira mais segurança. É interessante notar que, ao longo da resposta, parece ir sendo restituído o equilíbrio da imagem, aproximando-se da exequibilidade, isto é, da verdade.

De sublinhar ainda que, em oposição à imagem dos elefantes com a tromba para cima (imagem de força com ressonância paterna), a rocha, referência do reino mineral, parece constituir-se como elemento materno firme e sustentador (ainda que impermeável a solicitações afectivas), o que parece indicar a circulação, dentro da própria representação, de elementos identitários maternos e paternos, da diligência no sentido da constituição de uma relação continente-conteúdo.

Aos treze anos, face ao **cartão X**, André diz “*duas aranhas a fazerem uma teia*”. A resposta em D, kan, indutora de movimento e por isso projectiva por excelência, expressa um animal que desperta angústias fóbicas. No entanto, parece-nos que esta imagem suscita, mais do que angústias fóbicas, angústias claustro-fóbicas, uma vez que a teia rodeia, apanha, prende, aprisiona, imobiliza. Nesta imagem a noção de enclausuramento prolonga-se no tempo, decorrendo à medida que a imagem/símbolo vai surgindo. “*As duas aranhas a fazerem uma teia*” estão “*em cima do cabelo de um homem de bigode verde*”, o que suscita a imagem de uma identidade em deterioração, desleixada. Parece interessante sublinhar que esta é a única imagem humana do género masculino em todo o protocolo, pelo que a identificação ao jovem adolescente parece poder realizar-se mais directamente, ainda que se condense aqui a imagem de um homem, tão velho que até teias de aranha tem nos cabelos. Da salientar que esta imagem aparece no branco e sem ser especialmente favorecida, o que acentua a atracção do jovem pelo vazio, pela falha.

Aos dezasseis anos é também a partir do branco que surge a primeira resposta, e novamente com referência ao corpo (“*esta parte aqui do meio faz-me lembrar qualquer coisa que parece o corpo humano*”), caindo desta vez numa má forma. Através desta resposta notamos a indiferenciação figura fundo, uma vez que o branco surge como localização ao mesmo título das manchas coloridas; existe assim um nivelamento do estímulo, cujo contorno e fronteira não é percebido, neutralizando-se as diferenças do espaço do cartão. O conteúdo anatómico corporal parece surgir como recurso à realidade tangível que objectiviza a produção do pensamento, oferecendo-lhe um suporte real que preenche a ausência de representação/simbolização mental.

De seguida André diz: *“este aqui parece um animal assim esquisito, parece uma lagosta ou uma coisa assim. Mais nada.”* Sublinhamos que a lagosta é um animal aquático, com carapaça, o que parece vir de algum modo compensar a primeira imagem, *“o corpo humano”* sem pele, uma resposta anatómica. De facto, com a carapaça existe uma maior sensação de protecção adquirida por intermédio dessa segunda pele rígida, que deixa o animal encarcerado em si mesmo, sem se mostrar, e pouco susceptível de ser afectado, tocado pelo outro. Como resposta adicional o jovem dá a mesma resposta que na primeira passagem: *“isto aqui rosa parece uns cabelos, o amarelo uns olhos e o verde uns bigodes”*, com a diferença que o personagem aparece apresentado mais formalmente: já não é um homem, mas um *“senhor com bigodes”*, o que acentua a distância face ao objecto.

Através da análise do **psicograma** do André aos treze anos, sublinhamos o baixo número de respostas (apenas 12) e o reforço das defesas através do aumento da percentagem de apreensão em G (42% quando os valores médios são entre 20 e 30%). Através deste dado podemos inferir uma preocupação pelo domínio e, paralelamente, pela diminuição inerente de respostas cujo modo de apreensão é D (58% quando os valores normativos são entre 60 e 80%), uma dificuldade em se entregar à exploração da mancha, num movimento que accione a implicação pessoal próxima, a curiosidade.

As defesas rígidas estão também presentes pela percentagem de determinantes formais acima da média (75% quando os valores normativos se encontram entre os 50 e os 70%), o que pode dar conta de uma preocupação intensa por parte do sujeito em colar-se à realidade objectiva do estímulo. Esta defesa consiste em valorizar uma realidade que se desejaria objectiva, contra a

emergência de afectos associados. No entanto, das respostas com determinante formal, sete das nove são de má qualidade, o que parece dar conta da falha da defesa e do retorno do conteúdo latente que se pretendia recalcado. Assim, a % de F+ encontra-se muitíssimo abaixo da média e não é compensada pelo F+% alargado, também ele muitíssimo abaixo dos valores normativos. O controlo não se mantém, sendo a pressão pulsional fantasmática ou afectiva demasiado forte para ser contida. Deste modo, damos-nos conta de uma derrapagem da adaptação perceptiva e de um desinvestimento na realidade objectiva e no meio e, portanto, nas relações objectais. De salientar que todas estas más formas se encontram associadas a conteúdos animais, animais parciais ou anatómicos, o que parece indicar, por deslocamento no corpo ou em animais, preocupações corporais identitárias.

O formalismo excessivo provoca o isolamento entre afecto e representação e a total ausência de respostas cor parece indicar, mais uma vez, um retraimento ou desinteresse pelo mundo exterior.

Através da análise do TRI (coartado puro) e da fórmula complementar (nula no pólo E), apercebemo-nos do freio colocado na expressão fantasmática e afectiva, e da apreensão da realidade pela constatação. A ausência de K sugere a impossibilidade de se situar na área transitiva que autorizaria o jogo potencial entre real e imaginário, a falha dos processos de interiorização e o dano da imagem de si unificada.

Também neste sentido compreendemos, através da análise do H% (acima da média mas constituído apenas por Hd), como o sujeito apenas consegue relacionar-se com partes do outro, o que parece dar conta de uma relação diminuída à partida, algo fóbica, onde o Outro e a relação plena com ele são demasiado assustadores.

É ainda de realçar, em primeiro lugar, o índice de angústia bastante acima da média e que possui qualidades muito peculiares. De facto, os conteúdos a ele associados são exclusivamente caras, isto é, humanos a quem foi subtraído o corpo que transportaria os fantasmas sexuais mais inquietantes. Em segundo lugar, destacamos a ausência de banalidades, o que parece dar conta de um pensamento não socializado, sem preocupação pela realidade habitualmente aceite.

Em relação ao **psicograma** correspondente ao protocolo do André aos dezasseis anos, notamos uma preocupação ainda maior pela apreensão em G (aumento da percentagem de 42 para 50%) e a correspondente diminuição da apreensão em D (de 58 para 50%). Ainda assim, é de sublinhar que a apreensão em D, apesar de ainda mais notoriamente abaixo dos valores normativos, ganha agora uma qualidade que não tinha aos treze anos. Com a resposta de apreensão em detalhe maioritariamente associada a boas formas, podemos dar conta de um ego suficientemente mais forte para se submeter à prova da realidade sem perder o controlo das percepções. Deste modo, diríamos que as tentativas de aproximação da mancha são menos frequentes mas que quando se dão são bem conseguidas, sem a invasão de conteúdos demasiadamente projectivos que colocariam em causa a estrutura do pensamento.

Em relação aos determinantes, eles são mais variados, equacionando diferentes abordagens e modos de relação com a mancha. A percentagem de F encontra-se no limite superior dos valores normativos e F+% sobe muitíssimo, ainda que se mantenha ligeiramente abaixo da média. No entanto, e ao contrário do que se passava aos treze anos, este valor é compensado pelo valor normativo do F+% alargado, o que traduz uma importante recuperação ao nível do processo transformacional adolescente.

O aparecimento de pelo menos uma grande cinestesia marca igualmente uma evolução, apesar de ser uma cinestesia pouco dinâmica, sem projecção de acção e sem atribuição de género. Surge também uma resposta com a cor como principal determinante (CF) e outra onde se demonstra sensibilidade ao esbatimento (FE), o que enriquece o leque do tipo de determinantes e demonstra a complexificação e permeabilidade do pensamento. Assim, a análise do TRI revela que ele se encontra no tipo coartativo, isto é, o sujeito mantém uma certa inibição dada a vulnerabilidade que sente e que associamos ao processo adolescente em curso.

É ainda de salientar que o H% se encontra agora dentro dos valores normativos, sobretudo à custa de uma diminuição das respostas humanas parciais e, por seu intermédio, o índice de angústia também diminui, apesar de se manter acima dos valores normativos à custa de conteúdos anatomia. As banalidades aparecem, o que dá conta do conteúdo mais socializado do pensamento, mais próximo da realidade objectiva.

## 7. Discussão

### 7.1. Protocolos I – Ana

Ana, aos treze anos, face à verdadeira mudança catastrófica imposta pela perda súbita de referências despoletadas pela apresentação do **primeiro cartão**, parece conseguir entregar-se, aproximar-se, deslumbrar-se com o objecto estético que a convida à busca do seu interior, por intermédio do pensamento. Sendo este o primeiro cartão, é a reacção face a ele que melhor parece condensar a postura do sujeito em relação ao novo, ao desconhecido e a decorrente capacidade de tolerância à frustração. Ana reorganiza-se, pensa a nova emoção e dá três respostas. As duas primeiras (borboleta e morcego) parecem indiciar a presença de vínculos K, próprios da posição depressiva e da introjecção do objecto como um todo, na medida em que são estes os vínculos presentes quando se dá o processo de conhecimento do outro num sentido emocional, isto é, quando a emoção é trabalhada pela função alfa. Aqui apercebemo-nos claramente como a apresentação do primeiro cartão se aproxima do paradigma do primeiro conflito estético onde, face ao grande interesse e complexidade sensorial, o aparelho para pensar os pensamentos se desenvolve à medida da exposição ao objecto desejado e enigmático, subsidiariamente à capacidade negativa, isto é, à capacidade de procurar e manter a relação com o interior do objecto desconhecido. A uma resposta sucede-se outra, sinal de que a concepção é usada numa nova experiência emocional, no nível pré-conceptual, viabilizando o crescimento porque apto à continuidade potencial da transformação.

A terceira resposta (*“um vampiro... um morcego. Não me vem mais nada à cabeça”*) e depois no inquérito *“um bicho com asas é a melhor coisa que sei dizer”*) parece pressupor que o conteúdo,

negro, desestruturado, começa a adquirir um significado emocional demasiado forte para ser elaborado; os mecanismos de identificação projectiva e de clivagem provocam, por insuficiente capacidade elaborativa do continente, a expulsão dos maus objectos persecutórios (um vampiro) e o corte da associação elaborativa e do pensamento (*“não me vem mais nada à cabeça”* e *“é a melhor coisa que eu sei dizer”*). Sublinhamos que a abordagem deste cartão parece condensar o movimento esperado face à beleza de um novo objecto, na medida em que se na primeira parte da resposta o impacto parece dar conta de mecanismos próximos da posição depressiva, na segunda parte da resposta parece-se dar conta de uma abordagem da realidade na posição esquizo-paranóide, constituindo-se a resposta “vampiro” como defesa paranóide contra a posição depressiva inicial. Este movimento da posição depressiva para a posição esquizo-paranóide (onde o ódio projectado torna o objecto potencial perseguidor) pode indiciar uma tentativa de oscilação entre Ps↔D, entre sensibilidades estéticas progressivas que fomentam a formação simbólica e forças anti-estéticas regressivas, oscilação essa absolutamente essencial ao pensamento e seu desenvolvimento no sentido de uma maior abstracção.

Tal como aconteceu aos treze anos, aos dezasseis a entrada no cartão é realizada através de uma boa forma, onde se procuram integrar conceitos antagónicos que aproximam a adolescente da posição depressiva e que fortalecem o estabelecimento de vínculos K (*“parece uma borboleta, a forma como ela está, pequenina aqui e depois as asas”*). Face à dor provocada pela exposição ao objecto estranho e enigmático, Ana procura tornar o insuportável suportável, por intermédio do pensamento. O continente encontra-se disponível para pensar pensamentos, para os formular e articular, desintoxicando os elementos beta, as impressões sensoriais brutas, através do labor da função alfa. A resposta seguinte (*“ou um morcego. Não sei, é uma imagem*

*esquisita (...) por causa da cor negra, ele é um bicho que vive no escuro”*), dada a sensibilidade à estranheza e à cor negra, parece indicar a dificuldade em elaborar o conteúdo sem se deixar transformar por ele, o que provoca um dano no continente apenas compatível com a existência de vínculos –K. O processo resposta Rorschach neste cartão remete para a existência em paralelo da parte não psicótica da personalidade – patente na primeira parte da resposta – e da parte psicótica da personalidade – patente na segunda, uma vez que aqui o propósito é destruir, não só a realidade, mas a percepção dela, o que parece estar presente pela sensibilidade à cor negra e a referência ao escuro, assinalando a dificuldade em olhar claramente.

Em relação ao **cartão II**, a recusa aos treze e aos dezasseis anos parece indicar a incapacidade de investigar a cesura imposta pelo aparecimento do vermelho, pelo branco central e pela bilateralidade relacional, surgindo a imobilidade, o medo do novo e do desconhecido. É a estrutura do cartão (conteúdo) que parece provocar o dano no continente que se transforma em *claustrum*, paralisante e imutável, onde o símbolo (que serviria para criar as condições da cognoscibilidade) é substituído por uma equação simbólica provocando, dado o impacto emocional, a total incapacidade de verbalizar a angústia emergente. O vínculo presente é assim – K, anti-estético e anti-simbólico, o que gera a abolição de distâncias por intermédio da identificação projectiva patológica e, conseqüentemente, o medo e a sideração decorrentes da intrusão no objecto estético. No entanto, parece necessário proceder à análise do movimento que distingue, ainda que de modo aparentemente ténue, a abordagem do cartão na primeira e na segunda passagem da prova. Assim, aos treze anos, a angústia suscita uma defesa próxima do registo maníaco (risos alternado com um ar sério) e inquietude motora (a grande manipulação

da prancha reflecte a não secundarização da emoção pelo pensamento, surgindo a equação emoção → acção e não emoção → pensamento → acção), o que deixa antever a alteração que o próprio conteúdo induz no continente. As acções patentes constituem-se como artefactos da relação, impedindo que a linguagem se constitua como continente para um conteúdo.

Se a formação do símbolo reflecte o estado do desenvolvimento do ego, face à total incapacidade de elaborar uma resposta (*“não me vem nada à ideia”*), podemos supor que é a prevalência da posição esquizo-paranóide que induz o sentimento de catástrofe interna, a desintegração e o empobrecimento. O continente parece não conseguir conter e elaborar os conteúdos projectados, sendo estes devolvidos sem qualquer tipo de desintoxicação, o que aumenta o grau de angústia e provoca a psicotização da experiência, isto é, a impossibilidade de simbolização dado o carácter concreto dos conteúdos.

Já aos dezasseis anos, parece surgir uma maior tentativa de elaboração simbólica, apesar de mal conseguida. Surge um pseudo-facto, que não permite a evolução dos verdadeiros factos, o *insight* e o conhecimento. Dá-se a verbalização, ainda que carregada de angústia, do incómodo causado pelas cores (*“isto vai de mal a pior...são tão esquisitas as imagens... agora de realce não me lembro de nada... as cores são tão esquisitas”*) e aparece um outro tipo de vínculo associado ao do conhecimento, o vínculo -H (*“o contraste entre o preto e o negro, tem um contraste de morte e de medo (...)”*), que se constitui como meio de resistência ao saber: o sujeito odeia para não saber de si.

Este afecto apenas surge verbalizado aos dezasseis anos e deixa transparecer o teor agressivo não elaborado da mancha, que induz a causalidade circular  $Ps \leftrightarrow Ps$  (sem potencial de expansão porque vivido em causalidade circular, num pensamento pensado em anti-

pensamento), numa catástrofe a que se segue outra, ao invés de uma sequência de mudanças catastróficas necessárias ao crescimento profícuo em espiral ascendente. Este estado parece ser influenciado pelo surgimento de uma tela beta ao invés de uma barreira de contacto funcional, uma tela que impede a discriminação consciente/inconsciente, mundo interno/externo, fantasia/realidade, concreto/abstracto e induz, sob égide a da posição esquizo-paranoide, protopensamentos dilacerados e, conseqüentemente, estados mentais confusionais.

No **cartão III**, aos treze anos, assistimos a uma verdadeira oscilação entre  $Ps \leftrightarrow D$ , entre  $-K \leftrightarrow K$ . Se a cinestesia *“duas pessoas, ou um animal a fazer qualquer coisa”* indica a capacidade de pensamento elaborado e simbolização (presentes na posição depressiva e expressas em K), com *“parece mesmo qualquer coisa que pertence às duas pessoas”* e *“as mãos. Estão a olhar muito fixamente um para o outro”* parece indicar-se a presença de  $-K$ , por ser este vínculo que dá conta de uma tentativa de controlo, de imobilidade, de sideração face ao objecto estético, da procura não de conhecimento e de pensar o seu interior, mas da sua posse. No entanto, depois do predomínio da posição esquizo-paranoide, dá-se nova oscilação no sentido da posição depressiva com *“não sabem mas estão a tentar descobrir”*, o que pode dar conta da presença de vínculos positivos, progressivos, ou mesmo do processo de *tornar-se O*, apenas possível na indagação  $K \rightarrow O$ . De facto, se o processo que verificámos numa primeira fase se pode esquematizar em pré-concepção – realização – encontro – conhecimento, na segunda fase poderia ser descrito como pré-concepção – desconhecimento – pensamento, o que sublinha a importância da frustração e da capacidade negativa para o processo de pensamento. Recordemos que os vínculos K são andaimes de aproximação a O e emergem no acesso à

posição depressiva e que apenas se é *tornado O* na entrada para a posição transcendente. A mancha surge então como lugar estranho, onde se indaga e pensa o pensamento, lugar inquietante e simultaneamente atraente e desejável, onde a dor da incognoscibilidade exige o labor da transformação.

Esta resposta parece evocar uma sensação de familiaridade íntima e de encaixe relacional, reproduzir uma memória existencial dos afectos primordiais do Ser e viabilizar a internalização não do objecto em si, mas do paradigma subjectivo de transformação relacional.

Aos dezasseis anos, a resposta *“aqui parecem duas pessoas a lutarem por qualquer coisa, frente a frente, algo está a separá-las. É muito esquisito. Parece que estão a ver quem é que vai ficar”*, parece indicar que a constituição do espaço psíquico se organiza através do símbolo que se articula na linguagem. Através da análise do movimento dos treze para os dezasseis anos vemos que se altera o tipo de afecto e conseqüentemente o tipo de vínculo associado a K. Se aos treze anos o vínculo poderia ser descrito como  $KL \rightarrow O$ , aos dezasseis o tonalidade é outra, subtraindo-se o pólo da indagação e operacionalizando-se a oscilação entre a negatividade e a capacidade de explorar o negativo sob influência de vínculos ódio  $-KH \leftrightarrow +KH$ . Esta última resposta parece dar muito bem conta da oscilação necessária ao processo de pensar, entre um estado informe onde imagens e ideias estão dispersas e caóticas (Ps) e um novo estado de coerência, síntese e integração (Pd), com a dor mental inevitável à mudança catastrófica.

No **cartão IV**, a primeira resposta *“uma pessoa muito alta”*, pode dar conta da capacidade de aproximação ao objecto estético, do interesse e curiosidade que são elaborados e simbolizados através do estabelecimento de vínculos K. No entanto, nas duas respostas seguintes (*“um*

*animal deitado*”; “a minha mãe tem um cobertor que é de um leão” e “uma pele de animal estendida no meio da sala”) encontramos referências a superfícies que cobrem, o que reenvia para envelopes corporais que traduzem a necessidade de discriminação e de limites, à qual está subjacente a existência de lacunas e buracos indiciadores de falhas narcísicas. Estas implicam a presença de vínculos –K, dada a inerência da identificação projectiva narcísica que visa negar a dependência e a diferença. Em termos de conflito estético, isto corresponderia ao apego à superfície atractiva, a um interesse sem profundidade, pornográfico, sem capacidade de ir em busca do interior do objecto por insuficiente capacidade de tolerar a frustração provocada pelo seu carácter enigmático e estranho. Sublinhamos que este tipo de defesa se pode mostrar importante no processo adolescente (no qual as bases narcísicas são muitas vezes postas em causa), se se constituir como preparação/viabilização da verdadeira capacidade de entrega ao desconhecido que constitui o novo objecto estético.

Em relação à resposta dada aos dezasseis anos (“*aqui parece ser algo muito grande, ou com muito poder, o mostrar a sua grandeza, mas ao mesmo tempo transmite um bocado de medo. Não sei*”), ela parece dar conta da onnipresença do objecto-Outro no aparelho para pensar, o que assassina o pensamento. Podemos dizer que esta resposta veicula um movimento de algum modo regressivo em relação às respostas dadas aos treze anos, uma vez que ao invés da oscilação  $Ps \leftrightarrow Pd$ , ela configura uma causalidade circular  $Ps \leftrightarrow Ps$ , encerra-se o pensamento na sua fonte, sem capacidade de abertura ou tolerância ao negativo, sem capacidade de investigar a cesura inerente ao caos emocional. Aqui, a cesura é mera turbulência sem nome, não é fonte de pensamento ou de visão através de diferentes vértices, mas esvazia-se na verbalização de uma emoção angustiante não elaborada, linear e em bruto. O pensamento não avança, não tem

capacidade transformacional e potencial de crescimento, o vínculo H, de valência negativa, parasita o vínculo K, destruindo-lhe o potencial de crescimento, destituindo-o da sua polissemia e arrastando-o para a mentira da univocidade (patente na existência de uma única resposta que tudo abarca e impede novas associações, porque a pré-concepção fica saturada com a realização angustiante, impedindo novas ideias, novos pensamentos, novas concepções).

A análise à resposta do **cartão V** deve ser feita tendo em conta que este é o cartão da afirmação narcísica por excelência. Assim, devemos ter aqui presente que no conflito estético está também em causa a capacidade de deslumbrar e impressionar o Outro, de permitir a sua aproximação de modo que o sujeito possa dar a conhecer o seu próprio interior. A resposta dada aos treze anos (*“está-me a lembrar um... um bichinho com asas, não é bem uma borboleta, é uma espécie de borboleta mais esquisita. Resumindo, é um bichinho com asas da família da espécie da borboleta, uma coisa assim do género”* e, no inquérito, *“aquelas borboletas que se encontram nas histórias de princesas e nos contos de fadas e nessas trata todas”*), parece dar conta, na medida em que o olhar dirigido ao objecto indica o modo como o adolescente se sente olhado, de uma ressonância interna muito específica. De facto, enquanto objecto estético do Outro, Ana dá sobretudo importância às suas qualidades de estranheza, de não-classificabilidade e não-enquadramento, talvez reflexo do processo pubertário turbulento que atravessa. As *“histórias de princesas e contos de fadas”* parecem indicar a presença do vínculo –K, por se inscreverem num universo que impede a procura da verdade ao preencher com o seu colorido o vazio que deveria ser vivido. Consubstancia-se assim a mentira, por intermédio do refúgio num mundo maravilhoso onde não há lugar à frustração, ao que se adiciona a arrogância, esse vínculo mentiroso, patente

em “nessas tretas todas”. Ainda assim, acreditamos que este predomínio de vínculos –KL não impede a oscilação com vínculos positivos KL, dada a tentativa constante de integrar e atribuir significado ao que inicialmente se apresenta disperso e é fonte de confusão.

Da resposta dada aos treze anos para a resposta formulada aos dezasseis, notamos um movimento progrediente bastante interessante, porque diminui a sensação de estranheza e de inclassificabilidade e aumenta a capacidade de integrar opostos que se conjugam num ser bem conseguido, ainda que não nomeado claramente (“*aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino, mas ao mesmo tempo está a mostrar-se grandioso talvez (...) uma coisa frágil mas ao mesmo tempo parece que ele está a abrir as asas e é grande*”). Este movimento parece incluir uma vertente de coragem ontológica, de verdadeira capacidade de se deixar olhar sem medo, de expor o seu interior (“*uma coisa frágil*”) porque se confia na própria força (“*está a abrir as asas e é grande*”). O movimento dos treze para os dezasseis anos parece ser um movimento progrediente bem conseguido, desde a oscilação  $Ps \leftrightarrow Pd$  aos treze, para o caminho  $Pd \rightarrow O$  aos dezasseis, uma vez que nesta última passagem se parece deixar espaço ao desconhecido, se coloca a expressão em termos inadagatórios, de expectativa. Também neste sentido, acreditamos existir nesta resposta uma conotação de processo transformacional muito presente na adolescência, que se operacionaliza pelo embate de duas realidades (pequeno-frágil/grandioso-abrir as asas), pela coexistência de estados que morrem e outros que nascem, pelo confronto entre o tempo linear físico e o tempo oscilatório emocional, pela efectivação da cesura que permite a recordação de como era ser criança, pequeno e frágil, e como se supõe ser adulto, grandioso e seguro, de “*asas abertas*” para o mundo. Apercebemo-nos assim como o pensamento atira o sujeito para uma área inexplorada da mente através do movimento  $K \rightarrow O$ ,

constituindo-se K como objecto transicional epistemológico face a O, que permanece inescrutável.

Aos treze anos, depois de muitos risos, sinal de um possível desconforto, surge a primeira resposta ao **cartão VI**, *“ai, estou-me a lembrar...a pele de um felino estendida no chão”*. Ela remete-nos, uma vez mais, para uma identificação projectiva de tipo narcísico, que visa o não reconhecimento do existir separado e da dependência, por intermédio da evocação de um envelope protector, a pele. Se o estabelecimento do vínculo depende dos processos de identificação projectiva em causa, este apego à superfície característico da Posição Esquizo-paranóide inviabiliza a verdadeira curiosidade pelo interior não visível do objecto estético e constitui-se um vínculo que deriva da parte psicótica da personalidade (que impede o pensamento e o acesso ao significado emocional da experiência), isto é, -K. A segunda resposta, que surge depois da manipulação do cartão, é *“parece um gato ou um tigre”*, o que parece dar conta de um movimento bem conseguido dentro do mesmo cartão, uma vez que é dada vida a algo que antes apenas era uma pele de animal. Parece interessante dar conta da tentativa de integração de conceitos antagónicos (animal doméstico/animal selvagem) que caracteriza tão proeminentemente o processo transformacional em curso. A justificação da resposta *“Silvester”* no pormenor superior fálico (*“se olhar para o focinho do Silvester faz lembrar com os bigodes”*) e a capacidade de dar uma resposta bem integrada que abrange a totalidade da mancha parece inserir-se na Posição Depressiva, pela sua capacidade de síntese e integração. Assim, neste cartão, parece haver uma tentativa de integração e simbolização que se organiza na oscilação -K ↔ K e Ps ↔ Pd.

Dos treze para os dezasseis anos parece haver um movimento regrediente no que diz respeito à capacidade de admiração do objecto estético-mancha. Assim, aos dezasseis anos, a angústia surge de forma avassaladora, os elementos beta não são elaboráveis pela função alfa e reflectem-se quer a nível motor (morde o lábio) quer através da expressão verbal (“*esta não me diz grande coisa*”); o lugar da relação com o objecto-mancha é o lugar do terror sem nome, é não lugar. Assim, parece haver uma oscilação entre  $-K \leftrightarrow K$ , entre  $Ps \leftrightarrow Ps$ , isto é, uma causalidade circular que se auto-alimenta e provoca um curto circuito no desenvolvimento do pensamento, o que culmina com a total incapacidade de verbalizar seja o que for, por se ficar preso às sensibilidades anti-estéticas e anti-simbólicas.

Em resposta ao **cartão VII**, aos treze anos, surge uma resposta complexa: “*parece uma ilha deserta cheia de mistérios ou onde há qualquer coisa a ser destruída, onde não vive ninguém (...)*” seguido da sensibilidade ao branco “*a ilha (negro), aqui à volta é o mar (branco)*”. Os factores patentes (a sensibilidade à destruição, à desintegração, ao caos, ao vazio) parecem dar conta do predomínio da posição esquizo-paranóide e dos mecanismos de clivagem que a caracterizam, o que leva aos ascendente dos vínculos  $-K$ , vínculos anti-pensamento, dispersos e entre-cortados também eles, à luz do símbolo formado. Na segunda parte da resposta surge a clarificação da sequência temporal inerente à resposta e ao processo de pensamento veiculado. De facto, “*por causa das formas isto antes encaixava em qualquer sítio*”, o que nos remete para a experiência primordial com o primeiro objecto estético, objecto que evoca a sensação de familiaridade e de encaixe. Se recordarmos que este é um dos cartões relacionais maternos por excelência, esta questão toma contornos ainda mais relevantes, uma vez que é o paradigma

subjectivo de transformação relacional, mais do que o objecto em si, que é internalizado. A relação com esse objecto primeiro antes era de encaixe mas agora foi destruída (fruto de uma agressividade objectal passiva uma vez que expressa o resultado de uma acção agressiva), e é essa destrutividade que se evoca no momento presente, face ao objecto estético materno. Esta destruição agressiva parece dar conta da passagem da posição depressiva (de integração e encaixe) para a posição esquizo-paranoide (de desintegração e violência), KH → -KH, que significa a necessidade de defesa face à beleza do primeiro objecto, insuportável dadas as suas qualidades estéticas demasiado deslumbrantes. Assim, por intermédio da posição esquizo-paranoide, procuram-se destruir as qualidades estéticas do objecto, degradá-lo, para atenuar ou suprimir o conflito estético e a angústia que ele suscita, a angústia da relação na intimidade.

Tal como tinha acontecido no cartão anterior, encontramos um movimento de menor qualidade dos treze para os dezasseis anos nesta prancha. A resposta na segunda passagem (*“esta aqui parece que há um vazio dentro de algo (...) aqui no meio (branco central) falta algo para completar esta forma, parece que algo foi separado”*) dá bem conta da enorme angústia e atracção pelo vazio que a abertura da mancha suscita, persistindo o sujeito na falta, não podendo viver a ausência. A incapacidade de tolerar a frustração do vazio leva à necessidade de preencher essa parte assinalando a falha, o que limita o espaço disponível para o pensamento, uma vez que qualquer preenchimento limita o espaço do todo. Os limites dentro-fora, presente-ausente, vazio-cheio são pouco claros, pouco estruturados (igualmente evidentes na única resposta F± de toda a prova), e assinalam a psicopatologia da identificação projectiva, a intrusão no objecto e a apropriação das suas qualidades, o verdadeiro *claustrum* paralisante e imutável, onde o movimento de interioridade em direcção ao desconhecido que constitui o objecto não é

alcançável porque ele implica primeiramente um interior e um exterior e o respeito por essa distinção. A fixação na superfície e a mera sinalização do vazio é *presença* do objecto que impede o pensamento da relação com ele, é incapacidade em experimentar a presença da ausência, ficando-se preso na negatividade e não admitindo o pensar do negativo. O objecto não cumpre a sua função transformacional, função de busca de significado que se aproxima da capacidade de *rêverie* e da função alfa. A palavra é esvaziada do seu conteúdo simbólico e surge o vazio, o vazio simbólico e de pensamento. Assim, esta resposta estrutura-se em  $Ps \leftrightarrow Ps$ , numa fuga ao desconhecido através da paralisia e do domínio dos mecanismos de clivagem, uma vez que são eles que impedem os mecanismos de síntese e de integração inerentes à posição depressiva. Os vínculos presentes são necessariamente  $-K \leftrightarrow -K$  porque para serem  $K$  teriam de conter a viabilidade da transformação em  $O$ . Aqui significante ( $\text{♀}$ ) e significado ( $\text{♂}$ ) não desenvolvem a sua aptidão para significar através do contacto mútuo, inviabiliza-se a penetrabilidade emocional e constitui-se uma relação despojante de significado.

A resposta ao **cartão VIII** aos treze anos é *“está-me a lembrar uma colina com dois...”* e, de seguida *“dois animais que se querem encontrar mas não sabem como”*, o que parece dar conta de uma verdadeira oscilação entre  $Ps \leftrightarrow Pd$ , dado o movimento inerente e a tentativa de, partindo dos detalhes, da parte, chegar à integração de um objecto total em relação.

Se na resposta colina isso não acontece, na segunda parte, em que os animais são descritos como podendo ser familiares ou amigos, surgem vínculos  $L$ , operacionalizando-se a oscilação entre  $-KL \leftrightarrow KL$ . A presença de vínculos de amor podem dar conta de tentativas de maior proximidade com o objecto, em que a emoção é elaborada pelo pensamento – existe assim

intuição (experiência) e nome (conceito), o que se consubstancia como conhecimento. Aqui o sujeito parece internalizar não o objecto, mas o legado da experiência com ele, expandindo a sua subjectividade.

Por outro lado, aos dezasseis anos, com a resposta *“aqui parecem dois animais a subirem para um topo, para atingirem uma meta, um fim, um destino”*, mais do que conhecimento parece-nos que estamos na presença de um movimento original que implica pensamento com integração H (*“estão os dois a lutar”*), uma vez que se baseia na frustração da ignorância e do percurso a realizar até se atingir a meta, o objectivo final, o interior do desconhecido que se pressente mas não se vislumbra, nesse topo que nunca se atinge mas cuja importância reside no caminho a percorrer, no *tornar-se O*. Assim, o movimento aqui parece ser  $Ps \leftrightarrow Pd \leftrightarrow P$  Transcendental, por intermédio dos vínculos  $-KH \leftrightarrow KH \leftrightarrow O$ .

Se tal como na primeira passagem existe uma tolerância à intimidade, à relação a dois partilhada e uma sensibilidade ao carácter sedutor do objecto, aos dezasseis mais do que aos treze anos, existe a capacidade de pensar, sob influência dos vínculos H, o seu desconhecido e o desconhecido alheio, a capacidade de permanecer na incerteza que organiza *“a meta, o fim, o destino”*, a verdade que não se mostra mas faz pensar. A busca do objecto transformacional aqui patente é busca infinita de algo no futuro que se alicerça no passado, no âmbito do quadro estético que o sujeito conheceu nos seus primórdios relacionais. Toda a construção da resposta, indutora de movimento, parece dar conta que a sedução do objecto outro possibilita não a queda no precipício que separa eu-Outro, mas a construção de modos de aproximação mútua numa intimidade crescente. As pequenas inflexões que permitem a busca recíproca do encontro não

são mais do que símbolos formados, que vão construindo a espiral de um pensamento com renovadas qualidades de abstracção.

De salientar ainda que, tal como seria de esperar, organiza-se aos dezasseis anos, mais do que na puberdade, um maior acesso à alteridade, na medida em que os personagens já não são só “familiares ou amigos” mas são assumidamente diferentes, com identidade únicas, o que sublinha o maior grau de diferenciação que é apanágio da adolescência. Algo que também nos parece importante é a sensibilidade à cor que agora é patente (ainda que sob a forma de um comentário que não se organiza em nenhuma resposta formal), o que sugere uma maior capacidade de empatia e entrega ao objecto Outro-mancha.

Em resposta ao **cartão IX**, aos treze anos, Ana diz “*faz-me lembrar um ET (...) um ser de outro mundo, de outra dimensão*”. Sublinhamos o enorme impacto da estranheza, da inadequação de um corpo que se quer inteiro (à custa da apreensão global) mas que permanece atemorizante; dada a incapacidade de pensar o desconhecido na presença do objecto, o objecto ausente ganha uma dimensão surpreendente e torna-se atterradoramente presente. A degradação das qualidades estéticas do objecto realiza-se assim pelo acentuar das suas qualidades não terrestres, o que sublinha a distância em relação à realidade social onde o jovem se insere, no fundo o sentimento de não pertença ao seu grupo de pares e a problemática identitária-identificatória subjacente. O fumo descrito pressupõe a criação de um ecrã encobridor da emergência fantasmática e, da sensibilidade ao esbatimento de difusão, emerge a fragilidade identitária, ao produzir-se uma imagem vaga, evanescente, que se dilui e evapora, o que simultaneamente acentua a fragilidade narcísica. Igualmente de carácter narcísico é a referência

antropomórfica “*está vestido com qualquer coisa*”, o que frisa a necessidade de estabelecer os limites, a criação de uma segunda pele dada a fragilidade efémera das fronteiras. A oscilação é então  $Ps \leftrightarrow Ps$ ,  $-K \leftrightarrow -K$ , dada a identificação projectiva inerente ao não estabelecimento de limites que distingam eu-outro, eu-mancha.

A abordagem deste cartão não demonstra uma grande evolução dos treze para os dezasseis anos, permanecendo a oscilação entre  $Ps \leftrightarrow Ps$ , sendo que agora existe a introdução do vínculo H na oscilação  $-KH \leftrightarrow -KH$ . A resposta (“*uma cara (...), parece que está a ser escondida, por medo talvez. (...) talvez o que as outras pessoas lhe dizem o obriguem a fazer isto, não sei*”), demonstra a predominância da identificação projectiva patológica, maciça, com projecção de uma parte do corpo e de intencionalidade malévola, muito característicos nos mecanismos de clivagem do objecto interno que, uma vez projectada no exterior a sua parte má clivada, se torna objecto perseguidor. Sendo este um cartão que induz uma ressonância materna, o que dele sobressai é uma imago materna persecutória e agressiva, que despoleta sentimentos de vigilância e de desconfiança e revela a dor da vida fantasmática e a sua impossível elaboração.

Face ao **último cartão**, aos treze anos Ana dá uma resposta que deixa antever o carácter fóbico da angústia ao evocar uma imagem e situação ansiogénicas pela descrição de insectos repulsivos em grande número (“*está-me a fazer lembrar aranhas, muitas aranhas*”). Através de mecanismos de clivagem, é projectada no exterior a angústia não elaborada, não pensada, sob a forma condensada de um animal a evitar, que representa a parte não alfabetizada da experiência. A resposta, dada sem desenvolvimento, sem capacidade associativa (“*é só*”), demonstra como a angústia domina a verbalização e é simultaneamente explorada em benefício

do recalçamento. O mecanismo fóbico, caracterizado pela projecção/deslocamento/evitamento, é aqui bem patente, através da projecção da angústia interna deslocada na imagem das aranhas que depois são evitadas por intermédio do corte associativo. Toda esta situação nos dá conta do predomínio da posição esquizo-paranóide sobre a depressiva e, uma vez que não se dá uma verdadeira integração ou desenvolvimento profícuo do pensamento no sentido da articulação e da síntese, podemos dizer que o pensamento subjacente a esta resposta oscila circularmente entre Ps ↔ Ps, e que os vínculos subjacentes, por representarem a incapacidade de explorar o negativo da frustração imposta pela realidade-mancha, assinalam a negatividade a ela inerente, sendo vínculos de valência negativa, isto é , -K.

Resposta bem diferente é aquela que é dada por Ana aos dezasseis anos: *“esta transmite alegria, parece que algo de bom aconteceu, uma festa, está tudo disperso. Muita vida”*. Esta resposta, que se pode englobar no registo das defesas maníacas, parece não só lutar contra a angústia de separação-indivuação suscitada pela apresentação do último cartão e pela inexistência de pontos de junção, como parece indicar que de algum modo o deslumbramento pela beleza do objecto estético-mancha ofusca a capacidade de elaborar a emoção, de a pensar, restringindo-se a entrega ao desconhecido à exploração da sua superfície, sem capacidade de investigar o seu interior enigmático. De facto, *“parece que algo aconteceu”*, mas não existe o movimento de tentar descobrir o quê, remetendo-se a resposta à constatação da sua presumível existência. A angústia de perda de objecto é combatida, em oposição ao que se passou aos treze anos, pela grande produção verbal, com hipersensibilidade ao meio, à cor e à dispersão, o que origina uma imagem confusa dada a quebra do controlo, do recalçamento; no entanto, a sensibilidade ao vazio e à desintegração é denunciada pela apreensão com integração do

branco e através do breve e significativo comentário "*está tudo disperso*". Se recordarmos que as defesas maníacas não são em si mesmas patológicas, podendo constituir-se como ensaios mais ou menos conseguidos de elaboração das ansiedades depressivas, e se a este facto acrescentarmos que sob o ponto de vista do conflito estético se defende a inversão do modelo kleiniano  $Ps \rightarrow D$ , para o modelo  $D \rightarrow Ps$ , concluímos assim que face a este cartão, tal como face ao primeiro objecto estético, se despoletaram angústias de cariz depressivo devido às suas características profundamente belas, angústias combatidas com defesas maníacas típicas da posição esquizo-paranóide.

## 7.2. Protocolos II – André

Aos treze anos, a primeira resposta ao **cartão I** demonstra o avassalador impacto da desestruturação da mancha e da perda brutal de referências iniciais (*“isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei”*). A clivagem do objecto interno, fruto do predomínio da posição esquizo-paranóide e sob influência da parte psicótica da personalidade leva à projecção maciça do mau objecto interno, que se torna objecto perseguidor quando no exterior. A emoção agressiva que inunda o espaço psíquico não é elaborável pela função alfa, e o continente altera-se sob influência do conteúdo, tornando-se rígido e dogmático, unívoco e arrogante (o que está bem reflectido na expressão *“é um monstro mesmo”*), o que implica total intolerância à dúvida e à frustração do desconhecido, uma onisciência onipotente sem possibilidade de distinguir, ao nível da realidade, a verdade da falsidade. Estamos face à psicopatologia do conflito estético que deriva do predomínio da arrogância em relação à incerteza, porque, incapaz de tolerar a dor mental inerente ao pensamento da ausência do objecto, o sujeito constrói um mau objecto no pensamento: gera um objecto em –H. O vínculo presente é então –KH e a oscilação Ps↔Ps, uma vez que também a segunda parte da resposta, onde se descrevem os vários órgãos sensoriais (*“as orelhas todas defeituosas, os olhos, e isto deve ser o nariz”*), parece ser reflexo da clivagem e projecção do próprio aparelho perceptivo, aproximando-se dos objectos bizarros descritos por Bion, que ganham identidade própria e se tornam aterrorizadores (sobretudo patente no assinalar dos olhos, que parecem indicar uma vivência persecutória). Ao invés de sucessivas mudanças catastróficas essenciais ao processo de *tornar-se O*, dá-se uma catástrofe no pensamento.

Dos treze para os dezasseis anos as respostas a este cartão parecem dar conta de um movimento progrediente bem conseguido, notando-se uma maior integração do objecto enquanto todo, inerente à aproximação da Posição Depressiva (ainda que a síntese não seja totalmente conseguida, uma vez que se diz *“isto parece-me um insecto esquisito. Parece meio mosca meio borboleta”*). Deste modo, ao sublinhar que *“parece o corpo de uma mosca e isto as asas de uma borboleta”*, André evidencia os mecanismos em causa no processo adolescente, quando a metamorfose em curso impede a vivência identitária sólida e única. Ainda assim, parece existir aqui, mais do que aos treze anos, uma tentativa de oscilação entre Ps↔Pd, alternância que é essencial ao processo de pensamento e se operacionaliza na alternância entre um estado informe onde imagens e ideias estão dispersas e caóticas (por exemplo a ideia simultânea de mosca e de borboleta) e um novo estado de coerência, de compreensão e de tentativa (ainda que não muito bem conseguida) de síntese dessas duas ideias (um insecto que conjuga características de ambos).

No **cartão II**, aos treze anos, o impacto do vermelho e do branco central causa uma angústia dilacerante própria do conteúdo anatómico: *“costelas. Mais nada.”* A justificação, próxima da arbitrariedade (*“porque isto tem uns traços que parecem costelas”*) e o predomínio da anormalidade, da inadequação (*“um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio”*), demonstram bem a desorganização inerente ao interior do corpo e, simbolicamente, a confusão e inoperabilidade do continente/espço psíquico interno. Este objecto estético não apela ao pensamento do seu interior desconhecido porque ele é visível à transparência, uma vez que não tem pele que contenha os seus conteúdos, não servindo o continente a função elaborativa

desejável. A intrusão (e não a exploração) no objecto estético faz emergir conteúdos feios e enigmaticamente secretos, a possuir e não a conhecer, dada a proximidade obscena com que se apresentam no seio do espaço psíquico, negando a sua liberdade e constituindo um *claustrum* onde a vivência é de ameaça e de perigo. O facto de a resposta ser dada a partir de uma parte da mancha e a sua má qualidade formal são apenas mais dois indicadores de como existe aqui o predomínio da parte psicótica da personalidade e da posição esquizo-paranóide.

Aos dezasseis anos a resposta dada implica uma maior noção de conjunto (“*uma caixa torácica. Parecem-me costelas*”) mas mantém-se a má forma, a anatomia e a apreensão em D. Parece interessante notar que as respostas aos treze e aos dezasseis anos são extremamente idênticas, denotando, neste cartão que é o do confronto primeiro com o pulsional (dado o vermelho) e com o relacional (dada a bilateralidade), uma dificuldade acrescida em mudar de vértice, em descobrir um novo significado. A cesura, paradigma de situações de turbulência e caos emocional que é sempre fonte de pensamento, é assim negada, não investigada, não submetida a escrutínio, e a cesura adolescente, aquela que deveria ser entregue à liberdade de escolher, transforma-se na impossibilidade de exercer essa liberdade. Na guerra com a atracção pelo novo, ganha o desejo de manter o familiar, conserva-se o mesmo vértice malogrando novas transformações. O conteúdo mantém-se três anos depois, numa fidelidade paralisante à memória do passado, num *claustrum* que imobiliza o sujeito através de uma luta contra a passagem do tempo, contra a sua história emocional. Ao contrário do processo de busca do objecto estético transformacional, aqui assistimos à busca do objecto relacional primário paralisante, anti-transformação, anti-elaboração. O objecto-mancha é assim investido de uma renovada esperança de entorpecimento (o entorpecimento que terá sido vivido em algum

momento com o primeiro objecto), constituindo-se deste modo a demanda da experiência anti-transformação e anti-crescimento. Apesar desta tendência ao adormecimento emocional, surge, aos dezasseis anos, uma nova resposta: *“órgãos por baixo daquilo. Mais nada. (...) parece um órgão, não sei bem qual mas parece”*, sendo esta resposta mais uma vez bastante próxima da dada aos treze anos.

Aos treze anos, em resposta ao **cartão III**, André diz *“a cara de um sapo, os olhos nesta forma, ser assim uma cara redonda com o queixo raspado, achatado e isto parece o nariz”*. Esta má forma, vista em G, parece dar conta do predomínio da posição esquizo-paranóide e das forças anti-simbólicas e anti-estéticas, regressivas. De facto, o conteúdo relacional (porque bilateral) da prancha parece impossível de ser apreendido e apenas no inquérito dos limites surgem as imagens humanas que inserem o pensamento do sujeito no contexto social. Incapaz de projectar o seu corpo, o pré adolescente pensa em anti-pensamento (em  $Ps \leftrightarrow Ps$ ), donde o predomínio de vínculos  $-K$ .

A resposta aos dezasseis anos (*“isto parecem duas pessoas. Só me faz lembrar isso”*) é o corolário de um movimento progrediente interessante, que demonstra uma boa capacidade de procura do interior do objecto estético, desde os treze anos, em que a aproximação se faz à custa da qualidade dos conteúdos, até aos dezasseis anos, onde o potencial transformacional do conteúdo “sapo”, culmina na capacidade de vislumbrar duas pessoas. Gerando símbolos metaboliza-se a distância, e a oscilação entre  $Ps \leftrightarrow Pd$  e entre  $-K \leftrightarrow K$  presentes são indícios da capacidade transformadora do sujeito em si mesmo. O facto de não ser atribuído sexo específico às personagens e de elas não se encontrarem a desempenhar qualquer tipo de acção, pode

apenas fazer supor que o vínculo K presente ainda não se constitui como patamar de aproximação a O suficientemente válido, uma vez que ainda não contém em si mesmo o carácter indagatório, caótico e activamente transformacional necessário ao processo de *tornar-se O*.

As respostas a este cartão denotam as características que podem destringir o processo pubertário do adolescente. A resposta aos treze anos parece dar conta de uma noção de identidade subjectiva ("*sapo*"), onde o corpo aparece atingido ("*queixo raspado*") e as transformações corporais são intensas e provocam desarmonia. Por outro lado, já em pleno processo adolescente, surgem "*duas pessoas*", o que parece indicar uma maior familiaridade com o próprio corpo e uma capacidade de experimentar e viver com o outro a estabilização desse sentimento de identidade.

Aos treze anos, a resposta ao **cartão IV** é "*dois pinguins de costas um para o outro*", uma má forma a que acresce a apreensão do branco ("*com o bico branco*"). Face a estas personagens, habitantes de um clima gélido, poderíamos supor que a relação com o objecto estético aqui evocado é uma relação de pouca profundidade, que se fica pela sensibilidade táctil evocada. Acresce ao ambiente geral a própria postura das personagens (de costas um para o outro), o que inviabiliza a relação transformacional, impede que se ofereçam como objectos estéticos recíprocos e que se relacionem por intermédio de uma relação continente-conteúdo profícua. Podemos questionar-nos sobre o que leva o adolescente a colocar de costas estes dois animais (que, como sabemos, representam por deslocamento duas personagens humanas), e talvez não

seja demais supor que o que está na sua base é a dificuldade em viver o potencial transformador inerente a uma relação.

Tal como acontecera no segundo cartão, o movimento transformacional dos treze para os dezasseis anos não é muito considerável. De facto, aos dois pinguins de costas um para o outro, apenas se acrescenta aos dezasseis anos que estão “*encostados a uma parede*”, o que simultaneamente impõe e nega a separação entre eles. Intransponível pelo simbólico, a cesura é negada e constrói-se uma parede onde se *encostam* os objectos; não há capacidade de pensamento apesar da dor e com ela, sendo apenas possível organizar a resposta *contra* a dor. Assim, tal como aos treze anos, o mecanismo que vigora, a identificação projectiva patológica, serve para negar a diferença, a frustração de uma relação com o diferente, a imprevisibilidade do outro, a intimidade. A tendência de confabulação é símbolo máximo do domínio dos vínculos –K, enquanto vínculos mentirosos, que relegam para segundo plano o pensamento em prol da emoção que domina a elaboração da resposta.

Aos treze anos, a resposta ao **cartão V** é “*dois crocodilos*” vistos numa forma de boa qualidade, num grande detalhe. Se recordarmos que este é o cartão da valorização narcísica, da capacidade de se fazer olhar, rapidamente nos apercebemos, pela apreensão em detalhe, da dificuldade em assumir-se como ser inteiro, com uma identidade sólida e afirmativa, típica do processo pubertário onde o sentimento identitário é subjectivo e a coesão do Eu frágil. A escolha de um animal rastejante (e como tal pouco exuberante, até sinuoso na forma como se movimenta) e traiçoeiro (sobretudo por se encontrar dentro de água), parece dar conta de uma angústia algo persecutória, derivada da clivagem do objecto interno seguida da projecção das

suas partes más. A incapacidade de organizar uma resposta global, que seria favorecida pelo carácter compacto da mancha, dá conta da prevalência da posição esquizo-paranóide e de vínculos K com valência negativa. No sentido da apreensão do conflito estético podemos dizer que a beleza do objecto estético – mancha proposta seria demasiado intensa para ser apreendido; assim, prevalece o registo esquizo-paranóide e a identificação projectiva patológica (presente no carácter clivado e oral da expressão) como defesa contra a posição depressiva despoletada pelo impacto do belo e desconhecido enigmático que é o interior desse objecto, tornando prevaletentes os vínculos –K.

Aos dezasseis anos, a resposta a este cartão induz um movimento progrediente bem conseguido, uma vez que o jovem diz, depois do confronto com a mudança catastrófica que a apresentação deste novo cartão induz: *“isto parece-me uma borboleta. A borboleta é tudo”*. As forças progressivas, que fomentam a formação simbólica, parecem ter resistido à frustração imposta pelo novo desconhecido. Apreendida na totalidade da mancha, a resposta de boa qualidade formal é reveladora de uma maior familiaridade com o corpo apanágio do processo adolescente e também de uma capacidade de se entregar e deslumbrar com o objecto apresentado, numa distância que não é indutora de angústias claustro ou agorafóbicas por ser demasiado próxima ou demasiado distante. De facto, denota-se capacidade de alfabetizar a emoção, o continente está apto a elaborar os conteúdos de modo a crescerem numa relação profícua e harmoniosa. A exploração da mancha continua, apenas possível sob influência de nova mudança catastrófica, nova cesura que impõe a mudança de vértice. A pré-concepção (mancha) encontra-se novamente livre para se associar a outra concepção, surgindo outra realização desse encontro, a resposta *“aqui, no final das asas, parece-me a cabeça de um*

*jacaré*". Depois da posição depressiva que parece predominar na primeira parte da resposta, esta parte constitui-se sob a égide da posição esquizo-paranóide, organizando-se o pensamento inerente a este cartão como verdadeira oscilação  $Ps \leftrightarrow Pd$  e  $-K \leftrightarrow K$ , oscilação absolutamente fundamental na elaboração do pensamento abstracto.

A resposta ao **cartão VI**, aos treze anos, parece indicar uma dificuldade em apreender o objecto estético que leva à resposta de má qualidade formal *"esta aqui parecem dois ursos de boca aberta"*. Face à estrutura pesada e compacta da mancha, o jovem parece sentir-se invadido por emoções que não consegue elaborar através de uma relação continente-conteúdo, e é o próprio continente que, sem sentido de tolerância à dúvida, se modifica face ao conteúdo proposto. A existência de uma linha média é vivida como separação entre dois iguais, como se existisse um corte interno entre essas duas partes que não são complementares mas um duplo de si mesmas. Mais tarde, no inquérito, surge uma resposta adicional que procura apaziguar a angústia sentida, por intermédio de algo que funcione como segunda pele protectora (*"mas também o tapete de um urso"*).

Aos dezasseis anos, a tendência recusa inicial, patente em *"não faço a mínima ideia"*, pode dar conta de uma certa tolerância à dúvida e ao desconhecido, sem necessidade de preencher imediatamente o vazio criado pela frustração. Trata-se aqui da capacidade de tolerar a incerteza enquanto se aguarda a chegada do facto seleccionado, aquele que emergirá a partir da ressonância íntima que constitui a coerência afectiva pessoal. Segue-se à sensação de caos, imprescindível ao pensamento e transformação, a (re)organização do espaço psíquico e a (re)elaboração dos elementos beta projectados, que são desintoxicados e devolvidos através da

função alfa, surgindo a resposta *“aqueles tapetes feitos com um animal, um tigre, o nariz, os bigodes”*. Se a referência a tapetes e outras superfícies que cobrem pode dar conta de uma dificuldade em experimentar a separação, constituindo-se como defesa narcísica que visa colmatar mas sublinha as falhas identitárias mais precoces, ao nível da abordagem do conflito estético podemos dizer que por seu intermédio se assinala a apetência para a atracção pela superfície, sem capacidade de buscar o interior enigmático do objecto. De facto, as características exteriores parecem adquirir importância renovada sem que exista em paralelo a curiosidade e o interesse pela construção, por intermédio do pensamento, do desconhecido interior não visível. Ainda assim, dada a apreensão em G e a boa qualidade formal da resposta, este objecto protector pode dar conta de uma maior diferenciação e integração, (de uma imagem individualizada naturalmente mais presente na adolescência e ausente na primeira passagem, na puberdade), pelo que podemos dizer que aqui assistimos a uma oscilação entre vínculos -  $K \leftrightarrow K$ , entre  $Ps \leftrightarrow Pd$ .

O **cartão VII** é aquele que apela de modo mais premente às relações com o objecto primário e é designado o cartão materno por excelência; ele exige, dada a sua configuração esbatida e oca, um esforço suplementar de construção de sentido e de forma. Face a este desafio, aos treze anos André é capaz de organizar uma resposta de boa qualidade formal, na qual é sensível ao carácter feminino da prancha (*“duas caras, uma a olhar para a outra. O formato das caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras, isto é o pescoço e a saia”*). O espaço em branco constitui-se como abismo a ultrapassar, qual interior desconhecido do objecto estético. A relação proposta entre os dois personagens passa, no entanto, apenas pelo olhar, como se o

sujeito cedesse ao carácter regressivo da prancha, a um período ainda pré-verbal, a uma memória existencial dos afectos primordiais do Ser que o aproximam do primeiro conflito estético. A relação potencialmente transformadora procurada é relação próxima do duplo, especular, em que o olhar sidera e hipnotiza as personagens que são idênticas, do mesmo sexo, aquele que não é o do sujeito. Aqui parece existir um objecto que, por ser demasiado igual a si mesmo, não potencia a expansão subjectiva, não organiza a síntese e integração do diferente para criar (descobrir) o novo desconhecido. Ainda assim, estas defesas que passam pelo olhar e que são de cariz narcísico, têm um papel importante na adolescência enquanto bases para as relações objectais, o que fica patente neste cartão bilateral e relacional através do ensaio de relação que é esboçado.

Aos dezasseis anos, após algumas reticências iniciais, "*não me faz lembrar nada...ah!*", surge a resposta "*isto parece uma cara de uma rapariga de lado, com os cabelos*". De sublinhar que da primeira para a segunda passagem, se subtrai a relação especular que existia, sendo agora apenas uma personagem, igualmente feminina, mas mais jovem. Esta resposta pode dar conta de uma relação na qual um dos intervenientes já foi nomeado e o outro poderá ser o próprio adolescente, que desta vez olha, admira e se deslumbra com o objecto estético complementar. O objecto de contemplação é apenas isso mesmo, não parece existir ainda capacidade de viver a reciprocidade do olhar, de o jovem se oferecer como objecto estético transformador do outro, uma vez que a cara da rapariga está de lado, inviabilizando o seu olhar sobre o André. Ainda assim, sublinha-se a importância dada ao outro, ao par, porque esse Outro é potencial de transformação e é o lugar onde se poderá procurar o reconhecimento existencial.

Aos dezasseis anos este cartão dá origem a uma segunda resposta, constituindo-se a primeira como continente para novo conteúdo, e continuando a própria mancha (enquanto pré concepção) disponível para nova realização. A segunda resposta (*“isto uma máscara de perfil”*) vem na sequência da primeira, sendo possível extrair destas associações a invariância, o facto seleccionado que emerge e dá coerência íntima ao afecto despoletado com a apresentação do cartão. Esse factor comum é a tentativa encoberta de olhar o outro, a tentativa velada de admirar preservando a própria intimidade, procurando diminuir a implicação íntima da relação aberta, complementar. A máscara, mais uma vez, apela à protecção narcísica, tal como a centração no olhar descrita no inquerito (*“isto aqui em baixo tem estas manchas brancas que parecem olhos”*). Mais do que qualquer outro cartão, este despoleta no sujeito, em ambas as idades, uma centração na visão, no olhar, sinal de que a relação transformacional com o outro comporta uma importante dimensão inerente às características externas, visíveis, belas (tal como a atracção em relação ao primeiro objecto estético passa também por esse deslumbramento) mas que também pode significar uma preocupação secundária (tal como se passa com o primeiro objecto) por olhar, olhar sempre e mais além, além da superfície em direcção ao interior desconhecido que promove a curiosidade e o pensamento. Assim, em ambos os cartões assistimos a uma oscilação entre  $-K \leftrightarrow K$ , entre  $Ps \leftrightarrow Pd$ , oscilação essencial à transformação e ao desenvolvimento do processo de pensamento.

O **cartão VIII**, que devido à introdução da cor pastel leva à mudança de clima emocional, despoleta no André, aos treze anos, uma desorganização formal e de conteúdo expressas na má qualidade das respostas dadas. De facto, ele refere primeiro *“dois hipopótamos, com este*

*aspecto gordo*” e depois *“com duas lagartixas em cima deles”*, justificando *“por serem grandes e estarem a trepar”*. Ambas as respostas são de má qualidade e vistas em detalhes, o que pode dar conta de uma incapacidade de síntese que se revelaria na apreensão global. A inadequação e estranheza global da imagem parecem ser reflexo de mecanismos de clivagem que inviabilizam a boa articulação dos vários conteúdos e que são subsidiários dos mecanismos de identificação projectiva patológica que impedem a desintoxicação dos elementos beta e provocam o aumento da angústia patente (sobretudo na segunda imagem, algo ansiogénica). O ataque ao vínculo surge através da destruição dos elos que ligam continente e conteúdo, surgindo imagens sem ligação entre elas, sem razoabilidade afectiva – sob domínio da parte psicótica da personalidade. Os vínculos são então vínculos anti-emoção, e a patente manutenção em  $Ps \leftrightarrow Ps$  é pensamento pensado em anti-pensamento, circularmente, onde a mudança catastrófica dá lugar à catástrofe do significado emocional e os vínculos negativos se seguem sem possibilidade de se entrar na espiral de pensamento abstracto que leva à aproximação a O. A manutenção em Ps parece resultar da paralisação devido ao ofuscamento pela beleza do objecto, agora mais evidente pela cor introduzida.

Aos dezasseis anos, a postura face ao mesmo cartão ganha nova qualidade emocional. André diz *“estes dois parecem-me animais”* e, no inquérito, *“não sei bem quais”*, o que pode dar conta da tolerância à frustração e da não necessidade de preencher com um nome o vazio sentido. No sentido indagatório que pode ter a admissão da dúvida, isto pode ser sinal de  $K \rightarrow O$ , uma vez que o pensamento surge da frustração e da capacidade do continente tolerar a dúvida sem se deixar danificar ou saturar com o conhecimento (como parece ter acontecido aos treze anos, quando a incapacidade de tolerar a ausência de significado levaram à produção de pensamentos

falsos expressos em imagens de má qualidade). Ainda assim, o receio na aproximação ao objecto subsiste aos dezasseis anos, (*“o do meio não me faz lembrar nada de especial”*), sendo a oscilação  $Ps \leftrightarrow Pd$ , essencial à verdadeira elaboração, a que melhor parece poder descrever o principal processo de pensamento do André nesta prancha.

A resposta ao **cartão IX** aos treze anos assinala uma tentativa falhada de organização neste cartão que é o das trocas comunicacionais regressivas. Visto com integração do branco, estamos perante uma resposta onde a distinção branco/cor/limite é anulada, pelo que o sujeito está sob a égide da parte psicótica da personalidade. Se o problema da realidade é o da diferença, compreende-se assim porque é que aqui o sujeito odeia a realidade, pois ao ser diferente do sujeito ela afirma e impõe a separação.

Como sabemos, o carácter relacional precoce e grande interesse e complexidade sensorial desta mancha aproximam a experiência neste cartão à vivida com o primeiro objecto estético. Tendo em conta esta premissa, sublinhamos o carácter desagradável e abatido da imagem (*“uhm... uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida”*); sendo a sua caracterização eminentemente negativa, a resposta parece aproximar-se do registo da idealização negativa. Para além deste factor, existe outro que aproxima as respostas a este cartão do registo narcísico. De facto, assistimos em plena construção da resposta a um mecanismo de desdobramento, uma vez que inicialmente surge *uma* pessoa e no inquérito diz-se *“são dois”*. Este desdobramento, que nos funcionamentos de tipo narcísico é o corolário máximo da idealização, visa manter a unicidade ao afirmar a separação, e transparece de forma indirecta na preocupação com a aparência (*“uma boina ou um chapéu levantado para cima”*) e

na ausência de verbos interactivos que relacionem os personagens. Parece interessante notar que num último movimento se reduz novamente a um os dois personagens surgidos (*“isto pode ser o corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo”*), reflexo da verdadeira confusão de limites, onde continente e conteúdo se interpenetram, não possuem diferenciação estável. Ao nível da abordagem do conflito estético, este facto induz o predomínio da intermutabilidade de sujeito e objecto predominantes na identificação projectiva narcísica, visando o não reconhecimento do existir separado. Se o estabelecimento do vínculo é dependente dos processos de identificação projectiva que sustentam a relação continente-conteúdo, aqui os vínculos são  $-K$  por levarem à destruição e esvaziamento de significado e à paralisia do processo de desenvolvimento subjacente a  $Ps \leftrightarrow Ps$ .

No mesmo cartão, a resposta aos dezasseis anos, apesar de continuar a ser uma má forma, engloba outro tipo de defesas. É dito *“isto faz-me lembrar dois elefantes, com a tromba para o ar, em cima de uma pedra”*, o que parece aproximar o sujeito de um movimento de restauração narcísica, de exibicionismo fálico e de afirmação face ao outro do próprio corpo, factor específico do processo adolescente. Ainda que sendo uma má forma, operacionaliza-se a tentativa de circulação da pulsão entre dois reinos distintos e opostos, o reino animal e mineral, com a inclusão da referência à pedra, ao penedo e à rocha. Apesar de mal conseguido, parece haver uma oscilação entre vínculos  $K$  e  $-K$ , uns assimbólicos e regressivos e outros simbólicos e progressivos, e a circulação do pensamento parece indicar a oscilação entre um pensamento disperso e outro que implica uma nova síntese e uma nova ordem – a oscilação  $Ps \leftrightarrow Pd$ .

Aos treze anos, a resposta ao **último cartão** inicia-se com a atribuição de um movimento a um animal, numa imagem bem conseguida (*“duas aranhas a fazerem uma teia”*). Como sabemos, a capacidade de atribuição de um movimento, ainda que a um animal, constitui-se como cinestesia que implica a espessura da barreira de contacto e a aproximação conseguida ao material-objecto estético, num envolvimento íntimo que é sinal de capacidade de elaboração. A angústia de fragmentação parece ter sido bem elaborada, uma vez que o jovem consegue, através da sua função alfa, atribuir sentido e significado aos elementos beta presentes. A imagem suscita, ainda assim, angústias claustrofóbicas devido ao conteúdo *“teia”*, que cerca e provoca uma proximidade mesmo que indesejável. A segunda resposta, vista no branco (*“em cima do cabelo de um homem de bigode verde”*) parece dar conta de um movimento regressivo que anula as diferenças cromáticas e induz a indiferenciação dos limites, através de um movimento de inversão figura-fundo.

Se aos treze anos o movimento intra-cartão parece ser regrediente, na segunda passagem parece ser progrediente, uma vez que se inicia com uma má forma anatómica vista no branco (*“esta parte aqui do meio faz-me lembrar qualquer coisa que parece o corpo humano”*), sinal da ausência de limites, de pele, e termina com uma boa forma animal (*“este aqui parece um animal assim esquisito, parece uma lagosta ou uma coisa assim”*), animal que possui uma carapaça rígida, uma segunda pele que pode surgir como tentativa de colmatar a experiência de dissolução vivida anteriormente com a visão anatómica do corpo, veiculando-se o movimento Ps↔D.



## **Conclusões**

### **Primeiro**

Com este trabalho pensamos ter atingido o objectivo a que inicialmente nos propusemos: lançar as bases para uma visão sobre o Conflito Estético Adolescente através do Rorschach. Para tal, procurámos, num primeiro momento, aprofundar as raízes do modelo teórico onde esta concepção surge, nomeadamente as perspectivas Kleinianas e Bionianas. Num segundo momento debruçamo-nos sobre as teorias que postulam a adolescência enquanto processo transformacional, gerador de novos sentidos e renovados significados. Por último, procurámos alargar a metodologia projectiva do Rorschach, consolidada na corrente da Escola Francesa à volta do modelo estrutural, de modo a aceder ao sujeito psicológico adolescente, através da criação de novos eixos de análise e na senda de pensar o pensamento do sujeito face à beleza, ao novo e ao desconhecido.

### **Segundo**

Dado que os processos pubertário e adolescente possuem diferentes características entre eles, e que a essas diferenças se acrescentam as impostas pela diferença de género, propomos agora algumas conclusões sobre o estudo do Conflito Estético através do Rorschach efectuado.

Detenhamos-nos um pouco especificamente sobre a análise da capacidade de experimentar o relacional que ressoa nos cartões bilaterais, uma vez que é por seu intermédio que mais claramente acedemos ao modo como um e outro sujeito se transformam e transformam na

presença do objecto novo e desconhecido. A iminência da intimidade, o face a face, a beleza desse objecto que habita o sujeito, é convite urgente à indagação do seu próprio interior por via do pensamento.

No **cartão II**, em ambas as idades e nos dois sujeitos, impera a paralisia, a intrusão, a inveja, a posse e a arrogância, sinal da brutal dor impensável provocada pelo branco, vermelho e bilateral. A distinção entre os dois sujeitos surge através da análise dos cartões bilaterais III e VII. A partir deles, compreendemos como, por um lado, a Ana se consegue organizar melhor do que o André face ao **cartão III**, estruturando até, aos 13 anos, um dos seus movimentos de autêntica busca da Verdade ( $D \rightarrow P$  Transcendental), num processo de *tornar-se O*. Este facto parece ser paradigmático do potencial de desenvolvimento já presente nesta jovem, enquanto André persiste, tal como no cartão anterior, num pensamento pensado em anti-pensamento ( $Ps \leftrightarrow Ps$ ), sem viabilidade de expansão mental. Aos dezasseis anos, as respostas de ambos a este cartão veiculam a oscilação  $Ps \leftrightarrow D$ , aquela que promove a flutuação entre dispersão e integração, caos e síntese e se constitui como base para o conhecimento do Outro.

Ao contrário dos anteriores cartões bilaterais que veiculavam, devido ao vermelho, afectos relacionais fortes e intensos, o **cartão VII** possui uma conotação relacional materna muito regressiva, devido ao esbatimento e à abertura central, decorrendo daqui uma assinalável diferença nas respostas dos sujeitos. De facto, enquanto este é um dos cartões mais bem conseguidos do André, uma vez que ele realiza, aos treze e aos dezasseis anos, um movimento oscilatório enriquecedor ( $Ps \leftrightarrow D$ ), é simultaneamente um dos mais difíceis de elaborar para a

Ana, que aos treze anos produz uma resposta em  $D \rightarrow Ps$  (a Posição Esquizo-Paranóide surge secundária a um enlevo depressivo, consubstanciando-se a redução de objectos inteiros a parciais como defesa contra a extraordinária beleza do objecto) e aos dezasseis em  $Ps \leftrightarrow Ps$  (a incapacidade de apreensão do belo persiste, proliferando mecanismos de intensa clivagem que impedem a oscilação com a Posição Depressiva).

Esta distinção parece dar conta de que o André consegue trabalhar melhor do que a Ana a profunda regressão até ao confronto com o primeiro objecto, com o qual consegue admirar-se, deslumbrar-se e entregar-se. Esta tarefa é mais difícil para a Ana, uma vez que este objecto primário materno coincide com o objecto de identificação sexual adolescente. Assim, os movimentos de aproximação e descoberta desse objecto acarretam uma sobrecarga fusional intrusiva mais proeminente na jovem do sexo feminino, que ainda não consegue elaborar a *presença da sua ausência*, não consegue admirar, conhecer e pensar esse renovado objecto, mas apenas invejar e procurar *possuí-lo*. Uma das questões para a qual a Ana ainda procura resposta (por intermédio dos enérgicos movimentos de regressão e progressão evidentes noutros cartões) é qual a distância ideal em relação a esse objecto primeiro, do qual é necessário elaborar a radical perda, a dolorosa ausência, para dele se poder re-aproximar, por intermédio do pensamento e sob a égide do processo transformacional adolescente.

### Terceiro

Através da análise dos movimentos realizados pelos dois sujeitos, apercebemo-nos como a capacidade de olhar e olhar-se, de conhecer o objecto estético interno e externo, se insere no processo transformacional que vai da puberdade à adolescência.

Na puberdade, quer a Ana quer o André possuem ainda uma vivência identitária subjectiva pouco coesa, onde intensas transformações corporais dão lugar à desarmonia, à descontinuidade e ao desequilíbrio. Estes factores são evidentes nas características do impulso epistemofílico que liga sujeito e objecto, no processo de conhecer o objecto estético, esse desconhecido que é tanto interno como externo. Na puberdade, apenas Ana, e por uma única vez, consegue tolerar a frustração do estranho e do inominável e indagar dentro de si o que desconhece, no processo de *tornar-se O*. Este movimento de verdadeira expansão mental, que vai do conhecimento ao pensamento, não parece ainda acessível ao André, que continua a mostrar-se muito preso à Posição Esquizo-Paranóide e aos intensos processos de clivagem que a caracterizam. Os seus pensamentos são predominantemente pensamentos pensados em anti-pensamento, demonstrando assim o jovem uma dificuldade em comover-se, descobrir-se e deslumbrar-se e em penetrar a insondabilidade dos seus objectos estéticos internos e externos.

O André, sobretudo na puberdade mas também na adolescência, parece mostrar-se ainda próximo da noção de Agonia Romântica, com o receio de viver a perda inerente à Posição Depressiva que faz proliferar a manutenção circular da Posição Esquizo-Paranóide e os inerentes vínculos - K ↔ - K. Incapaz de se entregar à paixão dos seus objectos, internos e

externos, devido justamente à impossibilidade de viver a sua perda, o jovem mostra-se intolerante face à possibilidade de viver a reciprocidade estética, à possibilidade de tolerar a dor da incerteza do desconhecido que conferiria ao objecto liberdade própria e, subsequentemente, o desejo de o conhecer e pensar. A relação mantém-se assim num impasse, derivado da necessidade de posse e controlo, onde o medo do novo se sobrepõe à ousadia da quimera, a inveja substitui a admiração e a cesura é mera turbulência impensada.

Na adolescência parece haver, pelo menos em alguns momentos, uma evolução da capacidade de admirar(-se) dos sujeitos. De facto, o processo de *tornar-se O* surge com a Ana por duas vezes e com o André por uma vez, o que parece indicar uma maior familiaridade com o objecto estético interno e externo, com a possibilidade de experimentar viver(-se), conhecer(-se) e entregar(-se), deslumbrar-se com os novos objectos criados. Paralelamente a estes movimentos de entrega bem conseguidos por parte de ambos os sujeitos, sublinhamos algo que os faz divergir significativamente. No protocolo do André apercebemo-nos que quando não existe, dos treze para os dezasseis anos, uma manutenção de pensamentos pensados em anti-pensamento (o que acontece a maior parte das vezes), o processo é de recuperação para a oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  e  $-K \leftrightarrow K$ , patamar que finalmente inclui a viabilidade da expansão mental e abstracção.

Na Ana, quando não existe a manutenção no mesmo registo (o que é raro acontecer), a maior parte das vezes a oscilação é no sentido de perda de qualidade, no sentido regressivo, isto é, no advento do predomínio de vínculos negativos. Assim, a Ana demonstra neste processo

transformacional que vai da puberdade à adolescência, uma movência flagrante e impressionante que a obriga a tocar extremos de grande qualidade e de grande dificuldade.

Enquanto o processo transformacional do André parece seguir uma trajectória mais linear, com menor fluidez, o que parece ser sinal de que ainda persiste aos dezasseis anos a preocupação por estabelecer um sentido identitário coeso, Ana deseja e busca já o Outro que se (re)cria e (re)descobre dentro de si própria, procura alfabetizar a emoção derivada das novas relações objectais, em movimentos de vaivém intensos. Este processo (que engloba movimentos de expressivo recuo) apesar de ser perturbador, é profícuo, e é-o exactamente porque é perturbador. É ele que autoriza a verdadeira descoberta do novo e é a sua intensidade e (des)organização que abre as portas a uma nova ordem de ideias, a novos e renovados significados que a partir de novas relações continente-conteúdo, por intermédio de mecanismos de identificação projectiva e em função de  $Ps \leftrightarrow D$ , viabilizam o pensamento.

Se a adolescência é sobretudo movência e fluidez, transformação e mudança catastrófica, possibilidade de submeter a escrutínio a cesura imposta por renovados sentidos, então a análise do processo resposta Rorschach de Ana parece possuir uma qualidade e significado que pensamos não se encontrar ainda presente nos protocolos do André. Comum aos dois sujeitos, ainda que, e mais uma vez, mais assinalavelmente no André, é o facto de apenas por escassas vezes se organizar a verdadeira expansão mental, aquela que promove a busca da Verdade Última, a indagação do interior desse objecto estético que é o próprio interior desconhecido do sujeito, o derradeiro processo de *tornar-se O*. Acreditamos que tal situação se deve à dificuldade

em viver e pensar o negativo, em experimentar a dor das verdades insuportáveis e do desconhecido, desconhecido que assume no processo pubertário e adolescente, talvez mais do que em qualquer outro momento, uma dimensão avassaladoramente premente, dada a interrogação do futuro e passado actualizados no momento presente, a importância atribuída aos novos objectos e o confronto com a beleza e deslumbramento do novo. Talvez por esse motivo pareça que é aqui duplamente difícil não ceder à tentação de mentir, de preencher, de colocar vida no vazio face ao caos virtual interno que os jovens enfrentam.

Ainda assim, vemos o potencial de reciprocidade estética, de intimidade, de entrega, de simbolismo e progressão dos sujeitos. Vêmo-lo ainda mais quanto pressentimos o seu receio, a sua incerteza, o seu desamparo fundamental, pressentimos que aceita experimentar os extremos, desorganizar-se para depois melhor poder estabelecer uma ordem outra, pensamentos outros, significados outros – exactamente aquilo que se exige na adolescência. Por tudo isto vemos o potencial indagatório e de expansão mental dos sujeitos, dado que é a partir dessa capacidade oscilatória ( $Ps \leftrightarrow D$  e  $-K \leftrightarrow K$ ) demonstrada, que se torna possível a indagação  $K \rightarrow O$ , a tolerância do negativo que catastrofiza a ignorância, o processo de *tornar-se O*.

#### **Quarto**

Ao procurar inscrever este trabalho no âmbito da Psicologia Clínica, surgem-nos logo à partida algumas restrições que gostaríamos de explicar. Assim, cabe afirmar que este trabalho visa apenas sugerir uma das vias que esta disciplina pode seguir, no sentido da procura da verdade

do sujeito psicológico. A sua contribuição específica, relativa ao corpo teórico psicanalítico Kleiniano e pós-Kleiniano, ao processo adolescente e à teoria e método processo Resposta Rorschach, não pretende corresponder a uma lógica empírico-experimental, mas antes é de natureza essencialmente teórico-metodológica, procurando aproximar teoria e método, construir pontes e reforçar intersecções, alargar perspectivas e fazer convergir significados, através de novas relações continente-conteúdo.

Se aceitarmos que a concepção de sujeito psicológico tem vindo a sofrer profundas mutações, sobretudo com a introdução do paradigma psicanalítico, temos de procurar alterar também o modo como procuramos aceder à sua verdade. Passamos então de uma lógica onde proliferam características de mensuração e objectividade para uma outra onde se estipula que nem todos os fenómenos são passíveis de ser descritos desse modo, dadas as suas qualidades subjectivas, a sua espessura e a sua profundidade. Neste sentido, e em consequência, urge erguer novos métodos de estudo, dotá-los de novas qualidades de interpretação, compreensão e intersubjectividade.

É neste âmbito que se procura inserir o nosso trabalho, na busca deste modo outro de perspectivar a Psicologia Clínica, enquanto meio e modo de explorar a construção, recriação e transformação do conhecimento.

O instrumento metodológico a utilizar neste novo caminho a percorrer pela Psicologia, deve entender-se mais do que o simples modo de aceder ao conhecimento, deve entender-se como

uma via de produção do conhecimento, destacando e mobilizando o que cada sujeito nele reflecte, numa ressonância íntima geradora de intersubjectividades. O Rorschach surge assim naturalmente no nosso trabalho como elemento privilegiado de Psicologia Clínica intersubjectiva e transformacional, atenta à verdade individual do sujeito psicológico. Instrumento e método preciosíssimo no conhecimento do sujeito e no modo como o sujeito conhece a sua Verdade, se conhece, o Rorschach deve ser considerado como lugar onde se encontram interno e externo, sujeito e (os seus) objectos internos, tarefa e psicólogo, lugar onde se revela a natureza do conhecimento do sujeito através da análise do processo de transformação no seio de uma relação continente-conteúdo, geradora de novos significados e significantes.

### **Quinto**

Ao longo deste trabalho procurámos fazer convergir o *Conflito Estético*, o *processo adolescente* e o *método Processo resposta Rorschach*. Desta afluência acreditamos ter expandido o âmbito de aplicação de cada um destes objectos, ao aprofundar o seu campo de análise, buscando a procura de uma nova via de conhecimento. Comum aos três, encontramos a necessidade de entrega ao desconhecido, de tolerância ao negativo, a beleza do novo e a necessidade de investigar a cesura imposta. Também os modos de pensar cada uma destas experiências são as mesmas, passando por um processo transformacional que oscila entre movimentos de regressão e progressão, de mobilização de capacidades internas, através de mecanismos de identificação projectiva, numa relação continente-conteúdo e em função de  $Ps \leftrightarrow D$ .

A contribuição inovadora deste trabalho consiste no estabelecimento de uma grelha de análise que destaca e operacionaliza, na análise dos protocolos, alguns dos instrumentos teórico-técnicos propostos por Bion, nomeadamente a teoria dos vínculos e a função  $Ps \leftrightarrow D$ . Esta operacionalização é função da descrição realizada em dois quadros síntese de procedimentos que procuram sistematizar, o primeiro através da simbologia latente dos cartões e o segundo através da transposição da análise formal do Rorschach, os factores mais relevantes a ter em conta na abordagem do Conflito Estético Adolescente, especificamente a noção de experiência emocional, relação continente-conteúdo, função alfa e elementos beta, transformações em O, mudança catastrófica e cesura.

No seguimento daquilo que anteriormente defendemos que deveria ser a via a seguir pela Psicologia Clínica – a de aproximar teoria e métodos, aprofundando e reconstruindo os métodos à medida da edificação do conceito de conhecimento do sujeito psicológico intersubjectivo –, acreditamos que com este trabalho participámos numa tentativa de dotar o Rorschach de novos eixos de análise, de modo que, respeitando os princípios de congruência com os modelos teórico-metodológicos previamente consolidados que nos servem de base, possamos *pensar*, por seu intermédio, o Conflito Estético Adolescente.

Como exortação final, gostaríamos de sugerir a relevância de um estudo próximo que aprofundasse as diferenças por outros autores estudadas entre o processo adolescente feminino e masculino, mas desta feita que tivesse como ponto de partida a abordagem do Conflito Estético através do Rorschach, constituindo-se este trabalho como mera semente desse

exercício. Se nós nos debruçamos especificamente sobre a qualidade dos vínculos K (Conhecimento), por acreditarmos que são eles que mais veementemente podem dar conta do processo de pensar, de *tornar-se O*, defendemos que um novo estudo deveria abordar, em igual medida, a importância e qualidade dos vínculos L (Amor) e H (Ódio), com o objectivo de aprofundar a caracterização das relações entre os três tipos de vínculos e deles com o processo de pensar. Por fim, não podemos deixar de mostrar curiosidade em relação ao desconhecido que é a evolução do Conflito Estético nestes sujeitos, pelo que novo pensamento através do Rorschach, com as alterações inerentes ao estudo de uma identidade estabilizada, poderia mostrar-se profícua.



## Referências Bibliográficas

- BION, W. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e não-psicótica. In E. SPILLIUS, Melanie Klein Hoje, vol. 1 (pp. 69-86). Imago, Rio de Janeiro.
- BION, W. (1959). Ataques ao elo de ligação. In E. SPILLIUS, Melanie Klein Hoje, vol. 1 (pp. 95-109). Imago, Rio de Janeiro.
- BION, W. (1963). Learning from experience, Heinemann, Londres.
- BION, W. (1989). Two papers: The Grid and Caesura, Karnac, Londres, (1º ed. 1977).
- BION, W. (1990). Brazilian Lectures, Karnac, Londres. (1ª ed. 1973/1974).
- BION, W. (1991). A atenção e interpretação: O acesso científico à intuição em psicanálise e grupos, Rio de Janeiro. (1ª ed. 1970).
- BION, W. (2000). Clinical Seminars and other works, Karnac, Londres. (1ª ed. 1987).
- BION, W. (2000). Cogitações, Imago, Rio de Janeiro. (1ª ed. 1992).
- BOLLAS, C. (1989). L'objet transformationnel. Revue Française de Psychanalyse, 4, 1181-1197.
- BOLLAS, C. (1993). The aesthetic moment and the search for transformation. In P. RUDNYTSKY (Ed.), Transitional objects and potential spaces (pp. 40-49). New York: Columbia University Press.
- BRACONNIER, A. (1985). Ruptures et séparations. Adolescence, 3(1), 5-19.
- BRITTON, R. (1985). A situação edípica e a posição depressiva. In E. SPILLIUS, Conferências Clínicas sobre Klein e Bion (pp. 48-59). Imago, Rio de Janeiro.

CHABERT, C. (1990). Entre dedans et dehors: la contrainte au Rorschach. Adolescence, 8 (1), 185-198.

CHABERT, C. (1993). Narcissisme et relations d' object a l' adolescence : apports des epreuves projectives. Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue française, 37, 183-194.

CHABERT, C. (1998). O Rorschach na clínica do adulto: Interpretação psicanalítica (Traduç. portuguesa), Lisboa: Climepsi Editores. (Original publicado em 1997).

CHABERT, C. (2000). A Psicopatologia à prova no Rorschach. Lisboa: Climepsi.

DIAS, C. A. & FLEMING, M. (1998). A Psicanálise em tempo de mudança, Lisboa, Ed. Afrontamento.

DIAS, C. A. (1988). Para uma psicanálise da relação, Lisboa, Ed. Afrontamento.

DIAS, C. A. (1993). Só Deus em mim se opõe a Deus, Lisboa, Fenda.

DIAS, C. A. (1995). (A) Re-pensar: Colectânea psicanalítica, Porto, Edições Afrontamento.

DIAS, C. A. (1997). Tabela para uma nebulosa: Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion, Lisboa, Fim de Século.

DIAS, C. A. (1999). O Negativo ou o retorno a Freud, Lisboa, Fim de Século.

DIAS, C. A. (2000). Freud para além de Freud I, Lisboa, Fim de Século.

DIAS, C. A. (2003). Modelos de Interpretação em Psicanálise, Lisboa, Almedina.

DIAS, C. A., REZENDE, A. M. & ZIMERMAN, D.E. (1998). Bion hoje, Lisboa, Fim de Século.

EMMANUELLI, M. (1992). Penser la menace oedipienne: apports du Rorschach. Adolescence, 10 (1), 47-61.

EMMANUELLI, M. (1994). Incidences du narcissisme sur les processus de pensée a l'adolescence. Psychiatrie de l'enfant, 37 (1), 249-305.

EMMANUELLI, M. (2001). Les processus de changement à l'adolescence : apports du Rorschach. Neuropsychiatrie de l'enfance et adolescence, 49, 232-243.

FLEMING, M. (1992). O processo de separação – individualização adolescente: contribuições da teoria psicanalítica. Revista Portuguesa de Psicanálise, 10-11, 89-101.

FREUD, S. (1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, In S. FREUD, Textos Essenciais da Psicanálise: A teoria da sexualidade, (pp. 13-118). Publi. Europa-América, Mem Martins. (Original publicado em 1905)

GROTSTEIN, J. S. (1981). Splitting and Projective Identification. N.Y. Jason Aronson.

GROTSTEIN, J. S. (2003). Quem é o sonhador que sonha o sonho ? Um estudo de presenças psíquicas. Rio de Janeiro, Imago.

HINSELWOOD, R. D. (1992). Dicionário do pensamento Kleiniano, Porto Alegre, Artes Médicas.

HOUZEL, D. (1991). Identification introjective, réparation, formation du symbole. Journal de la Psychanalyse de l'Enfant, 10, 46-72.

HOUZEL, D. (1997). Le conflit esthétique. Adolescence, 15(1), 33-41.

HOUZEL, D. (1999). Séduction et conflit esthétique. Journal de la Psychanalyse de l'Enfant, 25, 109-130.

KLEIN, M. (1968). Contribution à l'étude de la psychogénèse des états maniaco-dépressifs. In M. KEIN, Essais de Psychanalyse (pp.311-340). Paris, Payot. (1ª ed. 1935).

KLEIN, M. (1976). Notes sur quelques mécanismes schizoïdes. In M. KLEIN, Développements de la Psychanalyse (pp. 276-300). Paris, P.U.F. (1ª ed. 1946).

KLEIN, M. (1996). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego. In M: KLEIN, Amor, culpa e depressão (1ª ed. 1930).

MARQUES, M. E. (1991). As manifestações dos mecanismos adaptativos – defensivos nos Rorschach de adolescentes. Análise Psicológica, 9(2), 203-209.

MARQUES, M. E. (1993). L'expression feminine et masculine de l'adolescence a travers le Rorschach: Le travail de transformation et de construction a l'adolescence. Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, 37, 41-45.

MARQUES, M. E. (1994). Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: contributos para a caracterização da Situação Projectiva. Análise Psicológica, 12(4), 431-439.

MARQUES, M. E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. Análise Psicológica, 14(1), 39-44.

MARQUES, M. E. (1996). Feminino, fecundo e finito. Expressão nos Rorschach de adolescentes. Análise Psicológica, 14(1), 45-52.

MARQUES, M. E. (1999). A Psicologia Clínica e o Rorschach. Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica, Lisboa, Climepsi Editores.

MARQUES, M. E. (1999). A Psicologia Clínica e o Rorschach. Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica, Lisboa, Climepsi Editores.

MELTZER, D. & WILLIAMS, M. H. (1995). A apreensão do belo, Rio de Janeiro, Imago. (1ª ed. 1988).

MELTZER, D. (1989). L'objet et le conflit esthétique. Journal de la psychanalyse de l'enfant, 7, 373-382.

MELTZER, D. (1989). Le narcissisme et la violence chez les adolescents. Journal de la psychanalyse de l'enfant, 7, 226-250.

MELTZER, D. (1990). Sexual States of Mind, Perthshire – Scotland, Clunie Press. (1ª ed. 1973).

REZENDE, A. M. (1994). A metapsicanálise de Bion: Além dos modelos, São Paulo, Papyrus Editora.

REZENDE, A. M. (1995). Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento, São Paulo, Papyrus Editora.

ROMAN, P. (2000). Clinique du clivage en méthode projective : violence et perte à l'adolescence. Psychologie clinique et projective, 6, 187-217.

SALGUEIRO, E. (1990). Breves reflexões sobre o narcisismo e o conflito estético na adolescência. Revista Portuguesa de Psicanálise, 8, 71-75.

SEGAL, H. (1991). Notas sobre a formação de símbolos. In E. SPILLIUS, Melanie Klein Hoje, vol. I (pp. 167-184). Imago, Rio de Janeiro.

STEINER, J. (1994). O equilíbrio entre as posições esquizo-paranóide e depressiva. In E. SPILLIUS, Conferências Clínicas sobre Klein e Bion (pp. 60-72). Imago, Rio de Janeiro.

STEINER, J. (1997). Refúgios Psíquicos, Rio de Janeiro, Imago.

SYMINGTON, J. & N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion, Lisboa, Climepsi.  
(1ª ed. 1997).

ZIMERMAN, D. (1995). Bion da teoria à prática, Artes Médicas, Porto Alegre.



Protocolo I  
Ana – 13 anos

	Resposta	Inquérito	Cotação
Cartão I 2"          1' 03"	<p>1- isto parece-me... tipo uma borboleta</p> <p>2- ao mesmo tempo um morcego... (faz caretas)...uma borboleta.</p> <p>3- um vampiro ... um morcego. Não me vem mais nada à cabeça.</p>	<p>- Borboleta com asas</p> <p>- Ao mesmo tempo parece um morcego por causa destes corninhos (<i>Dd sup. central</i>).</p> <p>- um bicho com asas é a melhor coisa que eu sei dizer.</p>	<p>- G F+ A Ban → kan</p> <p>- G F+ A</p> <p>- G FClob (A)</p>
Cartão II 27"   38"	<p>(Risos. Ar sério) ^ ...&lt; v &gt;</p> <p>- Não me vem nada à ideia.</p>		Recusa
Cartão III 22"          1' 09"	<p>4- parecem duas pessoas, ou um animal a fazer qualquer coisa. Parece mesmo qualquer coisa que pertence às duas pessoas, que não sabem mas que estão a tentar descobrir. Não me vem mais nada à ideia.</p>	<p>- duas pessoas por causa da forma da cara e do corpo em si. As mãos (<i>D central</i>). Estão a olhar muito fixamente um para o outro.</p>	- G K H Ban
Cartão IV 09"          48"	<p>(<i>abre muito os olhos</i>)</p> <p>5- parece uma pessoa muito alta.</p> <p>6- parece um animal deitado.</p> <p>7- uma pele de animal estendida no meio da sala. É estranho. É só.</p>	<p>- (<i>todo</i>)</p> <p>- a minha mãe tem um cobertor que é de um leão. Como o leão está em ponto grande fez-me lembrar por causa da cara (<i>D sup. central</i>) e por causa da cauda (<i>D inf. central</i>).</p> <p>- (<i>todo</i>).</p>	<p>- G F+ H</p> <p>- G F+ A</p> <p>- G FE A</p>

<p><b>Cartão V</b> 5"</p> <p>1' 03"</p>	<p>8- está-me a lembrar um... um bichinho com asas, não é bem uma borboleta, é uma espécie de borboleta mais esquisita. Resumindo, é um bichinho com asas da família da espécie da borboleta, uma coisa assim do género.</p>	<p>- as asas (<i>D lat.</i>). Aquelas borboletas que se encontram nas histórias de princesas e nos contos de fadas e nessas tretas todas.</p>	<p>- G F+ A Ban</p>
<p><b>Cartão VI</b> 5"</p> <p>47"</p>	<p>(<i>Ri-se muito</i>).</p> <p>9- Ai, estou-me a lembrar... a pele de um felino estendida no chão.</p> <p>10- v ^ parece um gato ou um tigre, ou lá o que é, está-me a lembrar o Silvester.</p>	<p>- se olhar para o focinho do Silvester faz lembrar com os bigodes (<i>D sup.</i>)</p>	<p>- G FE A Ban</p> <p>- G F+ A</p>
<p><b>Cartão VII</b> 16"</p> <p>1' 08"</p>	<p>(<i>Revira o nariz. Contorna o dedo com o cartão</i>).</p> <p>11- parece uma ilha deserta cheia de mistérios ou onde há alguma coisa a ser destruída, onde não vive ninguém, está mesmo deserta. Antes podiam viver ali pessoas, mas como foi destruída está deserta.</p>	<p>- A ilha (<i>negro</i>), aqui à volta é o mar (<i>branco</i>), a forma faz-me lembrar uma ilha. Podia ser um continente destruído, por causa das formas isto encaixava em qualquer sítio, mas foi destruído pela natureza em si.</p>	<p>- Gbl EF Geo</p>
<p><b>Cartão VIII</b> 5"</p>	<p>12- está-me a lembrar uma colina com dois...</p> <p>&lt; ^ &gt;</p> <p>13- parece que estão a subir uma espécie de vale, de uma montanha, dois animais que se querem encontrar mas não sabem como, como se fossem almas gémeas. É só.</p>	<p>- dois irmãos, dois leões, um à procura do outro (<i>rosa</i>). Isto tem esta separação (<i>eixo central</i>), uma parte era de um e</p>	<p>- D F± Nat</p> <p>- D kan A Ban</p>

1'		outra era de outro e quando chegassem ao cimo do ponto mais alto ( <i>cinzento</i> ), pudessem-se encontrar, por isso é que eu pensei que pudessem ser familiares ou amigos.	
<b>Cartão IX</b> 4"	14- faz-me lembrar um E.T. ( <i>abre muito os olhos</i> ), por ter estas partes assim, a cor da face, um ser de outro mundo, de outra dimensão.	- a forma da cara ( <i>Dbi central</i> ), a parte dos olhos ( <i>laranja e verde</i> ), isto sobe para cima e faz lembrar fumo ( <i>laranja</i> ). A boca ( <i>verde</i> ), o corpo e os braços ( <i>rosa</i> ), está vestido com qualquer coisa.	- Gbl K (H)
42"			
<b>Cartão X</b> 6" 24"	15- está-me a fazer lembrar aranhas, muitas aranhas. É só.	- ( <i>azul, cinzento sup. e inf.</i> )	- D F+ A

**Prova das escolhas:**

+ Cartão V – por causa da forma dele em si. Parece uma coisa real e ao mesmo tempo uma coisa que nunca existiu.

Cartão VIII – por causa das cores, da forma, da maneira do desenho em si.

- Cartão II – a forma é muito esquisita.

Cartão IX – por causa da forma é muito de outro mundo. Da parte onde eu imagino os olhos a deitar fumo e da boca a mesma coisa. É muito estranha.

**Psicograma I**  
**Ana – 13 anos**

R	15	G	10	80%	F	8	A	9	F%	53	
T.T		(Gbl	2)			+	(A)	1	F+%	94	
		D	3	20%		±	H	2	Fa%	93	↑
					K	2	(H)	1	A%	60	↑
					Kan	1	Geo	1	H%	13	
					FE	2	Nat	1	Ban	5	
					EF	1					
					FClob	1					

T. Apreensão: G; G bl; D

T.R.I 2K : 0 Σ C  
 F.C. 1Σ k : 2 Σ E  
 R.C% 27  
 I.A 0%

Protocolo II  
Ana – 16 anos e meio

	Resposta	Inquérito	Cotação
<b>Cartão I</b> 10"  44"	1- parece uma borboleta...  2- ou um morcego. Não sei, é uma imagem esquisita.	- a forma como ela está, pequenina aqui ( <i>D central</i> ) e depois as asas ( <i>D lat.</i> ).  - o morcego por causa da cor negra, ele é um bicho que vive no escuro.	- G F+ A Ban  - G F+ A →C'
<b>Cartão II</b> 10"  44"	- isto vai de mal a pior... são tão esquisitas, as imagens... agora de realce não me lembro de nada... as cores são tão esquisitas...	- estas cores muito escuras, o contraste entre o preto e o vermelho, tem um contraste de morte e de medo, a mim lembra-me isso.	- <i>Recusa</i>
<b>Cartão III</b> 9"  46"	3- aqui parecem duas pessoas a lutarem por qualquer coisa, frente a frente. Algo está a separá-las. É muito esquisito.	- da forma como elas estão frente a frente parece que elas estão a ver quem é que vai ficar.	- G K H Ban
<b>Cartão IV</b> 24'  1' 05"	4- aqui parece ser algo muito grande, ou com muito poder, o mostrar a sua grandeza, mas ao mesmo tempo transmite um bocado de medo. Não sei.	- é a forma como está colocado, é a cor, é grande e transmite medo ou receio.	- G FClob Abst.
<b>Cartão V</b> 5"  36"	- aqui mostra uma coisa pequenina, um ser pequenino, mas ao mesmo tempo está a mostrar-se grandioso talvez.	- a forma, parece que tem um corpo pequenino, uma coisa frágil, mas ao mesmo tempo parece que ele está a abrir as asas e é grande.	- G F+ A → kan
<b>Cartão VI</b> 14"  26"	( <i>Morde o lábio</i> ). - esta não me diz grande coisa.		- <i>Recusa</i>

<p><b>Cartão VII</b> 8"</p> <p>46"</p>	<p>6- esta aqui parece que há um vazio dentro de algo, falta aqui qualquer coisa, parece que algo foi retirado e agora faz falta, talvez.</p>	<p>- aqui no meio (<i>branco central</i>) falta algo para completar esta forma, parece que algo foi separado.</p>	<p>- Dbl F± Vazio</p>
<p><b>Cartão VIII</b> 5"</p> <p>54"</p>	<p>7- aqui parecem dois animais a subirem para um topo, para atingirem uma meta, um fim, um destino.</p> <p>- as cores são mais vivas, transmitem mais vida.</p>	<p>- está pequeno aqui, mas depois começa a aumentar as figuras de lado e no fim tem um topo, um biquinho, parece que estão os dois a lutar por esta meta, por este fim.</p>	<p>- D kan A Ban</p> <p>- <i>Coment. Cor.</i></p>
<p><b>Cartão IX</b> 12"</p> <p>43"</p>	<p>8- aqui esta parece uma cara, ou assim alguma coisa, parece que está a ser escondida, por medo talvez, não sei.</p>	<p>- parece que está aqui uma pessoa ou um ser que tem a cara tapada (<i>Dbl</i>), talvez o que as outras lhe dizem o obriguem a fazer isto, não sei.</p>	<p>- D bl Kp Hd</p>
<p><b>Cartão X</b> 8"</p> <p>39"</p>	<p>9- esta transmite alegria, parece que algo de bom aconteceu, uma festa, está tudo disperso. Muita vida.</p>	<p>- a forma como a imagem está colocada, as cores utilizadas são vivas, transmitem cor e alegria. Parece que algo aconteceu.</p>	<p>- Gbl CF Abst.</p>

**Prova das escolhas:**

+ Cartão VIII – porque demonstra um bocado de luta, uma meta ou um fim que eles querem atingir.

Cartão X – porque demonstra alegria, festa, que está tudo bem, pelas cores que tem, pelo menos é o que eu acho.

- Cartões II e IV – estas duas não me transmitem grande coisa, são imagens sem vida e as cores são muito escuras, muito mortas, transmitem medo e receio, não me fascinam muito

**Psicograma II**  
**Ana – 16 anos e meio**

R	9	G	7	78%	F	4	A	4	F%	44	↓
T.T		(Gbl)	1)		+	3	H	1	F+%	88	
		D	1	22%	±	1	Hd	1	Fa%	78	↑
		(DbI)	1)		K	1	Abst	1	A%	44	
		(D bl)	1)		Kan	1	Vazio	1	H%	22	
					Kp	1			Ban	3	
					FClob	1					
					CF	1					

T. Apreensão: G; Gbl; D; DbI; D bl

T.R.I 1K : 1 Σ C  
 F.C. 2Σ k : 0 Σ E  
 R.C% 33  
 I.A 11%

**Protocolo I**  
**André – 13 anos e meio**

	<b>Resposta</b>	<b>Inquérito</b>	<b>Cotação</b>
<b>Cartão I</b> 6"  30"	1 – isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo.	- esta cara... as orelhas todas defeituosas ( <i>D lat.</i> ), os olhos ( <i>DbI sup.</i> ), e isto deve ser o nariz ( <i>DbI inf.</i> ).	- G FClob (H)
<b>Cartão II</b> 4"  12"	2 – Costelas. Mais nada.	- porque isto tem uns traços ( <i>diferentes tonalidades do negro</i> ) que parecem costelas e aqui um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio ( <i>D verm. Sup.</i> ).	- D F- Anat.
<b>Cartão III</b> 5"  13"	3 – a cara de um sapo.	- os olhos nesta forma ( <i>verm. Inf.</i> ), ser assim uma cara redonda com o queixo raspado, achatado e isto parece o nariz ( <i>verm. central</i> ), o nariz do sapo.	- G F- Anat.
<b>Cartão IV</b> 3"  14"	4 – dois pinguins de costas um para o outro.	- esta cara tem a forma do pinguim com o bico branco ( <i>Dd lat. sup.</i> ) só que estão para baixo. O bico não parece assim tanto, parece de abutre.	- D bl F- A
<b>Cartão V</b> 3"  7"	5 – dois crocodilos.	(R. A.: A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água ( <i>negro</i> ))	- D F+ A  (D EF Elem.)
<b>Cartão VI</b> 3"  16"	6 – esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.	- o corpo dos ursos ( <i>D inf.</i> ), esta parte pode ser a cara deles ( <i>D sup.</i> )  (R. A.: Mas também o tapete de um urso).	- G F- A  (G F+ A)

<b>Cartão VII</b> 4"  13"	7 – duas caras, uma a olhar para a outra.	- o formato destas caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras ( <i>1º terço</i> ), isto é o pescoço ( <i>2º terço</i> ), e a saia ( <i>3º terço</i> ).	- G kp Hd
<b>Cartão VIII</b> 5"  19"	8 – dois hipopótamos.  9 – com duas lagartixas em cima deles.	- ( <i>rosa inferior</i> ) este aspecto gordo, com a cara parecida com o formato dos hipopótamos.  - as lagartixas ( <i>rosa lat.</i> ) por serem grandes e estarem a trepar.	- D F- A  - D F- A
<b>Cartão IX</b> 4"  25"	10 – Hum... uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina.	- são dois: cara ( <i>verde</i> ), os olhos aqui ( <i>DbI do verde</i> ), aqui uma boina ou um chapéu levantado para cima ( <i>laranja</i> ). Isto pode ser o corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo ( <i>rosa</i> ).	- Gbl F- Hd
<b>Cartão X</b> 4"  26"	11 – duas aranhas a fazerem uma teia.  12 – em cima do cabelo de um homem de bigode verde.	- isto parecem aranhas ( <i>azul</i> ), estão com umas coisas na mão ( <i>verde sup.</i> ).  - o cabelo do homem ( <i>rosa</i> ), isto são os olhos ( <i>amarelo</i> ), o nariz e o bigode ( <i>verde inf.</i> ).	- D Kan A  - DbI F+ Hd

### Prova das escolhas

+ Cartão IV – está mais giro, dá para ter mais ideia do que é.

Cartão X – dá para ter uma ideia do que poderá ser.

- Cartão I – porque não se tem nada a dizer. É bizarro.

Cartão VIII – é a mesma coisa, é um bocado bizarro, não dá para descobrir nada sobre isto.

### Inquérito dos limites

Podem ser duas pessoas a tocar tambor.

**Psicograma I**  
**André – 13 anos e meio**

R	12	G	5	42%	F	9	A	6	F%	75	↑
T.T		(Gbl	1)		+	2	Ad	1	F+%	22	↓↓
		D	7	58%	-	7	Hd	3	F+%a	27	↓↓
		(D bl	1)				(H)	1	A%	58	↑
		(DbI	1)		Kan	1	Anat.	1	H%	25	↑↑
					Kp	1			Ban	0	↓↓
					FClob	1					

**T. Apreensão:** G; Gbl; D; DbI; D bl

**T.R.I** 0 K : 0 Σ C

**F.C.** 2Σ k : 0 Σ E

**R.C** 42%

**I.A** 33%

**Elementos Qualitativos:** Choque Clob (I).

**Protocolo II**  
**André 16 anos e onze meses**

	<b>Resposta</b>	<b>Inquérito</b>	<b>Cotação</b>
<b>Cartão I</b> 6"  34"	1 – isto parece-me um insecto esquisito. Parece meio mosca, meio borboleta.	- isto aqui parece o corpo de uma mosca ( <i>D central</i> ), e isto ( <i>D lat.</i> ), as asas de uma borboleta.	- G F+ A
<b>Cartão II</b> 6"  44"	2 – isto parece-me uma caixa torácica. Parecem-me as costelas.  3 – o vermelho parecem órgãos por baixo daquilo. Mais nada.	- isto tem os efeitos de umas linhas que me faz lembrar os efeitos das costelas ( <i>no negro</i> ).  - e isto ( <i>D verm.inf.</i> ) dá a entender que parece um órgão, não sei bem qual mas parece.	- D F- Anat.  - D CF Anat.
<b>Cartão III</b> 10"  27"	4 - isto parecem duas pessoas. Só me faz lembrar isso.	- isto parecem as pernas, o corpo e a cabeça ( <i>negro</i> ).	- G K H Ban
<b>Cartão IV</b> 6"  26"	5 – parecem dois pinguins encostados a uma parede, de costas um para o outro.	- esta parte aqui com a mancha branca, faz lembrar a cabeça de um pinguim ( <i>Dd lat.</i> ), o corpo ( <i>D lat.</i> )	- G kan A →Confabulação
<b>Cartão V</b> 7"  33"	6 – isto parece-me uma borboleta.  7 – aqui, no final das asas, parece-me a cabeça de um jacaré.	- a borboleta é tudo.  - a cabeça do jacaré parece aqui nas duas asas.	- G F+ A Ban  - D F+ Ad
<b>Cartão VI</b>  10"  42"	Não faço a mínima ideia...  8 – parece aqueles tapetes feitos com um animal, um tigre, o nariz, os bigodes. Mais nada.	- a cabeça, os bigodes, a cabeça aberta ( <i>D sup.</i> ), e isto, parece o corpo, aqui as patas ( <i>D inf.</i> ).	→Recusa  - G FE A

<b>Cartão VII</b>	Não me faz lembrar nada... Ah!		→Recusa
15"	9 – isto parece uma cara de uma rapariga de lado, com os cabelos.	- esta parte ( <i>1º terço</i> ) parece uma rapariga.	- D F+ Hd
53"	10 – isto uma máscara de perfil.	- isto aqui em baixo tem umas manchas brancas que parecem uns olhos ( <i>2º terço</i> ), parece uma máscara.	- D bl F+ Másc.
<b>Cartão VIII</b>			
11"	11 – estes dois parecem-me animais. E o do meio não me faz lembrar nada de especial.	- animais ( <i>rosa lat.</i> ), não sei bem quais. Isto ( <i>mancha central</i> ) não identifiquei com nada.	- D F+ A Ban
38"			
<b>Cartão IX</b>			
16"	12 – isto faz-me lembrar dois elefantes, com a tromba para o ar, em cima de uma pedra ou de uma coisa assim.	- os elefantes parece esta parte laranja, com a tromba mais para cima, e estas coisas verdes, fez-me lembrar um penedo, ou uma rocha, ou uma coisa assim.	- G F- A
45"			
<b>Cartão X</b>			
12"	13 – esta parte aqui do meio faz-me lembrar qualquer coisa que parece o corpo humano.	- isto parece o corpo humano ( <i>entre os rosas laterais e o cinza superior</i> ).	- Dbl F- Anat.
	14 – este aqui parece um animal assim esquisito, parece uma lagosta ou uma coisa assim.	- lagosta ( <i>azul lat.</i> )	- D F+ A
58"		(R. A.: isto aqui a rosa parece uns cabelos, o amarelo os olhos e o verde uns bigodes. Parece um senhor com uns bigodes).	(Dbl F+ Hd)

### Prova das Escolhas

+ Cartão III – gostei da imagem.

Cartão IV – achei engraçada, as parecenças com um pinguim achei giro.

- Cartão VIII – porque isto não me diz quase nada.

Cartão IX – é a mesma coisa.

**Psicograma II**  
**André – 16 anos e onze meses**

R	14	G	7	50%	F	10	A	7	F%	71		
T.T		D	7	50%		+	7	Ad	1	F+%	70	↓
		(Dbl	1)			-	3	H	1	F+%a	82	
		(D bl	1)		K		1	Hd	1	A%	57	↑
					Kan		1	Anat	1	H%	14	
					CF		1	Másc.	1	Ban	3	
					FE		1					

**T. Apreensão:** G; D; Dbl; D bl

**T.R.I** 1K : 1  $\Sigma$  C

**F.C.** 1  $\Sigma$  k : 0,5  $\Sigma$  E

**R.C.** 28%

**I.A.** 28%

**Elementos qualitativos:** tendência recusa (VI, VII).